



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

TICIANNY FIGUEIREDO DA SILVA

**MONOTONGAÇÃO E DITONGAÇÃO:
UM ESTUDO DOS REFLEXOS DA VARIAÇÃO SONORA EM TEXTOS
DO SÉCULO XVII AO XX**

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

TICIANNY FIGUEIREDO DA SILVA

**MONOTONGAÇÃO E DITONGAÇÃO:
UM ESTUDO DOS REFLEXOS DA VARIAÇÃO SONORA EM TEXTOS
DO SÉCULO XVII AO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Huda da Silva Santiago

Feira de Santana-BA
2024

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

S584

Silva, Ticianny Figueiredo da

Monotongaço e ditongaço : um estudo dos reflexos da variaço sonora em textos do século XVII ao XX / Ticianny Figueiredo da Silva. – 2024.
126 f.: il.

Orientadora: Huda da Silva Santiago.

Dissertaço (mestrado) – Programa de Pós Graduaço em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, 2024.

1. Sociolinguística histórica. 2. Monotongaço. 3. Ditongaço.
4. Língua Portuguesa – Brasil. 5. Fenômenos grafofonéticos. 6. Variaço linguística. 7. Sertanejos baianos. I. Título. II. Santiago, Huda da Silva, orient.

CDU 801:806.90(814.22)

Luis Ricardo Andrade da Silva Bibliotecário CRB 5/1790

TERMO DE APROVAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

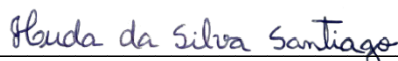
MONOTONGAÇÃO E DITONGAÇÃO: UM ESTUDO DOS REFLEXOS DA VARIAÇÃO SONORA EM TEXTOS DO SÉCULO XVII AO XX

TICIANNY FIGUEIREDO DA SILVA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, área de concentração Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa Variação e Mudança Linguística no Português, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 15 de abril de 2024.

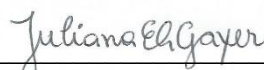
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Huda da Silva Santiago
Universidade Estadual de Feira de Santana
Orientadora



Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinador Interno



Profa. Dra. Juliana Escalier Ludwig Gayer
Universidade Federal da Bahia
Examinadora Externa

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Jeová Deus por toda a sua bondade imerecida e por todas as vezes que me ajudou (Provérbios 2:6).

À Profa. Dra. Huda Santiago, pelo exemplo de competência, dedicação e generosidade. Sou grata por ter me mostrado, ainda na graduação, os caminhos da Filologia, da Linguística Histórica e dos estudos em Língua Portuguesa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UEFS, pelas contribuições que deram ao meu trabalho e pelos ensinamentos durante as aulas do curso.

Aos colegas de curso por todo suporte e acolhimento em momentos difíceis e pela troca de conhecimento.

Ao Professor André Moreno pelas valiosas contribuições que deu ao meu projeto no início da pesquisa.

Aos professores Natival Simões Neto e Juliana Ludwig-Gayer, banca examinadora do exame de qualificação, por tanta generosidade em contribuir com essa pesquisa através de valiosas sugestões e referências.

À minha família por todo o suporte.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento a esta pesquisa, o que me possibilitou uma dedicação exclusiva à produção deste trabalho.

Ao provável leitor, que possivelmente divide comigo os gostos pela Sociolinguística e por fenômenos linguísticos, desejando que esta dissertação o ajude em pesquisas futuras.

“o português são dois; o outro, mistério”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Neste trabalho faz-se um estudo comparativo-descritivo dos fenômenos grafofonéticos de monotongação, com a redução de ditongos orais e nasais, e de ditongação, com inserção da semivogal [j] e da semivogal [w], a fim de identificar os contextos em que ocorrem em textos de escreventes pouco hábeis na técnica da escrita. Os *corpora* utilizados como base para o estudo são cartas de sertanejos baianos (século XX), escreventes estacionados na fase inicial de aquisição da escrita, que foram caracterizados por Santiago (2019) como escreventes *inábeis*, além de dados extraídos de 12 entrevistas-narrativas orais desses mesmos sertanejos. Para verificar como os fenômenos grafofonéticos em análise se comportam em textos escritos por redatores pouco familiarizados com a escrita em diferentes períodos, foi utilizado, também, os documentos de *inábeis* da Inquisição portuguesa do século XVII (Marquilhas, 2000), as cartas de comércio escritas por mercadores portugueses, pouco hábeis, do século XVIII (BARBOSA, 1999), e as atas escritas por africanos e afrodescendentes na Bahia do século XIX (OLIVEIRA, 2006). O quadro teórico-metodológico parte dos estudos da Sociolinguística Histórica a partir de Conde Silvestre (2007), Romaine (2009 [1982]), e de Mattos e Silva (2004), também da Sociolinguística Variacionista a partir dos estudos de Labov (2008 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). A comparação entre os *corpora* mostrou que a monotongação aparece em todos os acervos, principalmente em 3 ditongos, a saber: *ou*, *ei* e *ai*. A ditongação ocorre, na maioria dos casos, por causa de sílabas travadas por /S/, no caso da semivogal [j], e em relação à semivogal [w], forma ditongos decrescentes. Foram encontradas mais de 280 ocorrências dos dois fenômenos nas entrevistas-narrativas, com uma quantidade maior de monotongações em contextos favorecedores semelhantes aos dos textos escritos.

Palavras-chave: Sociolinguística Histórica. Fenômenos grafofonéticos. *Mãos inábeis*. Monotongação e Ditongação.

ABSTRACT

This work seeks to carry out a comparative-descriptive study of the graphophonetic phenomena of monophthongization with the reduction of oral and nasal diphthongs, and diphthongization, with the insertion of the semivowel [j] and semivowel [w], in order to identify the contexts in which occur in texts written by writers who are not very skilled in writing techniques. The *corpora* that will be used as a basis for the study are letters from *sertanejos baianos* (20th century), writers stationed in the initial phase of acquiring writing, who were characterized by Santiago (2019) as *inábeis* writers, in addition to data extracted from 12 interviews -oral narratives from these same *sertanejos*. The analysis has objective oh the to verify how the graphophonetic phenomena behave in texts written by writers unfamiliar with writing in different periods, documents from the Portuguese inquisition of the 17th century (MARQUILHAS, 2000), commercial letters written by *inábeis* Portuguese merchants from the 18th century (BARBOSA, 1999), and the minutes written by Africans and people of African descent in Bahia in the 19th century (OLIVEIRA, 2006). The theoretical-methodological framework is based on studies of Historical Sociolinguistics from Conde Silvestre (2007), Romaine (2009 [1982]), and Mattos e Silva (2004), also from Variationist Sociolinguistics based on studies by Labov (2008 [1972]) and Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]). The comparison between the *corpora* showed that monophthongization appears in all collections mainly in 3 diphthongs, namely: *ou*, *ei* and *ai*. Diphthongization occurs, in most cases, because of syllables stopped by /S/, in the case of the semivowel [j], and in relation to the semivowel [w] it forms decreasing diphthongs. More than 280 occurrences of the two phenomena were found in the narrative interviews, with a greater number of monophthongizations in favorable contexts similar to that of texts.

Palavras-chave: Historical Sociolinguistics. Graphophonetic Phenomena. *Mãos Inábeis*. Monophthongization and Diphthongization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Exemplo de documento do acervo da Inquisição	38
Figura 2	Exemplo de documento do acervo de Carta de Comércio	39
Figura 3	Exemplo de documento do acervo Atas de africanos e afrodescendentes	40
Figura 4	Exemplo de documento do acervo Cartas em Sisal	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Síntese sobre a origem dos ditongos	19
Quadro 2	Síntese dos contextos de ocorrências de monotongações nos séculos XIX e XX	59
Quadro 3	Síntese: monotongações através dos séculos	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Monotongação de ditongos orais nas narrativas	61
Tabela 2	Ditongação com a inserção da semivogal [j] e da semivogal [w]	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OS PROCESSOS DE MONOTONGAÇÃO E DITONGAÇÃO	13
2.1 DITONGOS NO PORTUGUÊS: ORIGENS E PROCESSOS	13
2.2 ALGUNS ESTUDOS ANTECEDENTES	20
3 PERCURSOS TEÓRICOS PARA O ESTUDO LINGUÍSTICO SÓCIO-HISTÓRICO	25
3.1 ASPECTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	27
3.2 ASPECTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA	28
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS	33
4.1 FONTES DE DADOS	33
4.1.1 Século XVII	34
4.1.2 Século XVIII	34
4.1.3 Século XIX	35
4.1.4 Século XX	35
5 A MONOTONGAÇÃO E A DITONGAÇÃO EM TEXTOS ESCRITOS POR MÃOS INÁBEIS E EM DADOS DE FALA	43
5.1 OS DADOS EM TEXTOS DOS SÉCULOS XVII, XVIII e XIX	43
5.1.1 Século XVII	43
5.1.2 Século XVIII	45
5.1.3 Século XIX	47
5.2 OS DADOS EM TEXTOS DO SÉCULO XX	59
5.2.1 Síntese	59
5.3 OS DADOS NAS NARRATIVAS ORAIS DOS SERTANEJOS BAIANOS	59
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS-NARRATIVAS DOS SERTANEJOS BAIANOS	

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é vinculada à linha *Variação e Mudança do Português Brasileiro*, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e desenvolve-se no âmbito do projeto *Documentos produzidos por mãos inábeis: estudos linguísticos e filológicos* (CONSEPE 083/2020), que faz parte do *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS)¹, um projeto que integra o Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP), da UEFS.

O Português Brasileiro é uma das línguas românicas que possui em sua história de formação o contato entre diversas línguas – indígenas, africanas e a língua portuguesa (Mattos e Silva, 2004). Pesquisadores como Rosa Virgínia Mattos e Silva (2008c) e Dante Lucchesi (1994) comentam que a complexa formação dessa língua deveria ser dividida em dois polos, abrangendo as variedades mais vernaculares e as mais cultas. Diante disso, o Português Brasileiro não deve ser tratado de forma homogênea, e a sua história pode ser estudada “olhando o passado, partindo do presente e admitindo que o português brasileiro é heterogêneo, polarizado e plural” (Mattos e Silva, 2008c, p. 15). No entanto, tem sido um desafio localizar fontes que sejam mais transparentes à língua das sincronias passadas, então os documentos escritos por *mãos inábeis* (Marquilhas, 2000) podem contribuir nesse sentido.

A pesquisa parte, portanto, do quadro teórico-metodológico apresentado pela Sociolinguística Histórica e pela Sociolinguística Variacionista e tem por tema os fenômenos de monotongação, com a redução de ditongos orais e nasais, e a ditongação, com inserção da semivogal [j] e da semivogal [w], com o objetivo de identificar os contextos em que ocorrem, em textos de escreventes que possuem pouca habilidade na técnica da escrita. O principal *corpus* utilizado é constituído por cartas de sertanejos baianos, escreventes estacionados na fase inicial de aquisição da escrita, caracterizados por Santiago (2019) como escrita *inábil*, além de dados extraídos de 12 entrevistas-narrativas orais desses mesmos sertanejos. A comparação entre os dados escritos e os dados de fala dos mesmos escreventes é uma tentativa de verificar se os aspectos identificados na escrita mais *inábil* podem mesmo ser reflexos da fala.

¹ O CE-DOHS é coordenado pelas Professoras Doutoras Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, é de acesso livre e gratuito para pesquisadores diversos e para toda a sociedade, disponibilizado em: www.uefs.br/cedohs. Este é o site do NELP: <https://nelpuefs.wordpress.com/>

Foram utilizados, também, os documentos de *inábeis* da Inquisição portuguesa do século XVII (Marquilhas, 2000), as cartas de comércio escritas por mercadores portugueses, *pouco hábeis*, do século XVIII (Barbosa, 1999), e as atas escritas por africanos e afrodescendentes na Bahia do século XIX (Oliveira, 2006), para verificar como os fenômenos grafofonéticos em análise se comportam em textos escritos em diferentes períodos da língua portuguesa. Neste sentido, questiona-se: como os fenômenos ditongação e monotongação se caracterizam, do ponto de vista comparativo-descritivo, em textos escritos por redatores pouco familiarizados com a escrita, de diferentes períodos? Em relação a esses fenômenos, os textos de escreventes *inábeis* são mais transparentes à modalidade oral da língua?

O estudo desses processos em fontes de períodos históricos variados pode ajudar na caracterização do comportamento desses fenômenos no português. Abaurre (2019), ao fazer um estudo sobre monotongações e ditongações em diferentes *corpora* do *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), reconhece que “os dados de escrita são complexos e não podem por si sós ser tomados como evidência de pronúncias específicas, porque sua ocorrência pode ter origens diversas” (Abaurre, 2019, p. 80). Dessa forma, muitos fatores podem contribuir para que esses fenômenos aconteçam na escrita e se faz necessário saber se eles ocorrem em contextos semelhantes, se pertencem às variedades estigmatizadas e/ou se fazem parte da época em que foram escritos.

Assim, o objetivo geral foi realizar um estudo comparativo-descritivo dos fenômenos grafofonéticos ditongação e monotongação em textos de sincronias passadas e verificar se esses fenômenos estão presentes também em dados orais de entrevistas-narrativas, produzidas com alguns dos escreventes. Para atingir esse objetivo, foi necessário identificar e caracterizar os contextos de realização dos fenômenos, a partir do levantamento das ocorrências nos *corpora*, e verificar se as ocorrências indicam um reflexo da fala na escrita ou se podem ser decorrentes da dificuldade dos escreventes com a técnica do registro gráfico.

As contribuições para o campo da Sociolinguística Histórica e, também, para os estudos filológicos, no que se refere ao tratamento das fontes, com textos de *mãos inábeis*, são no sentido de investigar se o comportamento desses fenômenos grafofonéticos apresenta os mesmos contextos favorecedores, e se a presença na escrita pode ser ou não marca da oralidade. Ao caracterizar sua natureza, pretende-se contribuir para os estudos que têm sido realizados, como o de Oliveira (2008), que estudou a ocorrência dos dois fenômenos em atas escritas por africanos e afrodescendentes na Bahia do século XIX; o de Hora (2013), que partiu da hipótese de que a monotongação de ditongos crescentes está associada a variáveis sociais, como o nível de escolaridade do falante, e o de Abaurre (2019), que analisou, em textos dos séculos XVIII,

XIX e XX, pistas sobre a ocorrência de monotongação e ditongação no Português Brasileiro. Há, ainda, trabalhos como o de Silva (2015), Santos (2021) e Nascimento (2021), que realizaram estudos sobre esses fenômenos na escrita de estudantes da educação básica, e os trabalhos de Hora e Silva (1999), Haupt (2007; 2011), Chaves (2017) e Souza (2022) que utilizaram dados de fala.

Ressalta-se que as fontes de dados do século XX utilizadas por Abaurre (2019) são as 131 cartas, de acervos pessoais, escritas por sertanejos, disponibilizadas na tese de doutoramento de Santiago (2019) e que também serão utilizadas neste trabalho. O estudo proposto por Santiago (2019) teve o objetivo de “estabelecer uma proposta metodológica para o reconhecimento da inabilidade em escrita alfabética [...] na tentativa de contribuir com o estabelecimento de parâmetros para o tratamento metodológico de outros *corpora*” (Santiago, 2019, p. 185, grifo da autora). A pesquisadora fez o levantamento de diversos fenômenos grafonéticos para exemplificar os níveis de inabilidade, mas não detalhou os contextos de ocorrência. No entanto, Abaurre (2019) detalhou alguns contextos favorecedores para a ocorrência dos fenômenos da monotongação e da ditongação, porém deixou claro, em alguns momentos, que não era possível saber “[...] se se trata de reflexo da pronúncia regional ou se, mais uma vez, é uma tendência observada na escrita de *mãos inábeis*” (Abaurre, 2019, p. 99). No caso do *corpus* do século XX, é possível responder a essa questão deixada por Abaurre (2019), visto que Santiago (2019) conseguiu constituir um *corpus* oral com os mesmos escreventes das cartas, a partir de 12 entrevistas-narrativas. Os outros textos analisados por Abaurre (2019) não foram escritos por pessoas *inábeis* ou *pouco hábeis*, ainda assim, a autora revela que muitos deles refletem uma certa informalidade. Este trabalho é motivado, portanto, por esse estudo de Abaurre (2019), no entanto, a investigação considerará apenas a presença dos dados em textos de escreventes com pouca habilidade com a escrita.

Desse modo, esta dissertação pode elucidar questões referentes à história da língua portuguesa, principalmente devido ao fato de Santiago (2019) concluir “[...] que documentos escritos em nível máximo de inabilidade podem ser mais transparentes aos usos da oralidade” (Santiago, 2019, p. 187), o que permite uma aproximação às vertentes populares do Português Brasileiro. Da mesma forma, textos não literários, que são mais representativos da escrita cotidiana, podem se aproximar a contextos do passado em relação a fenômenos linguísticos, trazendo pistas de como era o vernáculo em certa época (Barbosa, 2008).

Feitas essas considerações iniciais, esta dissertação está organizada da seguinte forma: na próxima seção são apresentados aspectos conceituais e históricos sobre os ditongos na língua portuguesa, bem como alguns estudos que já foram desenvolvidos sobre esse tema. A seção 3

aborda o quadro teórico-metodológico em que se baseia esta pesquisa, dividida em duas subseções, uma que aborda acerca da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]), e outra, sobre a Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007; Romaine, 2009 [1982]). A seção 4, com os aspectos metodológicos, terá como base Mattos e Silva (2010), demonstrando que este trabalho utilizará o método descritivo-interpretativo e detalhando as fontes de estudo. Em seguida, serão apresentados os resultados, com a discussão acerca dos fenômenos monotongação e ditongação presentes nos *corpora*. E, por fim, serão apresentadas as considerações finais.

2 OS PROCESSOS DE MONOTONGAÇÃO E DITONGAÇÃO

Nesta seção, serão apresentados alguns aspectos sobre os ditongos na língua portuguesa, a partir de estudos desenvolvidos por linguistas e gramáticos na perspectiva histórica, evidenciando contextos em que ocorrem os processos de monotongação e ditongação, e algumas pesquisas sociolinguísticas e sócio-históricas já desenvolvidas sobre esses fenômenos, principalmente em torno do português no/do Brasil.

2.1 DITONGOS NO PORTUGUÊS: ORIGENS E PROCESSOS

Para compreender os fenômenos da monotongação e da ditongação é necessário elucidar os processos relacionados à formação de ditongos na história da língua portuguesa. Os ditongos podem ser definidos como uma sequência de segmentos vocálicos que ocorrem em uma mesma sílaba (Cristófaros Silva, 2011) e podem ser classificados como ditongos orais, nasais, crescentes e decrescentes. Coutinho (1976), em capítulo sobre *Fonética Descritiva* na sua *Gramática Histórica*, explica que o ditongo é oral ou nasal “segundo o ar se escapa todo pela boca ou parte pela boca e parte pelo nariz” (Coutinho, 1976, p. 92). E quanto a ser crescente ou decrescente, no primeiro caso “o elemento mais forte, acentuado, que é a vogal, vem em primeiro plano: *ai* (*vai*), *ei* (*lei*); naqueles, a vogal figura em segundo lugar: [...] *ua* (*quadro*)” (Coutinho, 1976, p. 92).

A origem dos ditongos na língua portuguesa foi tratada por diversos estudiosos, como Huber (1933), Said Ali (1971), Câmara Jr. (1975) e Coutinho (1976). Esses autores mostram que no latim já existiam ditongos, alguns desapareceram e outros se formaram na passagem para as línguas românicas através de transformações fonéticas. Segundo Coutinho (1976, p. 143), “[...] cada geração altera inconscientemente, segundo as suas tendências, as palavras da língua, alterações essas que se tornam perfeitamente sensíveis, só depois de decorrido muito tempo”. Essas alterações podem ser motivadas pela troca, pelo acréscimo, pela supressão e pela transposição de fonema ou de acento tônico e são percebidas em diferentes épocas.

Basicamente, um ditongo no português é formado por uma vogal e uma semivogal. Gonçalves e Belchor (2017) afirmam que o latim clássico apresentava duas semivogais, que são as mesmas que existem no português hoje: [j] e [w]. Mas na fase clássica do latim não formavam ditongos porque possuíam valor de consoante, ainda assim, essa variedade do latim possuía quatro ditongos: æ e œ, ew e aw. Segundo Teyssier (1984), os ditongos æ e œ do latim clássico passaram a vogais simples no latim imperial e, no português, a partir das manifestações

em latim vulgar, mudaram ou para vogais simples ou para outros ditongos, como por exemplo *cæcu* por *cego* e *fædum* que passou a *feo* e, no português atual, *feito*.

Said Ali (1971) afirma que o ditongo *ei* provém da inserção do *i* em palavras como *meio*, *meia*, *veio*, *veia* etc. No português antigo quase sempre se representava com a terminação *eo*, *ea* e o gramático explica que ocorreu a queda do *d* nessas palavras, ao afirmar que “[...] quanto às palavras que tiveram o *di* antes da vogal terminal não se pode repudiar a conclusão da existência de *i* primitivo; pois que teríamos: *mediu*>*meeio*>*meio*. O desuso da palatal no português antigo em vocábulos desta espécie deve-se atribuir à influência da pronúncia de *vea*, *freo*, *cea*, etc” (Said Ali, 1971, p. 40).

No que se refere ao ditongo *oi*, Said Ali (1971) mostra que ele é proveniente de metátese nos casos em que as palavras terminam com *oiro* e existe a inversão do *r* pelo *i*: *Duriu* por *Doiro*, *adjutoriu* por *ajudoiro*. E em palavras como *boi* e *sois*, o *i* antes era representado por *e*: *bove* e *sondes*.

No caso do ditongo *ou*, nas pesquisas feitas pelo autor em textos literários, foi observado que esse ditongo provém do antigo ditongo *au* do latim e cita exemplos como: *auru* por *ouro*, *lauru* por *louro*, *autumnu* por *outono*. O autor ainda mostra que os ditongos *oi* e *ou* de alguma forma possuem relação:

À influência deste amplo emprego da subjuntiva *u* não puderam escapar os vocábulos que a princípio se diziam com a terminação *oiro*: *Doiro* passou a ser *Douro*, e *moiro* (verbo *morior*) identificou-se com *mouro* (substantivo). Por outro lado, porém gerou-se a par de *noute*, a forma *noite*, que é a usada atualmente (Said Ali, 1971, p. 41).

Huber (1933), em sua *Gramática do Português Antigo*, não aborda especificamente a história dos ditongos na língua portuguesa, mas ao falar sobre a história do vocalismo o autor revela informações interessantes sobre os ditongos da língua. No que diz respeito ao ditongo *ai*, por exemplo, o autor afirma que pode ter aparecido já no latim vulgar, ter se formado por atração do *i* = *j* da sílaba seguinte ou ter formado devido a passagem do *c*, antes das consoantes *t* e *s* a *i*. Além disso, o gramático mostra que este ditongo transformou-se no ditongo *ei*, em casos como *amai* por *amei* e *factu*>*fectu* por *feito*. O mesmo diz Williams (1986), mas o autor acrescenta que “[...] se um hiato com *e* se formava pela queda em português de uma consoante intervocálica, a modificação para *ei* não ocorre: *amatis* > *amades* > *amais*” (Williams, 1986, p. 42). Sobre o ditongo *au*, Huber (1933) sugere que ele pode ter se formado pela contração do *a* da sílaba tônica por atração do *u* = *u* da sílaba seguinte, também ele pode ter aparecido depois da passagem de *l* (antes de *p*, *t*, *c*) a *u*, transformando-se no ditongo *ou* como é o caso de *aut* por *ou*, *cautu* por *couto* e *thesauru* por *tesouro*. Já Coutinho (1976) mostra que o ditongo *au*

pode provir da queda de fonema medial como em *amaut* > *amavit* > *amou* e da transposição do *u* para a sílaba anterior como em *habui* > *houve*.

Mattos e Silva (2008b [1991]) mostra que, no período arcaico do português, os ditongos crescentes (semivogal + vogal) que têm a semivogal /j/ são derivados de hiatos do latim (como no latim *pluvial* > *chuvia*, *superpia* > *sobervia*, e *ravia*, correspondendo a chuva, soberba e raiva no português atual) e os com semivogal /w/ ocorrem seguindo as velares /k/ e /g/. Em relação aos ditongos nasais, Mattos e Silva (2008b [1991], p. 67) revela que eles “[...] resultam de vogais seguidas de consoantes nasais no latim” e cita os exemplos, *lana* > *lã*, *manu* > *mão*. Como a própria autora afirma “o fazer-se e desfazer-se de sequências vocálicas do português é um fenômeno complexo, diversificado e variável que acompanha sua história desde as origens” (Mattos e Silva, 2008b [1991], p. 67).

Todos os autores citados anteriormente concordam que os ditongos que surgiram da passagem do latim para o português são derivados de transformações fonéticas. E de todas as línguas românicas, o português é a língua que mais possui ditongos. Coutinho (1976) fez um resumo das possíveis causas dessa ocorrência:

- a) A síncope ou queda de fonema medial: *malu* > *mau*, *palu* > *pau*, *lege* > *lei* [...]
 - b) A vocalização ou transformação de consoante em vogal, em certos grupos consonantais: *alt(e)ru* > *autro* > *outro*, *factu* > *faito* > *feito*, *conceptu* > *conceito* [...];
 - c) A metátese ou transposição de fonema: *primariu* > *primário* > *primeiro*, *libraru* > *livrairo* > *livreiro* [...]. em todos estes exemplos, em que a transposição do *i* é antiga, ai deu regularmente *ei*. Em caso contrário, isto é, quando se operou em época mais recente, ai não se modificou: *rabia* por *rabie* > *ravia* > *raiva*, *capiam* > *cabia* > *caiba*, *sapiam* > *sabia* > *saiba*, *apiu* > *aipo*;
 - d) A epêntese de uma vogal para desfazer o hiato: *credo* > *creo* > *creio*, *tela* > *tea* > *teia*, *frenu* > *freo* > *freio*.
- O ditongo *ão* tão frequente em nossa língua, representa modernamente as formas do português arcaico *ão*, *am* e *om*, correspondentes ao latim *anu*, *ane*, *one*, *ine*, *unt*, *um*, *on*, *ant*, *a(d)unt*: *veranu* > *verão*, *paganu* > *pagão*, *pane* > *pão*, *cane* > *cão*, *oratione* > *oração*, *devotione* > *devoção* [...] *sunt* > *são*, *intum* > *então*, *non* > *não*, *dant* > *dão* [...] (Coutinho, 1976, p. 110).

As transformações fonéticas citadas por Coutinho (1976) são processos chamados de metaplasmos. Viaro (2011), ao explicar como a compreensão das mudanças fonéticas contribuem para o estudo da etimologia, comenta sobre os metaplasmos por aumento, mais especificamente um caso de epêntese, a adição de semivogais no interior de algumas palavras do Português Brasileiro, geralmente entre uma vogal tônica e um /S/ final como em *arroz* > [a'xojs], *capaz* > [ka'pajs], *voz* > [vɔjs] e *freguês* > [fre'gejs]. E o autor também comenta sobre os metaplasmos por subtração, incluindo a monotongação, como um fenômeno de mudança fonética.

O processo de monotongação, segundo Cristóvão Silva (2011), é um fenômeno em que a semivogal de um ditongo é suprimida, e ele passa a ser produzido como uma única vogal. A redução do ditongo *ou*, por exemplo, já é consolidada no Português Brasileiro e os gramáticos já a reconhecem como norma (Cunha e Cintra, 2016, p. 61). Paiva (1986, p. 175-176, *apud* Leão, 2013, p. 18) afirma que esse ditongo está “perdendo sua realidade linguística em favor da vogal simples [...], esta mudança está quase completa em todos os dialetos do português, tanto brasileiros, quanto europeus”. Bagno (2012) afirma que, independentemente do contexto fonético em que se encontre o ditongo, *ou* sempre será pronunciado [o] e cita os seguintes exemplos: “ouro [‘oru] inicial tônica; tesouro [ti’zoru] medial tônica; acabou [aka’bo] final tônica; couraça [ko’rasa] inicial átona; agourar [ago’rah] medial átona” (Bagno, 2012, p. 321).

Trabalhos como os de Bisol (1994) e Oliveira (2008) mostram que a monotongação do ditongo *ei* e *ai* está relacionada ao som que vem depois dele. No caso do *ei*, seria o som das letras *r*, *j* e *x*, e no caso do ditongo *ai*, seria apenas de letras representadas pelo som de *x*. Desses contextos, Oliveira (2008) cita que encontrou os seguintes casos nas atas produzidas, no século XIX, por africanos e afrodescendentes: *cadeira* por *cadera* (LSS, 16.17²), *cajueiro* por *cajuero* (LSS, 37.32), *deixa* por *dexa* (LSS, 40.40), *baixa* por *baxa* (AJB, 01.04), *caixa* por *caxa* (SRS, 01.30). Essa tendência de os ditongos reduzirem-se a simples vogais remonta ao próprio latim vulgar, segundo Coutinho (1976). O autor mostra que o ditongo *æ* foi reduzido nas palavras: *cælebs* por *celebs*, *sæpis* por *sepis*, *æquale* por *igual*, *ætate* por *idade*, *cælu* por *céu* e que já havia registro dessa redução em meados do século I a.C.:

Na zona rural do Lácio, *æ* já era pronunciado *e*, no meado do século I a.C., segundo o testemunho de Varrão: ‘in Latio rure *edus* qui in urbe, ut in multis a addito *ædus*’. Um século depois essa pronúncia penetrou em Roma e se espalhou pelas províncias. Devem ser de origem dialetal *præda* > *præ* > *preia*, *sæta* > *seda*. Nas inscrições hispânicas, este ditongo aparece reduzido a *e* do século I em diante. (Coutinho, 1976, p. 108)

Sobre o processo de ditongação, como já comentado, que ocorre quando uma semivogal é inserida após uma vogal, Callou; Leite; Moraes (2000, p. 95) revelam que, na história do português, “registram-se, em épocas diversas” e que, no português atual, esse processo ocorre em diversos contextos. Alguns pesquisadores mostram que esse fenômeno “[...] é essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas alcançadas na realização na fala” (Moura; Silva Jr., 2020). No entanto, Nunes (1989) em sua *Gramática Histórica Portuguesa*

² “A identificação dos exemplos extraídos das atas segue o formato usado por Oliveira (2006), com a indicação da sigla do redator, seguida do número do documento e do número da linha no texto, na edição filológica” (Santiago, 2019, p. 34)

revela que não era raro na escrita “a representação por *ou* de um simples *o*, como em: *hou, oulá, oulhar, ouceano, oucioso* [...], que hoje soam: *ó, olá, olhar, oceano, ocioso* [...]; é possível que os autores de tais grafias tivessem em vista representar desse modo o som que em alguns dialectos, o algarvio, por exemplo, tem o *o* naquelas condições, isto é, inicial átono” (Nunes, 1989, p. 82). No que se refere a outros vocábulos, Nunes (1989) informa que a explicação se dá de forma semelhante. Segundo o autor “é o que talvez aconteceu a *ouriente*, com o seu antônimo *ouciente*, que, evolucionado de *oiciente*, se encontra em antigos escritos [...]. Na língua arcaica encontra-se também *prouximo* [...]” (Nunes, 1989, p. 83). Nos documentos analisados, por exemplo, ocorrem casos como *bolaixa* por *bolacha* (Carta de Comércio- 149) e *toudo* por *todo* (ICO³-Carta 48).

No quadro a seguir, sintetizam-se as informações encontradas nas gramáticas históricas e em alguns estudos linguísticos sobre a origem dos ditongos.

³ A identificação das cartas de inábeis do século XX contam com as iniciais do nome do redator, seguindo do número da carta.

Quadro 1 – Síntese sobre a origem e desenvolvimento dos ditongos

Ditongos	Origens/formação
<i>ai</i>	- Latim vulgar – formou-se por atração do <i>i</i> = <i>ĩ</i> da sílaba seguinte ou formou-se devido à passagem do <i>c</i>, antes das consoantes <i>t</i> e <i>s</i> a <i>i</i>. - Provém de metátese que é a inversão de segmentos na sílaba como em <i>rabia</i> > <i>ravia</i> > <i>raiva</i>. (Gonçalves e Belchor, 2017)
<i>au</i>	- Contração do <i>a</i> da sílaba tônica por atração do <i>u</i> = <i>ũ</i> da sílaba seguinte. - Pode ter aparecido depois da passagem de <i>l</i> (antes de <i>p</i>, <i>t</i>, <i>c</i>) a <i>u</i>, transformando-se no ditongo <i>ou</i> como é o caso de <i>aut</i> por <i>ou</i>, <i>cautu</i> por <i>couto</i> e <i>thesauru</i> por <i>tesouro</i>. (Huber, 1933) - Síncope de consoantes alveolares intervocálicas como em <i>malu</i> > <i>mau</i>, em que a partir da queda da consoante surge um hiato que posteriormente foi desfeito e fez com que a segunda vogal passasse a ser assilábica. (Gonçalves e Belchor, 2017)
<i>ei</i>	- O ditongo <i>ai</i> transformou-se no ditongo <i>ei</i>, em casos como <i>amai</i> por <i>amei</i> e <i>factu</i> > <i>fectu</i> por <i>feito</i>. (Huber, 1933) - Provém da inserção do <i>i</i> em palavras como <i>meio</i>, <i>meia</i>, <i>veio</i>, <i>veia</i> etc. - Também pode ter origem na queda do <i>d</i> nessas palavras como em <i>mediu</i> > <i>meeio</i> > <i>meio</i>, além do desuso da palatal. (Said Ali, 1971) - O sistema de ditongos decrescentes no português é quase todo de origem românica e alguns ditongos surgiram por causa do esvaimento de certas consoantes sonoras intervocálicas e da redução das oclusivas de travamento de sílaba, em posição não final, com a passagem a vogais assilábicas /i/ ou também /u/ (<i>lectu</i> > <i>leito</i>). (Câmara Jr., 1975)

	- Síncope de consoantes alveolares intervocálicas como em <i>dedit</i> > <i>dei</i>, em que a partir da queda da consoante surge um hiato que posteriormente foi desfeito e fez com que a segunda vogal passasse a ser assilábica. (Gonçalves e Belchor, 2017) - Vocalização de consoantes oclusivas: <i>facto</i> > <i>feito</i>. - Provém do ditongo <i>æ</i> do latim clássico: <i>fædum</i> que passou a <i>fêo</i> e, no português atual, <i>feito</i>. (Teyssier, 1984)
<i>eu</i>	O ditongo <i>eu</i> ocorria em número reduzido de palavras latinas, geralmente em nomes próprios, às vezes, na linguagem popular era trocado por <i>o</i>: <i>Eusebiu</i> > <i>Osébio</i>. (Coutinho, 1976)
<i>oi</i>	- Proveniente de metátese nos casos em que as palavras terminam com <i>oiro</i> e existe a troca do <i>r</i> pelo <i>i</i>: <i>Duriu</i> por <i>Doiro</i>, <i>adjutoriu</i> por <i>ajudoiro</i>. - Em palavras como <i>boi</i> e <i>sois</i>, o <i>i</i> antes era representado por <i>e</i>: <i>bove</i> e <i>sondes</i>. (Said Ali, 1971)
<i>ou</i>	- O ditongo provém do antigo ditongo <i>au</i> do latim: <i>auru</i> por <i>ouro</i>, <i>lauru</i> por <i>louro</i>, <i>autumnu</i> por <i>outono</i>. (Said Ali, 1971; Williams, 1986) Acredita que no latim só existia o ditongo <i>au</i> que oscilava com <i>o</i>. Posteriormente, o ditongo evoluiu, por assimilação, para <i>ou</i>. (Câmara Jr., 1975)

Fonte: elaboração própria.

2.2 ALGUNS ESTUDOS ANTECEDENTES

São diversos os trabalhos, com dados de fala (Hora; Silva, 1999; Haupt, 2011; Chaves, 2017; Souza, 2022, dentre outros), que tratam dos fenômenos envolvendo ditongos atestando que os processos de ditongação e monotongação estão muito presentes no português. Aqui, a ênfase inicial será para estudos com dados de escrita, alguns com *corpora* históricos e outros com textos atuais, produzidos por estudantes.

Dos estudos na perspectiva histórica, destacam-se aqueles cujos *corpora* são utilizados nesta dissertação (Marquilhas, 2000; Barbosa, 1999; Oliveira, 2006; Santiago, 2019), constituídos por documentos escritos entre os séculos XVII e XX, em diferentes espaços, por escreventes com pouca habilidade com a escrita. São estudos que indicam a possibilidade desses fenômenos grafofonéticos serem um dos traços de inabilidade na escrita. São trabalhos que listam os exemplos, mas não detalham os contextos que favorecem a ocorrência desses fenômenos.

A pesquisadora Rita Marquilhas (2000), em obra resultante de sua tese de doutorado, *A Faculdade das Letras: leitura e escrita em Portugal no século XVII*, consolidou, em língua portuguesa, a expressão *mãos inábeis* para se referir àqueles redatores estacionados em fase inicial de aquisição da escrita. Segundo a pesquisadora, a aparência física constituída pela caligrafia da mão e particularidades do suporte confirmam a pouca habilidade que os escreventes seiscentistas do arquivo da Inquisição portuguesa tinham. E a partir da ajuda da paleografia italiana, de Petrucci (1978), a pesquisadora estabeleceu alguns aspectos a serem considerados para a definição de *inábeis*, como ausência de *cursus*, traçado inseguro, falta de proporção entre as margens, uso de módulo grande, entre outros. Ainda segundo a pesquisadora, a presença de fenômenos de mudança fonética e fonológica em textos caracterizam a inabilidade na escrita. Alguns desses fenômenos são: paragoge (*maus* por *maoes*, Anexo III, Doc. I), nasalização (*moça* por *monsa*, Anexo III, Doc. XVI) e os fenômenos aqui estudados, monotongação (*tendeiro* por *tindero*, Anexo III, Doc. II) e ditongação (*fecha* por *feicha*, Anexo III, Doc. XVII).

Barbosa (1999) editou documentos do século XVIII, em sua tese de doutorado *Para uma história do Português colonial: aspectos linguísticos em cartas de comércio*. São um total de 117 documentos sendo que 93 são cartas de comércio escritas no Brasil por portugueses e os outros 14 são documentos oficiais enviados do Rio de Janeiro para Lisboa. As 93 cartas são de circulação privada e Barbosa (1999) utiliza a expressão *pouco hábeis* para designar as pessoas que escreveram, visto que nem todos os escritos possuem características de inábeis,

mas o pesquisador demonstra que os textos possuem marcas de oralidade devido à presença de processos fonológicos, como a monotongação e a ditongação em: *trose* por *trouxe* (carta 452) e *bolaixa* por *bolacha* (carta 149).

Outro trabalho, que demonstra que a presença de fenômenos linguísticos revela graus distintos de domínio na escrita, é a tese de doutorado de Klebson Oliveira, intitulada *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*. Os dados utilizados pelo pesquisador são do século XIX, ao todo 290 documentos que englobam atas escritas por africanos e afrodescendentes pertencentes à Sociedade Protetora dos Desvalidos, situada na cidade de Salvador. Segundo Oliveira (2006, p. 214), esses documentos “[...] saídos de mãos africanas, talvez, possam permitir aproximações das variedades do português falado como segunda língua”, ou seja, são fontes do português popular do passado, por apresentarem alguns fenômenos linguísticos. Em estudo realizado em 2008, Oliveira destacou a presença da monotongação e da ditongação nas atas fazendo uma análise quantitativa, sem muito destaque aos contextos favorecedores.

Em capítulo do livro *História do Português Brasileiro: mudança fônica do Português Brasileiro*, Abaurre (2019) produziu um estudo sobre os fenômenos da monotongação e da ditongação. A pesquisadora realizou uma análise de textos produzidos nos séculos XVIII, XIX e XX utilizando os gêneros documento oficial, carta e bilhete pessoal, e anúncio publicitário. Ela constatou que na maioria dos *corpora* ocorre o apagamento da semivogal posterior do ditongo [ow] por [o], como por exemplo *poco* por *pouco*, *robado* por *roubado*, *esto* por *estou*. Também foi identificado o processo contrário, a inserção de semivogal, como em *feichados* por *fechados*, *graixa* por *graxa*, *dezeijar* por *desejar* e apresentam a ditongação [ow], como em *poude* por *pode* e *acauso* por *acaso*.

Outros trabalhos buscam perceber a presença dos fenômenos na escrita atual de estudantes em fase escolar, como é o caso dos trabalhos de Santos (2021), Silva (2015) e Nascimento (2021). Santos (2021), em sua dissertação de mestrado, analisou a interferência do processo fonológico da monotongação na escrita de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual em Sergipe. A pesquisadora identificou a interferência no ditongo *ou* no início, meio e final de palavras, no ditongo *ei* seguido de *r*, nos ditongos *ei* e *ai* seguidos de *x* e no ditongo *ei* seguido de *n*.

Silva (2015) produziu um trabalho em que discute a influência desses fenômenos da fala na transposição para a escrita. A pesquisadora realizou atividades com estudantes que confirmaram a influência de alguns contextos fonológicos, como a presença dos ditongos *ai*, *ei*

e *ou* diante de [ʃ], [ʒ] e [r] na ocorrência da monotongação e ditongação na escrita. E essa pesquisadora tinha como objetivo fornecer material didático para professores, que contribua com o processo de apagamento desses fenômenos na modalidade escrita da língua, visto que são considerados estigmatizados nesta modalidade, já que na fala a ocorrência dos fenômenos são tão frequentes e ocorre independente de variáveis sociais ou níveis de escolaridade, como mostram os trabalhos feitos por Souza (2022) e Silveira (2019).

Outra dissertação que teve o objetivo de fornecer material para professores a fim de conscientizar os estudantes, no que se refere à escrita correta, foi o de Nascimento (2021), que refletiu sobre a necessidade de os alunos alcançarem “[...] as competências necessárias para cumprir as exigências normativas da sociedade, sem necessitar passar por traumas, preconceitos e suas variáveis” (Nascimento, 2021, p. 14), visto que os fenômenos da monotongação e ditongação não são estigmatizados na fala, mas são penalizados e considerados erros na modalidade escrita.

Os estudos com dados de fala citados no início desse tópico são trabalhos sociolinguísticos que buscaram compreender como a monotongação e a ditongação se comportam em algumas cidades do país. A proposta de Hora e Silva (1999), por exemplo, foi estudar o processo de monotongação em João Pessoa utilizando uma amostra que faz parte do *corpus* que compõe o *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba* (VALPB). Na análise os autores constataram que, dos ditongos orais decrescentes, o ditongo *ai* é o que menos favorece a monotongação. O ditongo *ei*, quando tônico final e estando em uma forma verbal, ele nunca é reduzido. E o ditongo *ou* sofre redução em quaisquer contextos, por isso, já naquela época, os autores afirmaram que “os altos índices referentes à aplicação da regra indicam que estamos diante de um estado de mudança praticamente consumado” (Hora; Silva, 1999, p. 92).

Haupt (2011) realizou um trabalho sobre a monotongação nos ditongos *ai*, *ei*, *oi* e *ui* na fala dos florianopolitanos a partir das entrevistas do banco de dados do projeto VARSUL (*Variação Linguística na Região Sul do Brasil*). A pesquisadora concluiu que, em sílabas abertas, a monotongação ocorre quase que categoricamente diante dos contextos favorecedores *tepe* e *consoante palato-alveolar* nos ditongos *ei* e *ai* (palavras com a sequência *eiro*, como *dinheiro* e *banheiro* e palavras como *deixar* e *peixe*, respectivamente), a monotongação de *oi* acontece, na maioria das vezes, em sílabas fechadas com a palatalização da fricativa final (as ocorrências foram nas palavras *depois*, *dois* e *pois*), o ditongo *ui* teve uma quantidade menor de ocorrências e apareceu somente em sílabas abertas.

Haupt (2007) também estudou o fenômeno da ditongação. Em 2007, a pesquisadora

defendeu sua dissertação de mestrado que apresentou um estudo sobre o processo de palatalização da sibilante coronal em coda e de ditongação em sílabas travadas por /S/, partindo da análise do papel das variáveis estruturais e sociais nos dois fenômenos. Foi constatado que o fenômeno, embora não muito recorrente nos dados utilizados, foi motivado por um processo de “dissimilação em relação ao contexto seguinte” (Haupt, 2007, p.90) ao ditongo.

A pesquisa proposta por Souza (2022) buscou contribuir com os estudos sobre monotongação de ditongos decrescentes orais em Sergipe. A sua dissertação de mestrado partiu da análise do fenômeno através da fala espontânea e da leitura em voz alta de universitários que integram a amostra *Deslocamentos 2020*, realizadas com 12 estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Foi observado que a monotongação de *ou* foi bem mais produtiva do que com os outros ditongos analisados (*ei*, *ai*, *oi*). O pesquisador concluiu que o ditongo *ei* monotongou quando seguido de tepe [r] e de fricativas pós-alveolares [ʃ, ʒ], tanto na fala quanto na leitura em voz alta. A monotongação do ditongo *oi* não foi tão frequente, segundo o autor “isso pode estar relacionado à não palatalização da fricativa final na variedade sergipana, [...] fator propício à monotongação desse ditongo” (Souza, 2022, p. 119). A monotongação de *ai* apresentou maiores percentuais quando seguido de consoante fricativa pós-alveolar [ʃ], em outros contextos o ditongo foi preservado.

Mas não são só ditongos orais que são atingidos pelo fenômeno da monotongação, os dados do século XIX e do século XX mostram que ditongos nasais também são monotongados. O trabalho feito por Battisti (1997) e o de Chaves (2017) mostra que no português dos nossos dias o fenômeno também pode acontecer. Battisti deu uma ênfase maior à redução dos ditongos nasais átonos e afirmou ser característico do português popular brasileiro, são casos como *órgão* por *órgu*, *órfão* por *órfu* e *bênção* por *bênça*. Já Chaves (2017) fez uma análise a partir dos dados de fala da comunidade não urbana da Costa da Lagoa (Florianópolis – SC) que estão disponíveis no banco do VARSUL. O exame dos dados mostrou que a redução aconteceu em uma quantidade significativa de ditongos nasais e no estudo quantitativo foi controlado nove variáveis independentes, entre variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas. Podemos destacar aqui que a monotongação dos ditongos ocorreu, entre outros fatores, por causa do contexto fonético precedente que englobam consoantes nasais e consoantes fricativas, por exemplo. Por causa do contexto fonético seguinte e por causa da classe da palavra, principalmente com formas verbais da terceira pessoa do plural.

Como mostram esses resultados de trabalhos anteriores, assim como os comentários dos historiadores da língua, percebe-se que os dois fenômenos envolvendo os ditongos estão presentes no português desde a sua origem, remontando ao latim e presente na língua atual

atingindo a fala e escrita. Kato (2000), Flôres e Silva (2005) e Rojo (2006) observam que as duas modalidades da língua interrelacionam-se e são essenciais para “suprir as necessidades de comunicação humana nas situações sociais específicas em que são utilizadas” (Flôres; Silva, 2005, p. 17). Nessa perspectiva, as *mãos* que escreveram os textos principais analisados aqui utilizaram a modalidade escrita da língua “por pressão das circunstâncias” (Marquilhas, 2000, p. 291), não era possível naquele momento recorrer à fala, então tiveram que se comunicar com o que tinham disponível mesmo que não tivessem o nível de letramento avançado. Flôres e Silva (2005) ainda mostram que, quanto mais utiliza-se da leitura e da escrita no dia a dia, mais especialista fica-se na produção de textos orais e escritos. E o oposto também acontece: “[...] se a pessoa lê pouco ou não lê, sua tendência é escrever como fala, mesmo que tenha necessidade de usar a técnica escrita” (Flôres; Silva, 2005, p. 17).

Ainda sobre isso, Kato (2000, p. 17), ao analisar as relações entre fala e escrita, concluiu que

“[...] o fato de toda língua mudar, ter diferenças dialetais e variações estilísticas que afetam a pronúncia impediu que a escrita alfabética pudesse ter uma natureza estritamente fonética. Na verdade, a relação é essencialmente fonêmica, isto é, a escrita procura representar aquilo que é funcionalmente significativo”.

Isso significa dizer que a representação escrita não é fiel à oralidade, até porque se assim fosse teríamos várias escritas diferentes, uma vez que as pronúncias são diferentes nos diversos lugares em que se fala a língua. Roberto (2016) revela que não teria problema que o sistema de escrita fosse fonético entre falantes de uma mesma variedade sociolinguística, então a vantagem de se ter um sistema ortográfico fonêmico está no fato de que ela “dá conta de representar várias pronúncias possíveis ao mesmo tempo, sendo comum a falantes de variedades sociolinguísticas da língua” (Roberto, 2016, p. 142).

Isso explica por que os dois fenômenos não são exclusivos de uma das modalidades da língua. Os trabalhos citados aqui confirmam que podem acontecer tanto na fala quanto na escrita, na última, podendo ser um reflexo da pronúncia como mostrou os trabalhos com os estudantes de educação básica (Santos, 2021; Silva, 2015; Nascimento, 2021). E como as fontes do século XX possuem dados nas duas modalidades será possível fazer uma comparação.

No entanto, é necessário compreender o quadro teórico-metodológico da sociolinguística, por isso na próxima seção será abordado sobre o campo de estudo em que esta pesquisa está inserida.

3 PERCURSOS TEÓRICOS PARA O ESTUDO LINGUÍSTICO SÓCIO-HISTÓRICO

O ramo da Linguística que tem como objetivo estudar as mudanças que ocorrem em uma língua e, como ocorrem ao longo do tempo, é a Linguística Histórica. Faraco (2006) deixa claro que Linguística Histórica não é história da Linguística, pois existe uma diferença entre estudar a história de uma ciência e estudar as mudanças que ocorrem nas línguas. O autor ainda afirma que “as línguas humanas não constituem realidades estáticas [...], mas se alteram continuamente no tempo” (Faraco, 2006, p. 14) e não “decepcionam” seus falantes, nunca os deixam na mão, porque elas continuam sistematizadas e organizadas, oferecendo-lhes “os recursos necessários para a circulação dos significados” (Faraco, 2006, p. 14).

Geralmente, os falantes de uma língua não percebem que mudanças estão acontecendo, porque elas ocorrem de forma lenta e gradual e não atingem a língua como um todo. Além disso, as línguas que possuem sistema gráfico conseguem garantir uma maior permanência, como afirma Faraco (2006, p. 15):

[...] as culturas que operam com a escrita — que é, por suas propriedades, história e funções sociais, uma realidade mais estável e permanente que a língua falada — desenvolvem um padrão de língua que, codificado em gramáticas, cultivado pelos letrados e ensinado pelas escolas, adquire um estatuto de estabilidade e permanência maior do que as outras variedades da língua, funcionando, conseqüentemente, não só como refreador temporário de mudanças, mas principalmente como ponto de referência para a imagem que os falantes constroem da língua.

É possível detectar mudanças em progresso, ao contrastar a escrita com a língua falada. Faraco (2006) revela que esta percepção acontece quando “o falante comum, [...] tendo de escrever, sente dificuldades específicas com certas estruturas que, embora correntes já na fala, ainda são inaceitáveis na escrita” (Faraco, 2006, p. 24-25). As práticas de escrita, geralmente, estão ligadas a contextos mais formais de comunicação e possuem um caráter mais conservador que o som; no entanto, no estudo linguístico, os dados escritos são materiais empíricos para o estudo da língua de sincronias passadas. Daí parte a metáfora utilizada por Mattos e Silva (2008a): “ouvir o inaudível”, visto que o pesquisador do campo da Linguística Histórica, na maioria das vezes, não dispõe de dados orais para os seus estudos, principalmente no que tange a dados produzidos em séculos anteriores.

Além disso, segundo a autora, qualquer linguista que trabalha com dados datados e localizados está fazendo Linguística Histórica *lato sensu*. Quando se debruça a estudar o que muda e como muda nas línguas, o estudioso está fazendo linguística histórica *stricto sensu*. Essas duas vertentes da Linguística Histórica foram apresentadas por Mattos e Silva, em artigo

publicado na Revista *D.E.L.T.A* em 1988. Segundo a autora, Linguística Histórica *lato sensu* “[...] inclui os estudos linguísticos descritivos que se desenvolveram no século XX, a partir dos estruturalismos europeus e americanos” (Mattos e Silva, 1988, p. 92) e estudos dialetológicos de tradição europeia e sociolinguísticos. Já a *strictu sensu* engloba os estudos sobre a constituição da língua através dos tempos. Mattos e Silva (2008a, p. 9) acrescenta que o estudo no sentido estrito “pode ser trabalhado em duas orientações: a linguística histórica sócio-histórica e a linguística diacrônica associal”.

Mattos e Silva (2008a, p. 10) afirma, também, que a “linguística histórica no sentido estrito depende, diretamente, da filologia, uma vez que tem como base de análise inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, tornam-se os *corpora* indispensáveis às análises das mudanças linguísticas de longa duração”. Exemplos são os trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto *Para a História do Português Brasileiro*, como os de Barbosa (1999), Carneiro (2005), Lôbo (2001), Oliveira (2006) e, mais recentemente, Santiago (2019), só para citar alguns, em que se fez a edição dos documentos sem muitas interferências, para que estudos linguísticos, como este, fossem possíveis de serem realizados posteriormente. Foram levados em consideração os fatores sociais por trás dos contextos de escrita, já que, para grande parte dos textos disponibilizados, é possível identificar quem eram os escreventes, onde, quando, para quem e por que estavam escrevendo.

Esse olhar voltado para o aspecto social ao estudar uma língua, em qualquer modalidade, trouxe uma nova concepção para os estudos linguísticos a partir do século XX. Mattos e Silva (2008a), ao escrever sobre mudanças linguísticas em perspectiva sócio-histórica, cita o trabalho do francês Antoine Meillet (1921), considerado pela pesquisadora como um dos precursores de uma concepção social da língua, visto que o linguista francês acreditava que a linguística deveria ser um ramo da sociologia. Mattos e Silva (2008a, p. 57) ainda destaca que, para Meillet, “[...] a condição principal da mudança linguística é a realidade descontínua das línguas, uma vez que a história dos homens não é linear, nem homogênea”. Em 1966, durante um simpósio sobre linguística histórica na Universidade do Texas, foram apresentados os “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística” desenvolvidos por U. Weinreich, Labov e M. Herzog (2006 [1968]), que foram reunidos em um trabalho primordial para os estudos em linguística histórica. A partir daí, ao levar em consideração os fatores sociais quando se faz uma pesquisa de mudanças linguísticas, o pesquisador passou a contar com os pressupostos apresentados no simpósio, que ajudaram no desenvolvimento de novos princípios para o estudo linguístico: a teoria Sociolinguística, que considera o fator social importante para o estudo da

língua, já que a existência das línguas depende da existência de uma sociedade (Romaine, 1996).

Ainda que neste trabalho não seja utilizada a metodologia de base quantitativa da Sociolinguística, a seguir contextualiza-se sobre essa perspectiva de estudos, a fim de justificar a concepção de língua adotada e, logo após, sobre a perspectiva sócio-histórica.

3.1 ASPECTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A relação indispensável entre língua e sociedade parte principalmente do linguista William Labov (1968) que em seu primeiro trabalho de destaque estudou dois ditongos da língua inglesa. Em seus estudos sobre a variação dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, Estados Unidos (tema de sua dissertação de mestrado) e sobre a estratificação social do [r] em Nova York (tema de sua tese de doutorado), Labov procurou investigar qual a motivação social das mudanças linguísticas relacionando fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico dos nativos da ilha, no que se referia à pronúncia desses fones do inglês. Esses trabalhos contribuíram de forma importante para o nascimento de uma área dos estudos da linguagem, a Sociolinguística Variacionista.

Discordando de teóricos como Saussure, Chomsky e outros que utilizavam a noção de homogeneidade da língua, Labov defende a existência de uma heterogeneidade e procurou desenvolver uma teoria que lidasse “[...] com a maneira como a estrutura linguística de uma comunidade complexa se transforma no curso do tempo, de tal modo que, em certo sentido, tanto a língua quanto a comunidade permanecem as mesmas, mas a língua adquire uma forma diferente” (Labov, 2006 [1968], p. 37). É importante destacar que mudanças podem ocorrer concomitantemente entre a língua e a sua comunidade de fala e, por isso, às vezes, é imperceptível devido à rapidez em que ocorrem e “[...] não é fácil afirmar que os novos membros são herdeiros simultâneos da mesma língua e da mesma comunidade” (Labov, 2006 [1968], p. 37).

Levando em consideração que a ilha de Martha's Vineyard era dividida entre três grandes grupos étnicos formados por indígenas, portugueses e ingleses e era dividida em ilha alta, que é a região dos vilarejos, e ilha baixa com características estritamente rurais, com pequenos vilarejos e lagoas salgadas, tornou-se um local vantajoso por ser “social e geograficamente complexo o bastante para oferecer amplo espaço à diferenciação do comportamento linguístico” (Labov, 2008 [1972], p. 22). É neste cenário socioeconômico e

cultural que William Labov empreendeu sua investigação, que tinha como objeto entender a estrutura interna do inglês vineyardense, incluindo as diferenças sistemáticas que já existem e as mudanças que ocorriam naquele momento na ilha (Labov, 2008 [1972], p. 25).

Mesmo que a abordagem laboviana trate a língua como um sistema heterogêneo, ainda se fala em sistema, portanto a mudança e a variação são sistematizadas. A evidência para existir essa organização seria o fato de as pessoas conseguirem se comunicar ainda que a diversidade linguística exista e as mudanças ocorram. Então, a Teoria da Variação e da Mudança proposta por Labov e a sua consolidação, em meados da década de 60, criou uma metodologia que trouxe a possibilidade de os dados coletados serem “submetidos a um tratamento estatístico de modo a possibilitar ao linguista a sistematização da variação existente na língua sob investigação” (Rosa, 2015, p. 6).

No entanto, se desejarmos recuar no tempo e estudar a língua de sincronias passadas, podemos utilizar outros dados, como as fontes escritas.

3.2 ASPECTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

Suzanne Romaine, pesquisadora norte-americana, defende que a Sociolinguística deveria ser testada com diferentes tipos de dados, ou seja, o estudo sociolinguístico também deveria desenvolver pesquisas baseadas na língua escrita, pois a variação linguística não ocorre somente em amostras de língua falada. Assim, a fim de investigar fenômenos linguísticos do passado através de amostras de língua escrita, a pesquisadora uniu os métodos de análise da Sociolinguística Variacionista, de William Labov, com os da Linguística Histórica, que estuda as mudanças que ocorrem nas línguas à medida que o tempo passa.

Antes do século XX, não era possível utilizar recursos tecnológicos de gravação de fala para obter dados orais da língua, então o registro escrito era a única opção disponível para análise. Romaine (2009 [1982], p. 16) justifica a possibilidade de estudar dados escritos afirmando que “[...] a mão escrita mostra variação regular nos símbolos ortográficos condicionados pelo contexto, da mesma forma que a linguagem falada exibe variação alofônica” (Romaine, 2009 [1982], p. 16, tradução nossa)⁴, e ambas representam a mesma língua, por isso as duas modalidades precisam ser consideradas.

A hipótese da linguista americana foi comprovada, quando ela estudou a relativização no Escocês Médio, a partir de uma amostra formada por diferentes tipos de textos escritos entre

⁴ [...] the written hand shows regular variation in orthographic symbols which is conditioned by context in the same way that the spoken language displays allophonic variation (Romaine, 2009 [1982]).

1530 e 1550, durante o reinado de James V. Segundo Rosa (2015, p. 7), “a investigação de Romaine tinha como foco a variação entre as formas WH (quhilk – which), TH (that) e Ø (omissão do pronome relativo), que é uma característica dos textos pertencentes ao século 16”. Com a publicação da obra *Socio-Historical Linguistics: its status and methodology*, nos anos 80 do século XX, Romaine (2009 [1982]) abriu portas para que um novo campo de investigação científica fosse desenvolvido, tornando-se a precursora da Sociolinguística Histórica.

No entanto, a pesquisa em Sociolinguística Histórica enfrenta alguns desafios que surgem antes das etapas de análise. Conde Silvestre (2007) discute esses problemas em seu livro *Sociolinguística Histórica*. Primeiro, a Sociolinguística Histórica depende da “possibilidade de recuperar os fatos linguísticos do passado a partir dos textos que sobreviveram na atualidade”⁵ (Conde Silvestre, 2007, p. 35, tradução nossa). Segundo, o pesquisador da Sociolinguística sincrônica tem a possibilidade de investigar dados diversos, aumentar os dados, se necessário, e consegue trabalhar com dados que possuem autenticidade, já o pesquisador da Sociolinguística Histórica enfrenta problemas na constituição do *corpus*, pois, às vezes, as amostras estão fragmentadas e possuem pouca conservação, não sendo possível aumentar os dados coletados, já que os escreventes podem não estar mais vivos e nem sempre é possível constituir o perfil social dos informantes:

[...] enquanto a pessoa que se dedica à investigação em sociolinguística sincrônica pode ter um conhecimento de primeira mão de fatores como a estratificação social da comunidade, a avaliação que nela se faz de certos comportamentos, atitudes, etc., o investigador em sociolinguística diacrônica deve reconstruir essa informação guiando-se por dados históricos, cujo carácter fragmentário [...] tem sido mencionado repetidas vezes. (Conde Silvestre, 2007, p. 37, tradução nossa)⁶

Diante disso, o investigador se vê obrigado a trabalhar com materiais que “sobreviveram” por acaso (Conde Silvestre, 2007, p. 36). Ainda citando algumas diferenças entre as Sociolinguísticas Variacionista (sincrônica) e a Histórica (diacrônica), Conde Silvestre (2007) revela que o pesquisador da Sociolinguística sincrônica, mesmo estudando uma mudança em progresso em certa comunidade, não consegue determinar qual será o resultado definitivo dessa mudança, nem em qual direção ela irá seguir. O que não acontece com a Sociolinguística diacrônica, visto que é possível saber de antemão o possível período em que a

⁵ la posibilidad de recuperar los hechos lingüísticos del pasado a partir de los textos que han sobrevivido en la actualidad” (Conde Silvestre, 2007, p. 35).

⁶ [...] mientras que la persona que se dedica a la investigación en sociolinguística sincrónica suele tener un conocimiento de primera mano de factores como la estratificación social de la comunidad, la valoración que en ella se hace de ciertos comportamientos, actitudes, etc., el investigador en sociolingüística diacrónica debe reconstruir esa información guiándose por datos históricos, cuyo carácter fragmentario [...] ha sido mencionado repetidas veces (Conde Silvestre, 2007, p. 37).

mudança aconteceu. Também, o estudo sincrônico concentra-se na modalidade de língua oral, o que motiva a se ter mais estudos de mudanças no âmbito fonológico. Mas não podemos deixar de destacar que, no Brasil, muitos estudos sincrônicos têm utilizado dados de escrita, com textos de estudantes em fase escolar, por exemplo, como é o caso dos trabalhos desenvolvidos por Nascimento (2021), Santos (2021) e Silva (2015), além de trabalhos que são dedicados a análises linguísticas em outros níveis da língua, como o morfossintático, podemos citar os trabalhos de Barros (2018), Brito *et al.* (2018) e Lemos (2019). O estudo diacrônico, por utilizar materiais escritos, concentra-se mais no estudo do nível gramatical. A esse respeito, Conde Silvestre (2007, p. 39) demonstra que

Enquanto na sincronia, em geral, só se pode confiar nos chamados estudos em tempo aparente — aqueles em que se obtêm dados de diferentes gerações de falantes e de sua comparação se tiram conclusões sobre possíveis desenvolvimentos linguísticos, no âmbito diacrônico as investigações tendem a se concentrar em estudos em tempo real, que permitem obter conclusões relativamente mais precisas e oferecem uma posição estratégica para verificar a confiabilidade de estudos do primeiro tipo, de natureza mais hipotética (Conde Silvestre, 2007, p. 39, tradução nossa).⁷

Para que o pesquisador tenha uma certa segurança ao fazer os estudos no âmbito da Sociolinguística Histórica, foram estabelecidos alguns princípios metodológicos que o ajudariam na investigação. Um desses princípios abordados por Conde Silvestre (2007) é o da uniformidade linguística. Este princípio teve como base os estudos geológicos de Charles Lyell, que estabeleceu a ideia de que é possível ter um certo conhecimento dos fenômenos geológicos do passado a partir das observações e estudos feitos no presente. Assim, no campo da linguística histórica, a “[...] compreensão dos processos que afetaram historicamente as línguas deve assumir a influência de alguns fatos que são possíveis de observar em seu desenvolvimento atual” (Conde Silvestre, 2007, p. 41, tradução nossa)⁸. Então, os fatores linguísticos observados e analisados ao nosso redor podem não ser diferentes daqueles que atuaram no passado, ou seja, “[...] a variação linguística se manifestava no passado da mesma forma estruturada como se faz no presente” (Conde Silvestre, 2007, p. 41, tradução nossa)⁹.

⁷ Mientras que en sincronía, por lo general, sólo se puede confiar en los llamados estudios en tiempo aparente — aquellos en que se obtienen datos de distintas generaciones de hablantes y de su comparación se extraen conclusiones sobre posibles desarrollos lingüísticos —, en el ámbito diacrónico las investigaciones suelen centrarse en estudios en tiempo real, los cuales permiten obtener conclusiones relativamente más acertadas y ofrecen una posición estratégica para comprobar la fiabilidad de los estudios del primer tipo, de carácter más hipotético (Conde Silvestre, 2007, p. 39).

⁸ “[...] comprensión de los procesos que han afectado historicamente a las lenguas debe asumir la influencia de (algunos de) los factores que es posible observar en sus desarrollos actuales (Conde Silvestre, 2007 p. 41).

⁹ la variación lingüística se manifestaba en el pasado de la misma forma estructurada a como lo hace en el presente” (Conde Silvestre, 2007, p. 41).

No que se refere à reconstrução do material linguístico histórico, Conde Silvestre (2007) destaca a utilidade do material escrito. Após estabelecer algumas diferenças entre a linguagem oral e escrita, demonstrando que ambas as expressões são usadas com propósitos diferentes dependendo da situação comunicativa, o autor retoma a ideia proposta por Romaine (2009, [1982]) de que as técnicas e os métodos da Sociolinguística Variacionista deveriam ser utilizados em materiais escritos, tanto textos do passado quanto do presente, mostrando que a análise sociolinguística

[...] destes textos permitiria apreciar sua própria variabilidade interna de forma objetiva e demonstrar que as escolhas que realizam seus autores estão bem estruturadas ou organizadas e podem correlacionar com determinados fatores, que constituem o âmbito de estudo da sociolinguística (Conde Silvestre, 2007, p. 44-45, tradução nossa).¹⁰

Mas o autor mostra que os textos considerados literários não se encaixariam nessa proposta porque dificilmente trazem uma variabilidade linguística, ou seja, nem todos os textos do passado possuem o mesmo grau de variabilidade. Os mais úteis para o pesquisador seriam aqueles que transferem para a escrita trocas comunicativas que ocorreram ou poderiam ter ocorrido no meio oral, pois, “[...] estes tipos de texto poderiam manifestar um grau maior de variações e por outro lado facilitar na correspondência das variáveis linguísticas com as condições pessoais de emissão e recepção”¹¹ (Conde Silvestre, 2007, p. 45, tradução nossa).

Apesar de enfrentar alguns problemas, o pesquisador da Sociolinguística Histórica consegue desenvolver importantes estudos nesta área que contribuem para entender as mudanças que ocorrem nas línguas. No Brasil, por exemplo, muitos trabalhos vêm sendo desenvolvidos a partir das motivações propostas pelo *Programa Para a História do Português*, lançado nos anos 90, pela professora da Universidade Federal da Bahia Rosa Virgínia Mattos e Silva. Com a reativação dos estudos históricos diacrônicos do português, o programa vem contribuindo, desde então, para o desenvolvimento das pesquisas científicas acerca da Linguística Histórica no país, principalmente no que se refere à história do Português Brasileiro. Vale ressaltar que Mattos e Silva, no ano de 1998, estabeleceu uma proposta de agenda de

¹⁰ [...] de estos textos permitiria apreciar su propia variabilidad interna de forma objetiva y demostrar que las elecciones expresivas que realizan sus autores están bien estructuradas u organizadas y se pueden correlacionar con determinados factores que constituyen el ámbito de estudio de la sociolinguística (Conde Silvestre, 2007, p. 44-45).

¹¹ [...] este tipo de textos debería manifestar un grado mayor de variación y, por otro lado, facilitar la correlación de las variables lingüísticas con las circunstancias personales de sus emisores y receptores (Conde Silvestre, 2007, p. 45).

pesquisa para a aproximação à história do Português Brasileiro. Essa proposta englobava quatro campos divididos em *a*, *b*, *c* e *d*, a saber:

a, campo que se moverá na reconstrução de uma história social linguística do Brasil; *b*, campo que se moverá na reconstrução de uma sócio-história linguística ou de uma sociolinguística histórica; *c*, campo que se moverá na reconstrução diacrônica no interior das estruturas da língua portuguesa em direção ao português brasileiro; *d*, campo que se moverá no âmbito comparativo entre o português europeu e o português brasileiro (Mattos e Silva, 1998, p. 40).

Muitos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores baianos contemplam essa agenda, como é o caso das teses de doutoramento de Lôbo (2001) e de Carneiro (2005). Na Bahia, inclusive, há a tendência de se usar o rótulo de *linguística sócio-histórica* com base na afirmação de Mattos e Silva (1998) sobre a necessidade de “reconstruir uma história social linguística do Brasil [...] a história das mudanças linguísticas que fizeram e fazem o Português Brasileiro apresentar as características que tem [...]” (Mattos e Silva, 1998, p. 39).

Com o objetivo de, também, atender à agenda de pesquisa proposta por Mattos e Silva (1998), estão os trabalhos desenvolvidos no projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* – CE-DOHS (cf. Santiago, 2012; 2019; Mascarenhas, 2016; Santos, 2017; Oldack Barbosa, 2018; Brito, 2019; Lemos, 2019 etc.). O projeto é pioneiro no Nordeste e reúne extensa base documental dividida em dois conjuntos: o primeiro é composto por manuscritos produzidos entre 1823 e 2000. E o segundo conjunto é composto por manuscritos produzidos entre 1640 e 1822. Com esses dados os pesquisadores têm produzido muitos trabalhos de análise gramatical, sobre fenômenos em variação e mudança na língua. Isso confirma a possibilidade de utilizar materiais escritos e fazer “o melhor uso de maus dados” (Labov, 1982 *apud* Mattos e Silva, 1988).

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como é comum aos estudos da Sociolinguística Histórica, a pesquisa segue o viés descritivo-interpretativo¹², assim como defendeu Mattos e Silva (2010) no que se refere à descrição gramatical. Segundo a visão da autora, é preciso partir de uma análise indutiva da documentação estudada para depois apresentar uma descrição organizada dos fatos linguísticos. A pesquisadora reforçou essa ideia na obra *Estruturas trecentistas*, afirmando que, “[...] para uma sincronia passada da língua, uma gramática mais adequada em uma primeira etapa de conhecimento sistemático do objeto em estudo será, portanto, uma gramática descritiva, indutiva que opere sobre inventários que se definam como representativos [...]” (Mattos e Silva, 2010, p. 44).

Neste estudo, consideram-se, então, as seguintes etapas:

- i. verificação das ocorrências nos *corpora* escrito, a partir dos levantamentos já realizados em trabalhos anteriores;
- ii. identificação e caracterização dos contextos de realização dos fenômenos;
- iii. transcrição das entrevistas-narrativas orais;
- iv. descrição e levantamento das ocorrências do fenômeno a partir das entrevistas-narrativas orais;
- v. análise dos dados, comparando-os e verificando se podem estar indicando um reflexo da fala na escrita ou se podem ser decorrentes da dificuldade dos escreventes.
- vi. Na análise dos dados, tanto para a monotongação quanto para a ditongação, foram considerados os contextos: grafema seguinte ao ditongo, a posição do ditongo na palavra e a tonicidade da sílaba.

4.1 FONTES DE DADOS

Nesta subseção são apresentadas, brevemente, as fontes de dados utilizadas neste estudo. A ordem de apresentação é de forma cronológica e mostra-se a quantidade de documentos em cada estudo e onde estão localizados, também apresenta-se um exemplo de documento de cada século.

¹² O projeto deste trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UEFS e obteve dispensa (Parecer Consubstanciado n. 5.923.996).

4.1.2 Século XVII

As fontes de dados do século XVII estão disponibilizadas em Marquilhas (2000) que consolidou, em língua portuguesa, a expressão *mãos inábeis* para se referir àqueles redatores estacionados em fase inicial de aquisição da escrita, como já comentado na segunda seção. Na obra resultante de sua tese, Marquilhas apresenta 32¹³ produções gráficas seiscentistas do arquivo da Inquisição portuguesa, especificamente os depoimentos prestados e assinados nos tribunais de Santo Ofício. A figura 1 ilustra um dos documentos, editados.

A autora salienta o valor da documentação enquanto fonte de estudo linguístico, visto que aquelas produções gráficas foram feitas por indivíduos em fase inicial de aquisição da escrita em que, naquele momento, precisaram utilizar tal recurso para se comunicarem.

O estudo produzido por Marquilhas (2000), que não foi na perspectiva quantitativa, teve como pretensão “[...] abordar, por intermédio dos textos, a consciência linguística de falantes do século XVII cuja escrita os converte em informantes ingênuos dos respectivos dialetos” (Marquilhas, 2000, p. 10). A pesquisadora revela que, na época do seu estudo, o português clássico não atraía muita atenção aos pesquisadores da Linguística Histórica como é o caso do português medieval, isso devido ao fato de ser aquele “[...] um estado de língua que ficou codificado em gramáticas e dicionários” (Marquilhas, 2000, p. 10). Ainda segundo Marquilhas (2000) as fontes do português clássico foram, por vezes, negligenciadas, mas elas contam “[...] uma história diversa daquela que vem oficializada no discurso severo dos teóricos” (Marquilhas, 2000, p. 10). O capítulo quatro da obra de Marquilhas é dedicado ao estudo dos problemas de aquisição da escrita da sociedade portuguesa e da reconstituição fonológica do português seiscentista.

4.1.3 Século XVIII

Barbosa (1999), em sua tese, editou 107 documentos escritos no século XVIII. São 93 cartas de comércio escritas no Brasil por portugueses e 14 documentos oficiais enviados do Rio de Janeiro para Lisboa (cf. Figura 2). As 93 cartas são de circulação privada e Barbosa (1999)

¹³ As 32 produções estão disponibilizadas nessa obra de 2000, mas o projeto da Profa. Dra. Rita Marquilhas corresponde a um conjunto muito maior de documentos da Inquisição (quase 4.000 cartas), disponíveis no site do projeto PS - Post Scriptum (<https://teitok.clul.ul.pt/postscriptum/>).

utiliza a expressão *pouco hábeis* para designar as pessoas que escreveram, visto que nem todos os escritos possuem características de inábeis. Ele contrastou os dois tipos de documentos e as cartas possuem uma incidência maior de traços de oralidade do que de marcas de etimologização gráfica.

4.1.4 Século XIX

Os dados do século XIX são 290 documentos editados por Oliveira (2006) que são resultados da sua tese *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*. São atas escritas por africanos e afrodescendentes pertencentes à Sociedade Protetora dos Desvalidos situada em Salvador (cf. Figura 3). No estudo linguístico, ele observou a presença de diversos fenômenos como segmentação gráfica, dificuldade nas grafias de sílabas complexas, inversão na ordem dos grafemas, omissão e acréscimos de grafemas e marcas da oralidade na escrita.

Em relação aos fenômenos em análise, o autor produziu, em 2008, um artigo intitulado *O verso e o reverso: redução de ditongos e ditongação em textos escritos por negros no Brasil oitocentista* em que ele fez um estudo sobre os fenômenos da monotongação e ditongação nos escritos da Sociedade Protetora dos Desvalidos. Segundo Oliveira (2008, p. 156), a escolha desses fenômenos para o estudo não foi aleatória:

Sabe-se serem esses fenômenos bastante recorrentes na variedade brasileira da língua portuguesa; comprovam-nos os inúmeros estudos feitos em diversos dialetos e sob o escopo de variadas teorias linguísticas. Priorizando esses estudos a língua oral e, só recentemente, a língua escrita, pode-se colocar a principal contribuição das páginas que estão por vir: um estudo, que se pretende sistemático, da redução do ditongo e da ditongação no século XIX, que até o momento não mereceu nenhuma atenção (Oliveira, 2008, p. 156).

4.1.5 Século XX

As fontes referentes ao século XX são as 131 cartas (cf. Figura 4), de acervos pessoais, escritas por sertanejos e as entrevistas-narrativas disponibilizadas na tese de Santiago (2019), *A escrita por mãos inábeis: uma proposta de caracterização*. Os dados fazem parte do projeto CE-DOHS (UEFS) e, mais especificamente, do projeto a ele vinculado, *Documentos produzidos por mãos inábeis: estudos linguísticos e filológicos*¹⁴, ambos integrados ao PHPB.

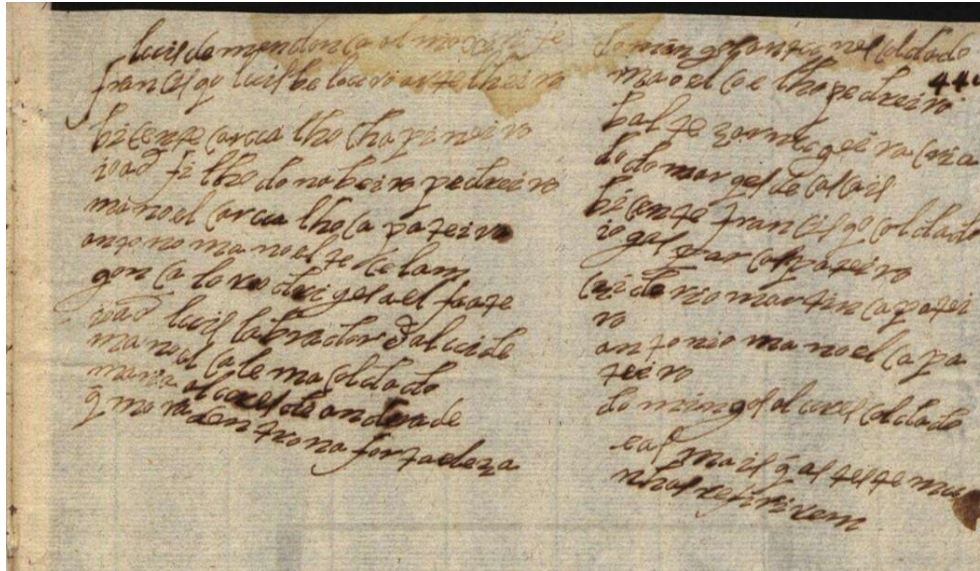
¹⁴ O projeto CE-DOHS é coordenado pelas professoras doutoras Mariana Lacerda e Zenaide Carneiro e o subprojeto *Documentos produzidos por mãos inábeis*, pela professora dra. Huda Santiago.

A constituição de um *corpus* escrito constituído por fontes que sejam mais próximas ao vernáculo de uma dada época é difícil devido à sua raridade, no entanto, muito se tem feito para avançar nesta construção. Esse projeto, por exemplo, constitui uma proposta voltada para o tratamento de fontes que sejam mais representativas para o estudo do português, na busca de atenuar essa dificuldade. Segundo Santiago (2019, p. 60),

[...] inicialmente, foi localizado, em 2011, um conjunto de 91 cartas, escritas por 43 remetentes [...]. Posteriormente, em 2016, durante as visitas realizadas a alguns desses sertanejos para produção de entrevistas-narrativas, localizou-se um acervo com 40 cartas pessoais, datadas, primordialmente, da década de 1970, muitas escritas pelos mesmos redatores do primeiro conjunto de cartas. (Santiago, 2019, p. 60)

Amostras deste tipo podem contribuir significativamente para a aproximação à aspectos sócio-históricos e linguísticos das vertentes populares do português, além de evidenciar a existência da prática da escrita por indivíduos que, em cada época, ficaram distantes dos processos de ensino-aprendizagem da técnica de escrita. A verificação de aspectos grafofonéticos nesses textos tem revelado se são mesmo mais transparentes ao vernáculo de cada época.

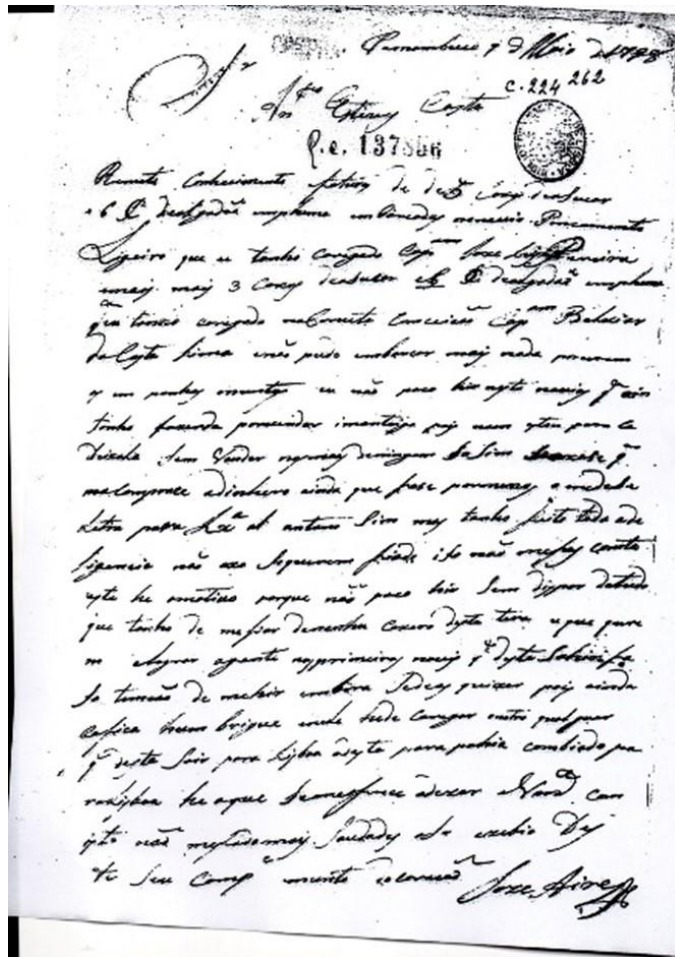
Figura 1: Exemplo de documento do acervo da Inquisição



luis de mendonça almoxarife
 franCisq luis belouro artilheiro
 biCente Carualho Chapineiro
 ioão filho do Nabeiro pedreiro
 manael Carualho Capateiro
 antono Manoel teCelam
 gonCalo reodrigues aelfaate
 ioão luis labrador e aluide
 manael Calema Coldado
 maria alures de anderade
 q. mora dentro na fortaleza //
 domingos ntunes coldado
 maoel Coelho pedreiro
 baltezar nugeira Cria
 do do marques de CasCais
 biCente franCisq Coldado
 io gaspar Caspateiro
 [?]ziderio martin Capatei
 Ro
 antonio manael Capa
 teiro
 domingos alures coldado e as mais q. as testemu
 nhas refirirem

Fonte: ANTT, Denúncia particular/ Documento XIV (Marquilhas, 2000, p. 339 e p. 351)

Figura 2: Exemplo de documento do acervo de Cartas de Comércio



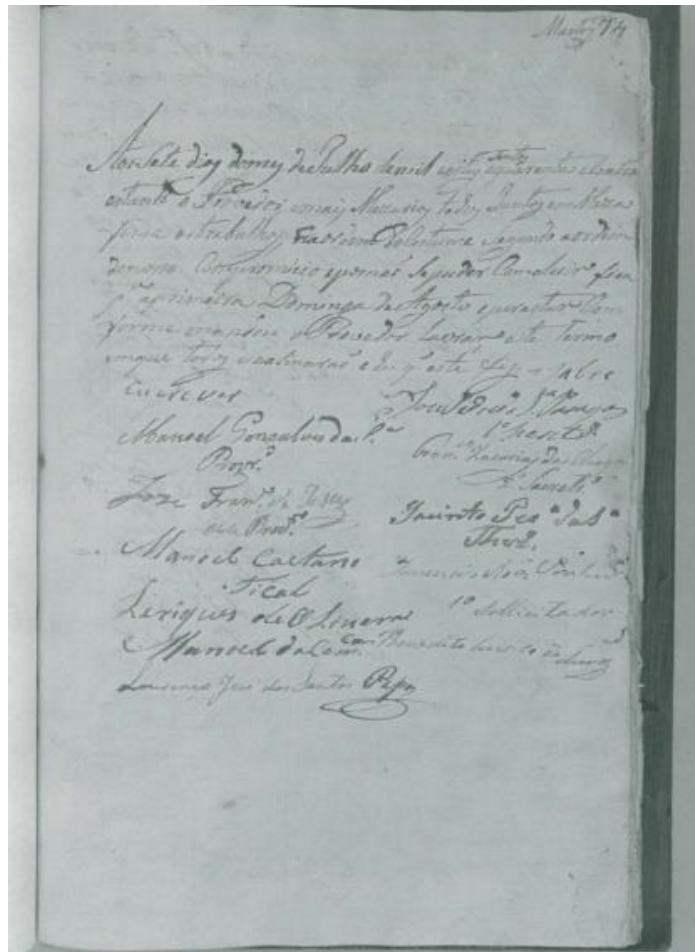
Pernambuco 9 de Maio de 1798

Senhor Antonio Esteves Costa

Remeto Conhecimento faturas de [[de]] 5 Caxas dea Sucar e 6 Sacas dealgodão empluma embarcadas no navio Pencamento Ligeiro que eu tanho caregado Capitam Joze Luis Pereira emais [[mais]] 3 Caxas dea Sucar e 6 SaCas dealgodão empluma que eu tanho caregado na Corveta Conceição Capitam Belxior da Costa Lima enão pude embarcar mais nada por serem os em panhos muntos eu não poco hir neste navios que ain tanho fazenda porvender i manteiga pois nam estou para ca deixaLa Sem vender nasmaos deningem So Sim Seaxase quem macomprace adinhero ainda que fose pormenos o medese Letra para Lixboa al antam Sim mas tanho feito toda ade Ligencia não axo Soquerem fiado iso não mefaz comta este he omotivo porque não poco hir Sem dispor detudo que tanho de mefiar denenhu caxoro desta tera u que quere m eLograr agente nos primeiros navios que desta Sahir fa So temção de mehir embora Deos quizer pois ainda Cafica hun brigue eneLe hede caregar onotro qualquer que desta Sair para Lisboa odesta para bahia combiado pa ra Lisboa he oque Semeofrece adezer a Vossa merce com isto não mefadomais Saudades a Senhor ezebio Des te Seu Compadre munto do coração Joze Aires

Fonte: Barbosa (1999, p. 390), Carta de comércio 262.

Figura 3: Exemplo de documento do acervo *Atas de africanos e afrodescendentes*



Aos Sete dias domes, de Julho demil eoitos <Sentos> equarenta eCoatro estando o Provedor, emais Mezaros todos Juntos em Meza fesse os trabalhos, naordem do Costume Segundo aordem do nosso Compromicio epor não se puder Comcluir fica para aprimeira Dominga deAgosto e per estar, Com forme mandou o Provedor lavrar, este termo emque todos Seasinaraõ e Eu que este fiz, e sabre

Eu cri vir Joze Pedro da Silva Parasu

1o. Secretário

Manoel Gonçalves da Silva Francisco Zacarias das Chagas

Provedor 2o. Sactetário

Joze Francisco de Jesuz Jacinto Pereira daSilva

Vice Provedor Thezouzeiro

Manoel Caetano Juvencio Rodriguez Pinheiro

Fical 1o sollicitador

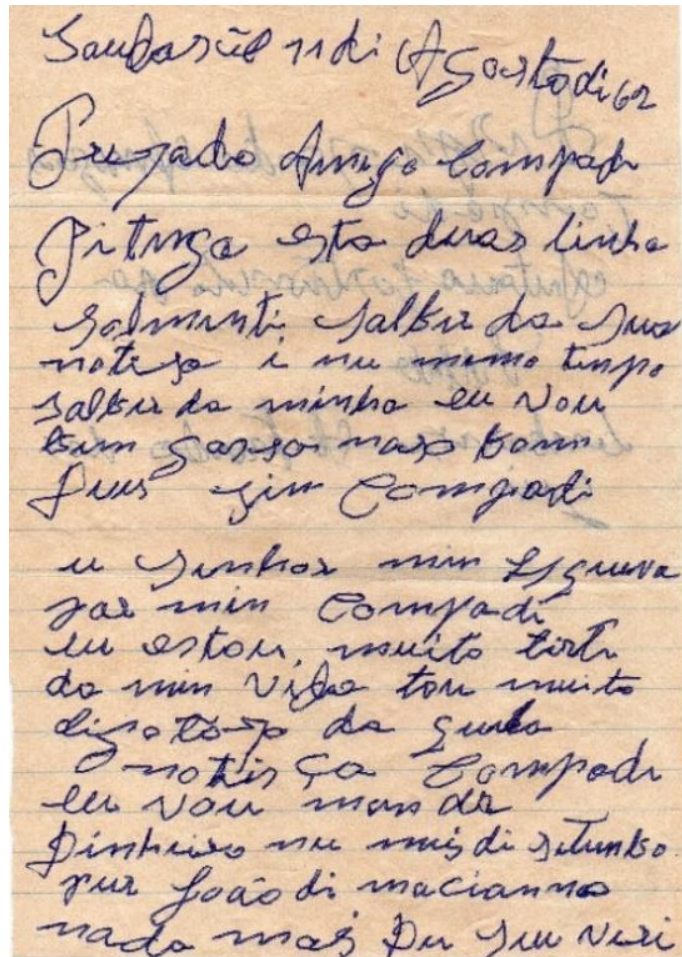
Leriques de Olivera

Manoel daComceicam Benedito Ciriaco de Lima

Lourenço Joze dos Santos Passos

levou ao cunhici mento du conselho que tia numihado huma cumiçaõ para sulicitar ao Senhor Visconde di Ita parica u Senhor Argolo na sua xegada

Figura 4: Exemplo de documento do acervo Cartas em Sisal



Saudação 11 di Agosto di 6227
 Prezado Amigo Compadi
 Pitnga esta duas linha
 solmenti salber da sua
 notisa i nu memo tempo
 salber da minha eu vou
 bem garsa noso bom
 Deus sim Compadi

u senhor min esqueva
 par min Compadi
 eu estou muito tirti
 da min vida
 tou muito digotoso da
 qur[.]a28 notis ça
 Compadi eu vou manda
 Dinheiro nu meis di
 setembo pur João di
 macianno nada mas
 Du seu viri

Saudação 11 di Agosto di 6227|

Prezado Amigo Compadi|

Pitnga esta duas linha|
 solmenti salber da sua| notisa i nu memo tempo| salber da minha eu vou|
 bem garsa noso bom| Deus sim Compadi|

u senhor min esqueva| par min Compadi| eu estou muito tirti| da min vida
 tou muito| digotoso da qur[.]a28| notis ça Compadi| eu vou manda|
 Dinheiro nu meis di setembo| pur João di macianno| nada mas Du seu viri|

Como já mencionado, Santiago (2019) conseguiu constituir um *corpus* oral com os mesmos escreventes porque uma boa parte dos remetentes e destinatários ainda está viva. Foram realizadas 12 entrevistas-narrativas de temas variados e, na escolha dos entrevistados, foram priorizados aqueles que são mais velhos e que escreveram ou receberam uma quantidade significativa de cartas. A pesquisadora obteve informações valiosas sobre os “[...] aspectos socioculturais e sobre o processo de participação na cultura escrita” (Santiago, 2019, p. 85), através dessas narrativas dos sertanejos baianos. As gravações foram registradas em vídeo com duração entre 15 e 30 minutos. Esse *corpus* oral, então, fornece dados para a sócio-história e são fontes para o estudo de aspectos da língua, podendo permitir captar fenômenos representativos do português.

Nos estudos realizados por Marquilhas (2000), Barbosa (1999), Oliveira (2006) e Santiago (2019) já consta um levantamento prévio dos fenômenos na escrita, exemplificando a pouca habilidade ou inabilidade dos redatores perante a escrita, mas esses pesquisadores não detalharam os contextos favorecedores, apenas listaram alguns exemplos. Aqui, utilizam-se as edições semidiplomáticas¹⁵ disponibilizadas em seus trabalhos e é feito um estudo mais detalhado sobre os fenômenos a partir do levantamento das ocorrências, da análise dos dados e da comparação entre os *corpora*. Foi realizada a transcrição completa dos dados orais das 12 entrevistas-narrativas¹⁶ produzidas por Santiago (2019). Os critérios utilizados são os mesmos seguidos pela pesquisadora, que adotou as normas de transcrição do projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*¹⁷.

Alguns fenômenos fônicos foram transcritos normalmente, principalmente os que são estudados neste trabalho e outros como desnasalização, palatalização, rotacismo, prótese, entre outros. A seguir, estão os critérios utilizados a partir de Santiago (2019, p. 307):

1. ... Para marcar hesitações ou interrupções, pausas longas, com posterior continuação do diálogo.
2. [] Interrupção do diálogo, por causa de barulhos.
3. () Transcrição duvidosa.
4. “ ” Citações.
5. (rindo) Para indicar os risos.
6. [inint.] Palavra ou trecho ininteligível/inaudível.
7. – Palavra não totalmente pronunciada.

¹⁵ “Reprodução tipográfica rigorosa da lição de um testemunho, conservando todas as suas características” (Borges, 2003, p. 48)

¹⁶ Santiago (2019), em sua tese, transcreveu alguns trechos das entrevistas-narrativas que tratam, principalmente, das práticas de escrita e leitura e dos contextos de letramento dos sertanejos.

¹⁷ O Projeto elaborou os critérios de transcrição a partir das chaves do Projeto Vestígios de Dialetos Crioulos em Comunidades Afro-Brasileiras Isoladas e do projeto Norma Urbana Culta (NURC).

8. [...] Trecho com continuação do diálogo, abordando outros assuntos.
9. (superp.) Para indicar superposição de fala.
10. Doc. para indicar a fala do documentador e Inf. para a do Informante.

Depois da transcrição, foi realizada a coleta de dados do fenômeno específico e a comparação com os dados de escrita, para elucidar se os fenômenos, neste caso, são transposições da fala para a escrita. A próxima seção desta dissertação apresentará essa análise.

5 A MONOTONGAÇÃO E A DITONGAÇÃO EM TEXTOS ESCRITOS POR MÃOS INÁBEIS E EM DADOS DE FALA

Como comentado nas seções anteriores, a identificação de fenômenos grafofonéticos, como a monotongação e a ditongação, pode contribuir para caracterizar os níveis de inabilidade na escrita alfabética, como indicam os estudos realizados por Marquilhas (2000), Barbosa (1999), Oliveira (2006) e Santiago (2019). Mas alguns contextos favorecem a ocorrência dos fenômenos, como por exemplo, o grafema seguinte ao ditongo, a posição do ditongo na palavra e a tonicidade da sílaba estão ligados a monotongação não necessariamente concomitante, mas só para citar alguns. Já no caso da ditongação, além desses, acrescenta-se as consoantes alveolares, as sílabas travadas por /S/ seguindo o ditongo e a extensão do vocábulo.

5.1 OS DADOS EM TEXTOS DOS SÉCULOS XVII, XVIII e XIX

Os documentos de cada século serão apresentados em subseções separadas, destacando-se os exemplos dos fenômenos que foram encontrados para cada acervo. Os contextos citados anteriormente serão utilizados na análise (grafema seguinte ao ditongo, a posição do ditongo na palavra e a tonicidade da sílaba) dos dois fenômenos, mas dependendo do vocábulo e do ditongo que aparece em cada século. Então, nesta seção serão apresentados os dados nos *corpora* escrito, com o detalhamento dos contextos favorecedores.

5.1.1 Século XVII

As *mãos inábeis* seiscentistas são identificadas por critérios claros que envolvem a aparência física que é constituída pela caligrafia da mão e particularidades do suporte, não necessariamente de forma cumulativa ou equilibrada, trazem também uma possível relação entre a língua falada e a língua escrita. Sobre isso, Marquilhas (2000, p. 299) informa que

O domínio da escrita alfabética implica a captação de um princípio fonográfico segundo o qual as realizações orais são sucessões lineares de segmentos consonânticos e vocálicos. Pelo mesmo princípio, a língua escrita oferece uma possibilidade de espelhamento dessa organização fonológica porque para segmentos individuais, há sinais gráficos equivalentes, os quais também se traçam numa sequência linear. A aquisição da escrita alfabética exige assim, junto dos iniciados, a emergência daquilo a que se chama uma consciência fonológica, que lhes permite segmentar as unidades da língua em consoantes e vogais. (Marquilhas, 2000, p. 299).

Os problemas de representação fonológica são representativos da escrita *inábil*, assim como a presença de fenômenos do âmbito do consonantismo e do vocalismo que englobam os fenômenos da monotongação e da ditongação. Nos documentos da Inquisição do século XVII percebem-se casos de monotongação em dois tipos de ditongos apenas, como é o caso do ditongo *ou* para *o* em *louvado* por *lovado* e *trouxe* por *troxe* (Anexo III, doc. VIII). A redução desse ditongo é recorrente no português, ocorre em diversos contextos, como é possível perceber na análise dos outros *corpora*.

No caso do ditongo *ei*, observa-se a redução para *e* em diferentes palavras:

tendeiro por *tindero* (Anexo III, doc. II),
cheias por *cheas* (Anexo III, doc. IV),
casamenteira por *casamentera* (Anexo III, doc. XII),
primeiro por *permero*, *dinheiro* por *dinhero* (Anexo III, doc. XVIII),
cadeia por *cadea* (Anexo III, doc. XIX).

Segundo Elia (1975), o ditongo *ei* reduz-se a *e* quando seguido de *r*, *x* ou *j*. Mas nos *inábeis* portugueses de seiscentos ocorre também nas palavras *cheias* e *cadeia*, mostrando que a vogal baixa *a* também pode ser um contexto favorecedor. O estudo de Hora e Silva (1999) com amostras de língua falada do *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba* (VALPB) mostra a presença da monotongação de *ei* diante da vogal *a*, como na palavra *meia*. A explicação dos autores para essa ocorrência é a questão de que na língua “se mantém a tendência de desfazer hiatos e, ainda, ditongos, preservando o padrão silábico canônico que é CV” (Hora; Silva, 1999, p. 86).

No que se refere à ditongação, Marquilhas (2000) a caracteriza como um caso de epêntese, já que uma semivogal é introduzida no interior da palavra. A autora não apresenta muitos detalhes sobre esse fenômeno nos documentos, mas foi possível notar a ocorrência em 25 palavras. A maioria está ligada à palavra *batizar* e suas derivações, que recebeu a semivogal [w] depois da vogal da primeira sílaba:

bautizados (doc. IV),
bautizar (doc. IV; doc. XX),
bautismo (doc. XX),

Houve casos também da inserção da semivogal [w] antes de vogal, a maioria dos casos são de palavras que terminam com *o*:

diguo (doc. V),
francisquo (doc. X),
larguo (doc. X),
comtiguo (doc IX),
comiguo (doc. XVIII),
amiguo (doc. XIX).

No caso dos exemplos citados acima, é possível que pelos contextos semelhantes aos dígrafos, a dificuldade de representação, por serem *mãos inábeis*, gera a inserção da semivogal [w], como uma espécie de hipercorreção, uma tentativa de acerto, e que pode não ser um reflexo da fala, mas da própria dificuldade com a escrita.

Outros casos que formam ditongos crescentes são:

aguaa (doc. IX),
guomes (doc. X),
guosto (doc. X),
lugar (doc. V),
obriguasão (doc. XIX),
aguosto (doc. XXVIII).

Os outros casos são mais comuns de acontecerem, principalmente na fala, e já foram analisados (Callou; Leite; Moraes, 2000) com o português hodierno, que diz respeito à ocorrência da ditongação diante de [s], [ʒ] e [j], como mostram os exemplos:

peis (doc. IV),
feicha (doc. XII),
taixo (doc. XXX),
pagem por paige (doc. XIV).

Ainda ocorre o caso de *escadas* por *escaidas* (doc. XII) formando um ditongo decrescente antecedido da consoante *d*, uma ocorrência mais rara no sentido de que não foi encontrado nem em trabalhos antecedentes, nem nos outros *corpora*, esse tipo de contexto.

5.1.2 Século XVIII

Nem todos os documentos do século XVIII foram produzidos por indivíduos considerados *inábeis* na técnica de escrita. Barbosa (1999) considerou algumas daquelas *mãos* como *pouco hábeis*, já que alguns escritos não possuem as características propostas por Marquilhas (2000) para *inábeis*. Em sua análise linguística, o autor propõe que os processos fonéticos encontrados no *corpus* são “atestações gráficas de prováveis marcas da oralidade” (Barbosa, 1999, p. 163), ao mesmo tempo que declara:

A diferença fundamental, contudo, refere-se ao nível em que as ditas atestações servem à análise. Nesta pesquisa, insiste-se, não se está interessado em discutir se determinado grafema reflete, ou não, esse ou outro som. O conjunto de dados recolhidos vem a ser, de fato, instrumento para o contraste entre os *corpora* do material de circulação oficial e particular. A pergunta motriz da comparação busca avaliar que conjunto de material escrito da colônia Brasil possui mais ou menos desse ou daquele tipo de atestação de um processo fonético ou de um cochilo de quem

escreve, revelando, nesse caso, uma menor pressão de vigilância própria aos textos de pouca cerimônia – seja em que época for.

O *corpus* disponibilizado por Barbosa (1999) é constituído, então, de cartas escritas por comerciantes (*pouco hábeis*) e documentos oficiais escritos por pessoas com certa habilidade na escrita, como já comentado. Em ambos os documentos foram encontrados pelo autor monotongações e ditongações, a diferença entre a documentação “[...] reside na proporção de incidência de cada tipo de atestação gráfica dos processos fonéticos” (Barbosa, 1999, p. 165). A maioria das ocorrências de monotongação nos documentos diz respeito a um tipo bem comum, a redução de *ou* em *o* em casos como:

ou por *o* (nas Cartas de comércio nº 94/266/263/262),
outro por *hotro* (Cartas de comércio nº 94/266),
vou por *vo* (Carta de Comércio nº 258/ 259),
pouco por *poco* (Cartas de Comércio nº 258/252),
outra por *hotra* (Carta de comércio nº 258),
houver por *hover* (Cartas de Comércio nº 266/263),
ouro por *horo* (Carta de comércio nº 266),
poucos por *poco* (Carta de Comércio nº 251),
trouxe por *trose* (Carta de Comércio nº 452),
houve por *hove* (Carta de Comércio nº 264),
dou por *do* (Carta de Comércio nº 259),
resolvido por *rsovido* (Carta de Comércio nº 143),
outros por *otros*, *enviou* por *envio* e *soube* por *sube* (Documentos Oficiais 153/13/23).

Como dito no tópico anterior, a monotongação de *ou* para *o* ocorre em tantos contextos diferentes que não é claro o que favorece essa redução e, assim como afirma Nunes (1989), citado anteriormente, na escrita essa simplificação ocorre desde o português arcaico. Mas se fosse o caso da posição do ditongo na palavra ou da classe da palavra, como alguns estudos (Haupt, 2011; Silveira, 2019; Souza, 2022) com dados do século XXI sugerem, não se encaixariam visto que a redução ocorre tanto no começo quanto no final da palavra, principalmente em verbos. E ainda há o caso do verbo *resolvido* que a redução acontece no meio da palavra.

É interessante que em se tratando do *corpus* do século XVIII ainda há a ocorrência da redução de *ai* por *a* em *baixo* por *baxo* (Carta de Comércio nº 258) e *caixas* por *caxas* (Carta de Comércio nº 263/ 265), a redução de *ei* por *e* em *hei de* por *he de* (Carta de Comércio nº 259) e em *ideias* por *ideas* (Carta de Comércio nº 412; Documento oficial nº 168). A consoante *x* (ou o som que a representa /ʃ/) seguinte ao ditongo *ai* é um contexto que favorece a redução para *a*, isso é perceptível também nos *corpora* dos séculos XIX e XX, além da fala. Na redução de *hei de* para *he de*, Barbosa (1999) afirma que poderia considerar um “cochilo”, no sentido de talvez

ser uma distração de quem escreveu ou copiou a carta, mas reforça a hipótese de ser uma marca da oralidade.

Sobre a ditongação, Barbosa (1999, p. 167) nos informa: “[...] assim como seu contraponto monotongação, corrobora a hipótese da maior sensibilidade do corpus formado pelas cartas de comércio às marcas mais normais da oralidade de quem as escreveu no século XVIII”. O autor não faz uma explanação maior sobre esse fenômeno, porque assim como o *corpus* do século XVII, os dados são poucos. Mas é perceptível que a maior quantidade de ocorrências está nas Cartas de Comércio e ocorre tanto a inserção da semivogal [j], quanto da semivogal [w]:

Bolaixa (Bolacha, Carta de Comércio nº 149),
costouzo (custoso, Carta de Comércio nº 131),
nouvo (novo, Carta de Comércio nº 132),
auuardente (aguardente, Carta de Comércio nº 133),
oucaziões (ocaziões, Carta de Comércio nº 133),
houje (hoje, Carta de Comércio nº 134),
grouço (grosso, Carta de Comércio nº 129),
Caucullar (calcular, Carta de Comércio nº 404).

Nos documentos oficiais houve apenas a ditongação na palavra *corte*, com o acréscimo da semivogal [w]: *courte* (Documentos Oficiais nº153/9).

5.1.3 Século XIX

A documentação do século XIX foi produzida, como especificado por Oliveira (2006, p. 218), por “africanos, brasileiros, provável africano e prováveis brasileiros” todos negros pertencentes à Sociedade Protetora dos Desvalidos, uma irmandade fundada na cidade de Salvador, no ano de 1832. Diferente dos textos do século XVII e do século XVIII que são mais próximos de variedades do português europeu, o *corpus* do século XIX, produzidos por *mãos africanas* no Brasil, podem “[...] permitir aproximações das variedades do português falado como segunda língua” (Oliveira, 2006, p. 214). E por serem escritos de *mãos inábeis*, esse *corpus*, conforme Oliveira (2006, p. 214), revela “[...] aproximações do que teria sido o português popular do passado, porque, como diz Mattos e Silva (2001 e 2002 [2008c]), foram os africanos e afro-descendentes os seus mais prováveis usuários”.

Em seu estudo, Oliveira (2008) optou por detalhar cada ditongo separadamente. Ele inicia com o ditongo *ai* mostrando que, basicamente a redução ocorre nas palavras *abaixo* e *caixa* e mesmo sendo produto de *mãos* variadas, em mais de 80% dos casos o fenômeno ocorre

antes de [ʃ]¹⁸. Sobre o ditongo *au*, ele ocorre em palavras diversas. Oliveira (2008) destaca que os contextos em que ocorre são apenas indícios, mas foi observado a redução do ditongo diante de *d*, como em *saudosa* por *sodoza* (LSS, 45.23), diante de *m*, como em *aumentar* por *amentar* (FJS, 04.79), diante de *t*, como no caso de *autoriza* por *athoriza* (JPS, 01.08), diante de *g* como em *inauguração* por *inaguração* (LSS, 40.44) e diante de sílabas travadas por *s*, como em *exausto* por *exasto* (FJS, 02.116) e *Faustino* por *Fastino* (AJB, 20.112), com isso o autor chega à conclusão de que o “fenômeno se dê, principalmente, diante de consoantes oclusivas” (Oliveira, 2008, p. 160).

O ditongo mais atingido pelo fenômeno da monotongação, nos documentos da Sociedade Protetora dos Desvalidos, é o ditongo *ei* sendo o grafema seguinte ao ditongo altamente favorecedor. Oliveira (2008) busca respaldo em Paiva (1998) para explicar o motivo do ditongo ser reduzido a *e* diante das consoantes *r*, *x*, *j*:

Segundo a autora, as fricativas palatais compartilham com a semivogal do ditongo o traço [+alto] e a sequência de dois segmentos com um mesmo traço em comum é ambiente favorável à assimilação, que, no caso de [ey], incide na semivogal. No tocante ao [r], ainda consoante a autora, é dos segmentos consonânticos que se caracteriza por possuir o maior número de propriedades vocálicas e uma delas, [+contínuo], é vista por Paiva (1998) como a responsável pelo efeito condicionante de [r] (Oliveira, 2008, p. 160).

As fricativas palatais se referem aos sons [ʃ] e [ʒ] que os grafemas *x* e *j* podem ter. Os sons [ʃ], [ʒ] e [ej] compartilham do traço [+alto] que significa que o som é produzido com a língua numa posição mais alta, gerando a monotongação. O mesmo acontece com o som de *r* ([r]) que possui uma propriedade vocálica [+contínuo] em que o som é produzido sem a interrupção completa da passagem de ar pelo trato vocal (Exemplos: *banheiro* por *banhero* (LSS, 24.38); *deixa* por *dexa* (LSS, 40.40)). Oliveira (2008) também destaca a monotongação de [ej] com a vogal *e* tendo um som mais aberto como na palavra *assembleia*. Inclusive, esse é um item lexical em que a monotongação mais ocorre no *corpus*, diversas *mãos* escreveram *asemblea* (AJB, 02.03; AJB, 31.25; FB, 12.18; FB, 14.37; FJS, 01.24; FJS, 03.221; FSF, 02.02; FSF, 03.02) ao invés de *assembleia*, tendo um total de 148 ocorrências.

Como é o caso dos outros *corpora* já analisados, a redução do ditongo *ou* para *o* “[...] apresenta-se, ao que parece, independentemente de qualquer contexto” (Oliveira, 2008, p. 163), mas Oliveira (2008) observou que nos textos da Sociedade Protetora dos Desvalidos a redução ocorre diante de [r], de *v* e de *t* (*tesoureiro* por *tezoreiro* (SFR, 01.16; SFR, 01.30); *ouvimos* por *ovimos* (MVS, 08.03); *outra* por *hotra* (AJB, 31.102; MLF, 10.14)), de forma mais numerosa,

¹⁸ Caracteres do Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

mas também seguido de *b*, [s] e *z* (*soubesse* por *sobece* (LSS, 32.26); *trouxe* por *trose* (AJB, 20.82); *Sousa* por *Soza* (LSS, 33.45)).

Ainda há o caso de três ditongos orais que não aparecem nos *corpora* dos séculos anteriores, como os ditongos *ui*, *ia* e *io*. A redução do ditongo *ui* ocorre em 7 casos, foram escritos pela mesma mão e são todos referentes ao verbo cuidar: *cuida* por *cuda* (AJB, 14.68), *cuidados* por *cudados* (AJB, 33.23), *cuidar* por *cudar* (AJB, 21.22), *cuidarão* por *cudarão* (AJB, 02.09), *cuidar-nos* por *cudar-nos* (AJB, 03.37) e *cuidei* por *cudei* (AJB, 13.04). A redução do ditongo *ia* para *a*, segundo Oliveira (2008), em muitos casos ocorreu na palavra *família* em que o *li*, a partir de um processo assimilatório, se palatalizou em *lh* sendo grafado como *familha* (AJB, 12.16; LSS, 32.14; LSS, 45.30; LSS, 45.40; LSS, 45.45; JCB, 11.23).

Em relação à redução do ditongo *io*, o total de ocorrência foi de 78 casos e a maioria ocorre em nomes pessoais como *Amâncio* por *Amanco* (AJB, 15.145; SRS, 02.60; AJB, 15.26), *Anastácio* por *Anastaco* (LSS, 37.57), *Arcênio* por *Arceno* (AJB, 12.36), *Atanásio* por *Atanaso* (SRS, 03.29), *Benício* por *Benico* (LSS, 28.14; LSS, 45.12), *Cláudio* por *Claudo* (MES, 08.14; MJR, 01.10; MLF, 05.36), *Maurício* por *Maurisso* (AJB, 14.09) e *Tibério* por *Tibero* (AJB, 14.17). O contexto para a ocorrência dessa redução seria a posição do ditongo na palavra, todos ocorreram em sílaba postônica final.

Os documentos da Sociedade Protetora dos Desvalidos ainda apresentam a redução de ditongos nasais, ou sons dos ditongos como: [ãw] nas palavras *assinaram* por *assinaro* (MES, 02.24), *compareceram* por *comparicero* (LSS, 42.07) e *deixaram* por *deixaro* (MLF, 09.05). [êj] nas palavras *homem* por *home* (FJS, 04.77; LSS, 39.24), *ordem* por *orde* (MES, 01.03) e *terem* por *tere* (FJS, 03.267). E com o ditongo [ũj] em apenas um vocábulo: *muito(s)* por *munto(s)* (AJB, 03.22; AJB, 08.05; AJB, 15.34; AJB, 15.84; AJB, 15.109; AJB, 18.24; AJB, 03.53; AJB, 23.21).

Nos documentos do século XIX a ditongação é mais produtiva e a maioria dos casos estão relacionados à inserção da semivogal [j] em sílabas terminadas em [s]. Oliveira (2008), declara que,

No conjunto das ocorrências, as palavras monossilábicas, com 85 casos, são as que mais confessam o fenômeno, mesmo quando se considera que 35 delas dizem respeito à forma verbal *pôs*, grafada por mãos diferentes como *pois*. Deixa ver os dados que, desde o século XIX, além da neutralização na fala entre *pôs* (verbo) e *pois* (conjunção), outras já estavam em cena: *mais* (advérbio) e *mas* (conjunção), *ex* (prefixo) e *eis* (advérbio), *paz* (substantivo) e *pais* (substantivo). Se são palavras formadas por *mais* de uma sílaba, assiste-se à ditongação em posição pretônica (1 caso), tônica (8 casos) e postônica (1 caso): *deis* (*dez*), *fais* (*faz*), *Feis* (*fez*), *heis* (*ex*), *mais* (*mas*), *meis* (*mês*), *pais* (*paz*), *pois* (*pôs*), *treis* (*três*), *veis* (*vez*), *Vaisconcelvo* (*Vasconcelos*), *espois* (*expôs*), *expoís* (*expôs*), *Opois* (*opôs*), *Thomais* (*Tomás*) (Oliveira, 2008, p. 170).

A ditongação também ocorre em palavras que possuem mais de uma sílaba e o fenômeno pode ocorrer tanto em sílabas tônicas, quanto pretônicas e postônicas. A diferença é que em “sílabas pretônicas e tônicas, há um comportamento semelhante: a semivogal insere sempre sucede a vogal, do que resultam apenas ditongos decrescentes” (Oliveira, 2008, p. 170). Observa-se também a presença da semivogal [j] formando a ditongação, quando a vogal antecedente está diante de consoantes alveolares, como podemos ver nos exemplos:

fechadas por *feixada* (AJB, 22.104-105),
roxa por *roixa* (FJS, 02.03; FJS, 02.06),
sejão por *çeião* (JCB, 06.52),
desejando por *dezeijando* (JCB, 19.11),
elegemos por *eleijemos* (FJS, 04.91),
esteja por *esteija* (LSS, 02.41),
festejo por *festeijo* (SFR, 01.27),
sessão por *ceição* (SFR, 01.1),
serem por *ceirem* (JCB, 23.36),
fortaleça por *furtaleiça* (SFR, 02.55),
comparecerão por *compareceirão* (FPF, 07.12),
diretório por *direitorio* (JCB, 01.37; JCB, 05.11; JCB, 09.37; JCB, 10.37),
despesa por *despeiza* (SFR, 01.17; SFR, 01.22),
pelo por *peilo* (MAC, 01.07).

A ditongação pode ser um caso de hipercorreção, “[...] sobretudo fora do contexto de sílabas travadas por [S], para o qual o Português Brasileiro atual documenta amplamente a ditongação” (Oliveira, 2008, p. 414), principalmente quando o fenômeno se realiza em posição postônica, quando a semivogal [j] é introduzida antes da vogal formando um ditongo crescente:

Afonso por *Afoncio* (LSS, 21.23; LSS, 23.29; LSS, 23.55; LSS, 30.23),
Amaro por *Amario* (JCB, 09.20),
azilo por *azilio* (AJB, 13.07; AJB, 13.21; LSS, 22.26; LSS, 23.38),
balanço por *balancio* (LSS, 30.42; LSS, 32.27; LSS, 32.31),
compromisso por *compremisio* (MC, 02.14)
consenso por *consencio* (MLF, 07.34),
despacho por *despasio* (SRS, 01.08),
discurso por *discurcio* (SFR, 02.46),
Narciso por *Narcizio* (MLF, 05.49; MLF, 07.23; MLF, 07.31; MLF, 07.83),
recurso por *recurcio* (LSS, 39.29),
confiança por *confiancia* (LSS, 25.42),
diferença por *deferencia* (AJB, 25.33-34),
protetora por *protectoria* (LSS, 42.08),
sincera por *sinceria* (MLF, 11.08),
vingança por *vingancia* (FJS, 04.36-37).

Nos documentos da Sociedade Protetora dos Desvalidos, ainda ocorre a ditongação com a inserção da semivogal [w] em sílabas pretônicas e tônicas, com a formação de ditongos decrescentes, como por exemplo:

acaso por *acauzo* (FJS, 01.74-75),
agosto por *augosto* (LSS, 31.02; LSS, 31.20; LSS, 38.21),
Cardoso por *Cardouzo* (JCB, 03.15; JCB, 06.38; JCB, 09.33; JCB, 10.30),
hoje por *houje* (SFR, 02.36),
pessoa por *pessoua* (JCB, 11.23),
protetora por *protetoura* (AJB, 12.19),
senhora por *sinhoura* (JCB, 01.40),
toda por *touda* (LSS, 06.06),
tochas por *touxas* (AJB, 14.70).

Além da ditongação com a modificação da consoante em que o [l] foi vocalizado: *Silva* por *Siuvo* (FPF, 07.33-34) e *saldar* por *saudar* (FJS, 04.111-114), possivelmente sendo uma influência da oralidade.

5.2 OS DADOS EM TEXTOS DO SÉCULO XX

Santiago (2019), que disponibiliza o *corpus* principal deste estudo, identificou 170 ocorrências do fenômeno da monotongação nas cartas dos sertanejos, tanto com a redução de ditongos orais, quanto com a redução de ditongos nasais. Em relação à ditongação, foram encontrados pela pesquisadora um total de 209 ocorrências nas cartas dos sertanejos. Já nos dados orais das entrevistas-narrativas, no levantamento aqui realizado, foi encontrado um total de 224 ocorrências do fenômeno da monotongação e 57 ocorrências do fenômeno da ditongação.

Esse *corpus* de cartas é o que mais se assemelha ao *corpus* do século XIX. Mesmo sendo de séculos próximos possuem uma distância temporal significativa, pois alguns documentos chegam a ter mais de 100 anos de diferença entre o período em que foram escritos. Mas os contextos de realização dos fenômenos são bem parecidos, provavelmente pelo fato de os dois terem sido escritos no Brasil, em regiões próximas e/ou pelo fato de esses acervos serem representativos das vertentes populares do português.

Mattos e Silva (2008c) discute que para a recuperação da história do português popular brasileiro é importante estudar também as variedades rurais, não só as urbanas. E é justamente desses locais que vêm os escreventes dos documentos do século XX. Esses indivíduos são sertanejos do semiárido baiano, mais especificamente das cidades de Riachão do Jacuípe, Ichu e Conceição do Coité, locais em que até meados desse século não possuíam a presença efetiva

de escolas formais. Mesmo assim, a prática da escrita se fez presente, e eles escreveram 131 cartas de caráter afetivo entre os anos de 1906 a 2000, com uma quantidade maior de correspondências escritas nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

Em relação aos fenômenos em análise, observa-se que a monotongação ocorre em diversos tipos de ditongos orais (*ai, au, ei, eu, ou, ui, ia, io*) e assim como é o caso dos textos escritos pelos irmãos da Sociedade Protetora dos Desvalidos, em alguns ditongos nasais.

A simplificação do ditongo *ai* em *a* é observado nos seguintes casos: *caixa* por *caxa* (AFS-8), *raiva* por *rava* (AFS-21; FP-79), *maior* por *maor* (AFS-18, 45). Observando a partir do grafema seguinte ao ditongo percebe-se que na primeira palavra ocorre, semelhantemente aos outros *corpora*, diante da palatal [j]. Mas nas cartas de *inábeis* observa-se que a redução acontece em outras duas palavras que não se encaixam nesse contexto. Pensando no grafema seguinte, é possível notar que esse fenômeno também pode ocorrer diante de *v* e de *vogal*. No que se refere à palavra *maior*, a monotongação foi observada por Haupt (2011) no falar de Florianópolis (SC). A autora mostra que, pelo fato de o ditongo se encontrar em sílaba átona, propicia condições para a redução.

A monotongação do ditongo *au* ocorre em três itens lexicais, mas na maioria dos casos diz respeito ao nome próprio *Augusto* escrito de diferentes formas: *agusto* (AFS-7; GOR-27; ZLS-71); *ogusto* (GOR-29; SFS-40; ZLS-70); *agusti* (AOL-72). Também ocorre no substantivo *saudade*: *sodade* (NIN-38); *sodadi* (ZSS-53); *soldade* (DCS-69); *codade* (NIN-51) e nas palavras *saudação* e *aumentar*: *sodacão* (BMO-91) *ormentar* (AFS-16). É possível notar que nas cartas ocorrem diferentes grafias para a mesma palavra, isso devido à inabilidade na escrita por parte dos escreventes, mas a monotongação do ditongo revela que ele ocorre na sílaba inicial das palavras e, analisando a partir do ponto de vista do grafema seguinte ao ditongo, tem-se que essa redução ocorre diante de *g*, *d* e *m*.

A redução do ditongo *ei* ocorreu em todos os *corpora* e, de forma categórica, tendo a presença da consoante *r* como um contexto altamente favorecedor, as seguintes palavras exemplificam:

inteiramente por *entiramente* (RCO-39),
inteiro por *entero* (ICO-48),
Carneiro por *Calnero* (SFS-42),
fevereiro por *feverero* (ZJS-74; FP-80),
dinheiro por *dinhero* (SFS-41; ASC-63),
queira por *quera* (SFS-40; JMS-68),
janeiro por *janero* (SFS-42),
parceiro por *passero* (MDC-84),
primeiro por *primero* (RAC-90).

Também, como ocorre no *corpus* do século XIX, o ditongo *ei* passa a *e* diante de *x* e *j* nas cartas dos sertanejos:

beijinho por *bejinho* (ICO-48; AFS-14, 16, FPS-47, 48),
beijo por *bejo* (JMA-64),
deixe por *dexe* (GOR-29),
queixo por *aquexo* (JMS-67) e
queixosa por *quexoza* (IZA-87).

Outras palavras que tiveram o ditongo monotongado foram:

correios por *coreos* (AFS-25),
passeio por *paceo* (FP-78),
Almeida por *Almedra* (JS-62),
Conceição por *Comções* (ZLS-70),
eleição por *eleção* (AHC-55),
reis por *res* (AML-81),
aceite por *a cete* (MC-36).

E a expressão *com perfeita* que ficou *çopefetra* (JS-62). Ao se considerar o grafema seguinte, tem-se que a redução ocorre diante da vogal *o* e das consoantes *d*, *s*, *t* e do som [s], mas é interessante notar que em todas as palavras o ditongo se encontra em sílaba tônica, exceto no caso das palavras *Conceição* e *eleição* em que o ditongo está em posição pretônica. De qualquer forma, estudos (Hora; Silva, 1999; Souza, 2022) mostram que os dois contextos são favorecedores para a ocorrência da redução.

Dois vocábulos apresentam a redução do ditongo *eu* para *e*: *preocupação* por *procupação* (AHC-58) e *preocupe* por *precupe* (AN-86). Essa redução não ocorre em nenhum dos outros *corpora*, apenas no do século XX.

A redução de *ou* para *o* ocorre em contextos semelhantes ao dos outros *corpora*, confirmando que essa é uma redução que acontece bastante no português, independente do contexto:

outubro por *otubor* (AFS-7),
pouco por *pôco* (JCO-310),
pouca por *poca* (JMS-67),
poucas por *pocas* (JMS-67),
pouco por *poco* (MDC-84),
outros por *utros* (LFO-32) e demais variações de escrita: *otros* (JCO-31) e *otro* (ZSS-53), *outra* por *otra* (MC-37; ZSS-53),
soube por *subi* (JCO-31; BMO-91),
sou por *só* (AHC-55),
ficou por *fico* (MDC-84; VAN-86),
quebrou por *quebro* (VAN-86),
tirou por *tiro* (VAN-86),
me tirou por *mitiro* (VAN-86),

roubado por *robado* (MMO-76),
louvado por *lovado* (SFS-41; FP-78, 79),
vou por *vo* (ZSS-53; JS-62; MDC-84),
estou por *estor* (AFS-16; JCO-31; MC-36) e *esto* (MC-37; VAN-86),
ou por *o* (AFS-11).

Como pode ser observado, a redução de *ou* para *o* ocorre em classe de palavras diferentes, ocorre independente se o ditongo se encontra no início ou no final da palavra, o grafema seguinte é marcado pelas consoantes *t*, *c*, *b*, *v* e ocorre tanto em sílaba tônica, quanto em sílaba átona.

No *corpus* ainda aparece a monotongação dos ditongos orais *ia*, *ui* e *io*. A maioria dos casos de monotongação de *ia* para *a* ocorre na palavra *notícia* que é grafada de diferentes maneiras:

notisa (AFS-2, 4),
notissa (AFS-4),
notiça (AFS-4, 6, 7, 11, 45; VO-113),
notisça (AFS-5, 12, 19),
notisca (AFS-9),
notica (SFS-42; FP-78),
nutisa (ZSS-53),
nutica (MAO-106; MBS-122).

Também ocorre nas palavras:

experiência por *esperiença* (AFS-25),
preferência por *preferença* (JSS-88),
fêmea por *fima* (ROM-73),
feia por *fei* (FP-79),
importância por *importansa* (AFS-4).

Neste caso, o que se pode observar é a presença do [s] antecedendo o ditongo, que pode ser um contexto favorecedor para a ocorrência da monotongação, até porque no *corpus* do século XIX outras palavras que possuem essa mesma sílaba sofreram a redução do ditongo: *incumbência* por *encubença* (FB, 07.26), *inteligência* por *entiligença* (SRS, 04.06; SRS, 04.09), *urgência* por *horgença* (SRS, 04.35) e a palavra *sindicância* em diferentes grafias *Sindicanaça* (JCB, 05.13), *sindicanca* (JCB, 06.43), *sindicança* (JCB, 05.26; JCB, 23.12; JCB, 20.17), *Sindincansa* (JCB, 16.24) *Syndicança* (FB, 14.29). E em se tratando da posição do ditongo na palavra, também temos o exemplo da redução na palavra *fêmea* comprovando que a presença do ditongo em sílaba final pode favorecer a monotongação.

Assim como ocorreu nos escritos do século XIX, a monotongação do ditongo *ui* aconteceu no verbo *cuidar* e aparece em apenas uma ocorrência na palavra *cuidado* por *codado* (MC-37). A diferença é que os irmãos da Sociedade Protetora dos Desvalidos mantiveram a vogal *u* do ditongo, já os sertanejos, além de suprimirem a semivogal, a vogal *u* foi substituída

pela vogal *o*. Em relação ao ditongo *io*, observou-se a ocorrência em apenas dois vocábulos, o nome próprio *Virgínio* que passou a *Virgino* (ZSS-53) e o substantivo *negócio* que passou a *negoço* (AML-81). Nestas palavras o ditongo é antecedido pelas consoantes *n* e *c*, respectivamente [n] e [s]. Hora (2013) informa que quando a consoante [s] precede o ditongo crescente, torna-se um forte condicionador da monotongação e o [n] também favorece a monotongação “[...] tendo em vista que a presença do *glide* coronal desencadeia um outro processo, o de palatalização, como demonstram os exemplos ‘exí[lju] > exi[λu]’ e ‘hér[nja] > hér[ɲa]’” (Hora, 2013, p. 353).

Os sertanejos baianos também monotongaram palavras que possuem ditongos nasais, como por exemplo:

uma benção por *omabeca* (MC-50),
tão por *tom* (AFS-4),
venderam por *vendiro* (MCO-35),
estejam por *esteji* (MC-36),
Joãozinho por *Joazinho* (JJO-49),
tiveram por *tivero* (ZLS-7),
viagem pelas grafias *viage* (ACO-98) e *viaji* (VO-111) e
muito por *mutu* (ZLS-70).

Nas quatro primeiras palavras exemplificadas observa-se que também ocorreu o processo de desnasalização, como nos estudos feitos por Battisti (1997) e Chaves (2017) que mostram que, no caso de ditongos nasais, os dois processos podem ocorrer juntos, além de estarem em posição átona no final de palavra. O estudo de Chaves (2017) também mostra que verbos no pretérito perfeito do indicativo e não verbos terminados em *gem* (palavras como *origem* e *viagem*) são variáveis favorecedoras para o processo de redução. Em relação à palavra *muito*, os estudos mostram que a nasalidade ocorre na pronúncia, Battisti (1997) ainda afirma que esse ditongo nasal só ocorre nessa palavra ou numa variável pronúncia monossilábica da palavra *ruim*.

O fenômeno da ditongação nas cartas dos sertanejos ocorre de forma semelhante a dos outros *corpora*. Com a inserção da semivogal [j], muitas ocorrências estão ligadas aos contextos de sílabas travadas por /S/ e de consoantes alveolares diante da vogal antecedente:

faz por *fraiz* (AFS-1)
faiz (FP-79)
das por *daisi* (JMA-65) e *dais* (ZLS-70)
vez por *veize* (AFS-3), *veizi* (AFS-11) e *veis* (AFS-2)
mês por *meis* (AFS-4, 5, 8, 11, 14, 23; SFS-40; AHC-61; ASC-63)
“*em paz*” por *empais* (AFS-7) e *enpais* (MC-36)
nós por *nois* (AFS-17, 23; FJO-26; GOR-27, 28; JCO-31; AFS-45; MC-50; JMS-67; ZLS-70, 71; ROM73; FP-80; RAC-85; VAN-86; BMO-91)

nói (RAC-90)

vocês por *vosseis* (MC-36), *voceis* (MC-37, 50; ASC-63) e *voçeis* (ROM-73)

fez por *feis* (ACO-44)

rapaz por *rapais* (VAN-86)

Jesus por *Jezuis* (VO-113)

Sobre esse contexto, é interessante que na Gramática Histórica de Elia (1975), em estudo sobre traços fonéticos da língua portuguesa falada nas diferentes regiões do Brasil, a partir de outros estudos feitos por diversos autores, mostra-se que o “alargamento em ditongo de vogal tônica seguida de sibilante” é considerado por muitos deles como um desvio da norma padrão. Mas Elia (1975) mostra também que o professor Sousa da Silveira, em suas *Lições de Português* de 1960, destacou a presença da ditongação de forma implícita em textos poéticos quando os autores buscam rimar as palavras, citando os exemplos “nus e azuis (C. de Abreu), jamais e voraz (G. Dias), vãs e mães (C. Alves)” (Elia, 1975, p. 37).

Nas cartas, ainda há os casos de ditongação com a inserção da semivogal [j] antes de j como em:

desejo por *dezeijo* (AFS-6; AHC-56),

desejando por *dezejado* (JMS-68),

seja por *seija* (AHC-56, 58),

veja por *veijo* (SFS-40; FPS-47).

Tem casos em que a semivogal foi introduzida antes da vogal *a* de sílaba final:

presença por *prezencia* (MDC-84),

lembrança por *lenbança* (AFS-2; MAO-106).

E antes das consoantes *v* e *z*: *teve* por *teivi* (AFS-7); *despeza* por *dipeiza* (AFS-12); *escreva* por *esqeiva* (AFS-23) e *certeza* por *certeiza* (JMS-66).

Também há a ocorrência de *quem* por *qein* (AFS-3; VO-129) em que a vogal nasal foi ditongada. Segundo Callou e Leite (1990), a nasalidade das vogais em posição final pode resultar em ditongação e isso pode ser considerado “[...] uma característica particular da língua portuguesa, ao lado do francês e do polonês, quer essa nasalidade seja interpretada como traço distintivo pertencente à vogal, quer como ressonância nasal provocada pela consoante nasal que a ela se segue” (Callou; Leite, 1990, p. 88). Segundo as autoras, a ditongação pode ocorrer também “, 'vence' etc., que podem ser realizadas foneticamente como vogais simples ou como ditongos: h[õw]ra, v[êy]ce — h[õ]ra, v[ê]ce” (Callou; Leite, 1990, p. 88). Nas cartas de *inábeis*, isso pode ser exemplificado pela ocorrência de *benzinho* por *beizinho* (JMA-65).

No que se refere à ditongação com a inserção da semivogal [w], a regularidade das ocorrências é semelhante ao do *corpus* do século XIX com os escritos da Sociedade Protetora

dos Desvalidos, em que a ditongação formou apenas ditongos decrescentes e a maioria das ocorrências estão ligadas à palavra todo: *toudo* (AFS-1, 2, 4, 5, 7, 8, 11, 14, 15, 16, 19, 23, 45; ICO-48; JMS-66, VO-113), *todos* por *toudos* (AFS-20, 45; JMS-66; VO-112, VO-113), *toda* por *touda* (AFS-20; JMS-66; AML-81), *todas* por *toudas* (AFS-12; JMS-66). Outros casos são: *sã* por *são* (GOR-29), *moça* por *mouca* (AFS-16), *notícia* por *nouticia* (AFS-2, 23), *alô* por *alou* (DCO-46), *pode* por *poude* (APC-83), *doze* por *douze* (RAC-85), *Amargoso* por *Amargouso* (AFS-20), *sofredor* por *soufredor* (ACO-98), *obrigado* por *oubrigado* (ZBO-130).

A maior parte das ocorrências vêm de uma única mão que, segundo Santiago (2019), entre os escritores sertanejos, é o caso mais representativo de uma *mão inábil*, visto que a escrita corresponde ao nível de *inabilidade máxima* do contínuo¹⁹ proposto pela autora. Isso confirma que esses fenômenos na modalidade escrita da língua, em coocorrência com outros, são marcas de inabilidade na escrita alfabética. Na modalidade oral da língua esses fenômenos ocorrem livremente, independente de nível de escolaridade. Mas, no caso dos sertanejos baianos, na próxima seção será verificado se o que ocorre na escrita também é um reflexo da fala, a partir das entrevistas-narrativas produzidas por Santiago (2019).

¹⁹ O contínuo de inabilidade é dividido entre inabilidade máxima, inabilidade parcial e inabilidade mínima. Em cada nível são consideradas seis dimensões: marca de escriptualidade, escrita fonética, pontuação, repetição de vocábulos, pouca habilidade motora e segmentação gráfica.

Quadro 2 – Síntese dos contextos de ocorrências de monotongações nos séculos XIX e XX

Século XIX								
Ditongos	<i>ai</i>	<i>au</i>	<i>ei</i>	<i>eu</i>	<i>ia</i>	<i>Io</i>	<i>ou</i>	<i>ui</i>
Posição	—	—	—	—	—	—	Início, meio e final de palavra. Ex.: <i>poco</i> ; <i>rsovido</i> ; <i>enviô</i>	—
Grafema seguinte	Consoante <i>x</i> . Ex.: <i>abaxo</i>	Consoantes oclusivas. Ex.: <i>sodoza</i> ; <i>amentar</i> ; <i>athoriza</i> ; <i>inauguração</i> ; <i>Exasto</i> .	Consoantes <i>r</i> , <i>x</i> e <i>j</i> . Ex.: <i>banheiro</i> ; <i>dexa</i> ;	—	—	—	Consoantes <i>[r]</i> , <i>v</i> e <i>t</i> Ex.: <i>tezoreiro</i> ;	—
Classe	—	—	—	—	Substantivo. Ex.: <i>familha</i>	Substantivo. Ex.: <i>Claudo</i>	Verbo. Ex.: <i>sobece</i>	Verbo. Ex.: <i>cuidar</i>
Século XX								
Ditongos	<i>ai</i>	<i>au</i>	<i>ei</i>	<i>eu</i>	<i>ia</i>	<i>io</i>	<i>ou</i>	<i>ui</i>
Posição	—	—	Sílabas tônicas. Ex.: <i>janero</i> . Sílabas pretônicas. Ex.: <i>eleção</i>	Início de palavra. Ex.: <i>Precupe</i>	—	—	—	—
Grafema Seguinte	Consoante <i>x</i> , <i>v</i> , <i>vogal</i> . Ex.: <i>caxa</i> ; <i>rava</i> e <i>maior</i> .	—	Consoantes <i>r</i> , <i>x</i> e <i>j</i> . Ex.: <i>primero</i> , <i>dexe</i> , <i>bejinho</i>	—	—	—	Consoante <i>c</i> . Ex.: <i>poco</i>	—
Classe	—	Substantivo Ex.: <i>Agusto</i> ; <i>sodação</i>	—	—	Substantivo Ex.: <i>notiça</i>	Substantivo. Ex.: <i>Virgino</i>	Verbo. Ex.: <i>robado</i>	Verbo Ex.: <i>cuidar</i>

Fonte: elaboração própria.

5.2.1 Síntese

Os dados dos séculos XVII e XVIII são poucos em relação à presença de ditongos e consequentemente dos fenômenos. Para o século XVII, por exemplo, apareceu a redução apenas em dois ditongos (que são os mais produtivos por ocorrerem em todos os séculos): *ou* e *ei*. No século XVIII, além dos ditongos *ou* e *ei* acrescentou-se a redução do ditongo *ai*. As ocorrências nos séculos XIX e XX são as mais semelhantes e ocorrem em uma quantidade maior de ditongos, como foi possível observar na síntese do quadro 1 no tópico 5.2 *Os dados em textos do século XX*. Resumindo os contextos de ocorrências, temos as seguintes informações:

- a) A redução do ditongo *ou* é categórica na história do português por ocorrer em diversos contextos (na posição inicial, medial ou final de palavras; em diferentes classes gramaticais; com diferentes letras seguindo o ditongo).
- b) A redução do ditongo *ei* ocorre por causa do grafema seguinte ao ditongo, tendo as consoantes *r*, *x* e *j* como um forte contexto favorecedor.
- c) A redução do ditongo *ai* ocorre por causa da tonicidade da sílaba e da palatal [j].

Sobre os contextos de ocorrências da ditongação temos:

- a) Sílabas travadas por /S/ e consoantes alveolares diante da vogal antecedente.
- b) Epêntese da semivogal [j] antes da vogal *a* de sílaba final.
- c) Epêntese da semivogal [w] formando ditongos decrescentes.

5.3 OS DADOS NAS NARRATIVAS ORAIS DOS SERTANEJOS BAIANOS

Na seção 4, comentou-se que as entrevistas-narrativas produzidas por Santiago (2019) abordaram temas variados como, por exemplo, as dificuldades da vida na zona rural, a rotina do trabalho, a vida de outros familiares e as práticas de letramento. Percebe-se nas narrativas (cf. Apêndice A), que esses sertanejos nutriam um desejo de aprender a escrever e tinham como motivação o “próprio prazer que sentem com a prática da escrita” (Santiago, 2019, p. 86): “eu ficava só olhando, observano, né? Observano eles leno aquilo ali e eu ficava naquela vontade [...]” (Nº 4) e “olha eu tinha vontade de... de aprender a ler, era uma vontade grande [...]” (Nº 6).

Através das entrevistas e de conversas com familiares, foi possível ter informações sobre o processo de aquisição da escrita de 44 dos 53 remetentes e destinatários: “[...] para 28 sertanejos, a aprendizagem das práticas de escrita ocorreu em casa; quatro estudaram apenas os

primeiros anos; dez estudaram até a quarta série; uma estudou até a quinta série, e um declara ter aprendido por meio da convivência com os amigos, que sabiam escrever, e do contato com textos religiosos” (Santiago, 2019, p. 87). Mesmo assim, não há diferença entre aqueles que estudaram os primeiros anos e os que nunca frequentaram a escola em relação à habilidade com a escrita, ou seja, segundo a autora todos apresentam características de *mãos inábeis*.

Ao fazer um levantamento dos índices grafofonéticos, Santiago (2019), sem pretensão de fazer uma análise quantitativa, até porque em seu trabalho as narrativas não estavam transcritas de forma completa, elencou exemplos de alguns fenômenos fônicos em trechos das gravações das entrevistas de três redatores das cartas (AFS, ASC e NIN):

- a) aférese: credita por acredita, diantou por adiantou, devogado por advogado, garrar por agarrar, tigamente por antigamente (AFS), inda por ainda (NIN), cabar por acabar (ASC);
- b) síncope: tito por título, competo por completo, quato por quatro (AFS);
- c) apócope: própri por próprio, papé por papel (AFS), camim por caminho (ASC);
- d) prótese: adefensor por defensor (AFS), alembro por lembro (NIN);
- e) redução de ditongo: sodade por saudade (AFS), goabeira por goiabeira (ASC);
- f) rotacismo: arcançaro por alcançaram, alguma por alguma, prano por plano (AFS), vortava por voltava (NIN), com preto por completo (AFS, ASC);
- g) palatalização: família por família (AFS);
- h) metátese: droba por dobra (ASC) (Santiago, 2019, p. 113).

Destacando esses exemplos, a pesquisadora mostra que as “ocorrências de alguns fenômenos evidenciam a possibilidade de que os casos identificados na escrita podem ser traços de oralidade, ou seja, marcas dialetais ou sociolinguísticas” (Santiago, 2019, p. 113). A comparação feita entre os dados de escritas e os dados de fala comprovam que os fenômenos ocorrem em contextos semelhantes nas duas modalidades da língua.

E especificamente sobre a monotongação e a ditongação, o levantamento dos dados aqui realizado está apresentado na tabela a seguir. Foram encontradas 284 ocorrências dos dois fenômenos:

Tabela 1 – Monotongação de ditongos orais nas narrativas

NARRATIVAS 01 A 12				
Ditongo	Palavras		Nº da Entrevista	Total de Ocorrências
[ja]	aparença	(aparência)	Nº 1	1
	notiça	(notícia)	Nº 6	1
	histora	(história)	Nº 2	4
	famia	(família)	Nº 2	1
	familha	(família)	Nº 2; Nº 4	10
	bibla	(bíblia)	Nº 4;	12

	residença	(residência)	Nº 6	6
	poliça	(polícia)	Nº 6	2
	paciência	(paciência)	Nº 8	1
	importança	(importância)	Nº 8	1
[aj]	apaxona	(apaixona)	Nº 6	2
	debaxo	(debaixo)	Nº 10	1
[aw]	sodade	(saudade)	Nº 7	3
	Agusto	(Augusto)	Nº 11	3
	Ogusto	(Augusto)	Nº 4	1
	Arelio	(Aurélio)	Nº 4	1
[ej]	carrera	(carreira)	Nº 1	1
	dexo	(deixo)	Nº 6	2
	goabera	(goiabeira)	Nº 2	3
	primero	(primeiro)	Nº 2; Nº 12	3
	primera	(primeira)	Nº 4	1
	dinhero	(dinheiro)	Nº 4; Nº 10; Nº 11	7
	beju	(beiju)	Nº 2	2
	ladera	(ladeira)	Nº 2	2
	cartera	(carteira)	Nº 3	1
	Perera	(Pereira)	Nº 4	1
	verdadera	(verdadeira)	Nº 4	2
	fazendero	(fazendeiro)	Nº 4; Nº 11	4
	fera	(feira)	Nº 4; Nº 10; Nº 11	8
	cachacero	(cachaceiro)	Nº 4; Nº 11	2
	partera	(partera)	Nº 4; Nº 10	2
	Cordero	(Cordeiro)	Nº 4	1
	carrero	(carreiro)	Nº 5	1
	bestera	(besteira)	Nº 9	3
	banhero	(banheiro)	Nº 6; Nº 7	2
	Ferrera	(Ferreira)	Nº 6	4
	cantero	(canteiro)	Nº 6, Nº 10	2
	dexar	(deixar)	Nº 8; Nº 10	2
	cadera	(cadeira)	Nº 5; Nº 8	3
	carpintero	(carpinteiro)	Nº 8	1
	portera	(porteira)	Nº 8	1
	feijão	(feijão)	Nº 10	2
	lete	(leite)	Nº 10	2
	diantera	(dianeira)	Nº 10	1
	cozinhera	(cozinheira)	Nº 10	1

	brincad era	(brincadeira)	Nº 11	1
	aro era	(aroeira)	Nº 11	2
	solte ro	(solteiro)	Nº 12	1
[ow]	poco	(pouco)	Nº 1; Nº 4; Nº 11	3
	poquinho	(pouquinho)	Nº 4; Nº 8	1
	poca	(pouca)	Nº 1; Nº 12	2
	cabo	(acabou)	Nº 1	1
	casô	(casou)	Nº 1	1
	formô	(formou)	Nº 6	1
	otro	(outro)	Nº 1; Nº 2; Nº 6; Nº 11	12
	otros	(outros)	Nº 8;	1
	oto	(outro)	Nº 2; Nº 4	4
	dotô	(doutor)	Nº 4	2
	chegô	(chegou)	Nº 2; Nº 6; Nº 11	4
	locura	(loucura)	Nº 4	3
	loco	(louco)	Nº 4	1
	falô	(falou)	Nº 4	1
	estudo	(estudou)	Nº 4; Nº 6	3
	guarda-ropa	(guarda-roupa)	Nº 6	1
	ropa	(roupa)	Nº 6	1
	pego	(pegou)	Nº 8	3
	dô	(dou)	Nº 8	2
	coro	(couro)	Nº 8	1
	truxeram	(trouxeram)	Nº 12	1
	truxe	(trouxe)	Nº 12	1
[je]	queta	(quieta)	Nº 6	1
[ju]	propri	(próprio)	Nº 4	2
	negço	(negócio)	Nº 4; Nº 5; Nº 11; Nº 12	4
	municipo	(município)	Nº 7	1
	Inocença	(Inocência)	Nº 6	1
	ofiço	(ofício)	Nº 6	1
	mei	(meio)	Nº 4; Nº 11	11
	vei	(veio)	Nº 1; Nº 2; Nº 4; Nº 6; Nº 8; Nº 10; Nº 11; Nº 12	23
	lei	(leio)	Nº 1	4
	coléjo	(colégio)	Nº 2	2
[oj]	Noti	(noite)	Nº 6	2
[wa]	colidade	(qualidade)	Nº 4	1
	condo	(quando)	Nº 1	2
[eo]	ostoporose	(osteoporose)	Nº 6	1

Total:	227
---------------	-----

Fonte: elaboração própria.

Tabela 2 – Ditongação com a inserção da semivogal [j] e da semivogal [w]

NARRATIVAS 01 A 12			
Palavras		Nº da Entrevista	Total de Ocorrências
nois	(nós)	Nº 1; Nº 4; Nº 5; Nº 6; Nº 8; Nº 11	27
saudio	(sadio)	Nº 4	1
deiz	(dez)	Nº 6; Nº 11	4
feiz	(fez)	Nº 11	1
veiz	(vez)	Nº 1; Nº 4; Nº 5; Nº 8	6
ceis	(‘cês)	Nº 6; Nº 11	5
meis	(mês)	Nº 2; Nº 5; Nº 6; Nº 9; Nº 11;	9
vocêis	(vocês)	Nº 6; Nº 11;	3
treis	(três)	Nº 11	1
Total:			57

Fonte: elaboração própria.

Sobre a monotongação, é possível perceber que na fala dos sertanejos ocorre nos mesmos contextos que nos textos escritos por eles. A redução acontece em 9 ditongos: *ia*, *ai*, *au*, *ei*, *ou*, *ie*, *io*, *oi*, *ua*. A redução do ditongo *ia* ocorre seguido do som [s], assim como nas cartas, o ditongo da palavra *notícia* aparece reduzido tanto nas cartas quanto na entrevista. Também tem o caso de *Bibla* (*Bíblia*, Nº 4), *família* que foi reduzido para *famia* (Nº 2) e *família* (Nº 2; Nº 4) e *histora* (*história*, Nº 2). A tendência que se observa é que o ditongo é reduzido em sílaba átona final.

Apenas dois vocábulos apresentam a redução do ditongo *ai* nas entrevistas, *apaxona* (Nº 6) e *debaxo* (Nº 10). Nas cartas, aparece uma ocorrência da palavra *apaxonado* (ZBP-118) e no mesmo contexto também aparece a palavra *caxa* (AFS-8). Nesse ditongo, assim como nas cartas, a redução ocorre devido ao grafema seguinte.

Sobre o ditongo *au*, a redução ocorre nas mesmas palavras tanto nas cartas, quanto nas entrevistas, com exceção do nome próprio *Auréli* que não aparece nas cartas. Os outros vocábulos são *saudade* e o nome *Augusto*, inclusive, a troca do ditongo *au* pela vogal *o* em

Augusto (Ogusto) ocorre na carta (AFS-7) e na entrevista (Nº 4) do mesmo sertanejo, mostrando que ele escreve da mesma forma que pronuncia.

A maioria das monotongações do ditongo *ei* foram seguidas das consoantes *r*, *j* ou *x*. A redução do ditongo na palavra *dinheiro*, por exemplo, ocorre em duas cartas (SFS-41; ASC-63) e em 3 entrevistas-narrativas (Nº 4; Nº 10; Nº 11). Esses contextos foram indicados desde o estudo do “dialeto caipira” do estado de São Paulo, de Amaral (1920), e, além desses, o autor também mostra que “nos vocábulos em que é seguido de *o* ou *a*, como *cheio*, *veia*, também aparece às vezes representado por *ê*: *chêo*, *vêa*, *cêa*” (Amaral, 1920, p. 25) ocorrendo a monotongação. Amaral (1920) ainda declara que esse processo fez parte da evolução dessas palavras na língua portuguesa, com a sua origem do latim *plenum* (*plenum* > *cheno* > *chêo* > *cheio*) e *vena* (*vena* > *vêa* > *veia*).

As semelhanças entre a monotongação do ditongo *ou* nas cartas e nas entrevistas estão nas ocorrências do fenômeno nos vocábulos *pouco/pouca* e *outro/outra*. Outros casos mais numerosos estão relacionados a verbos conjugados no pretérito na terceira pessoa do singular: *casou* por *casô* (Nº 1), *acabou* por *cabô* (Nº 1), *formou* por *formô* (Nº 6), *chegou* por *chegô* (Nº 2, Nº 6, Nº 11), *falou* por *falô* (Nº 4), *estudou* por *estudô* (Nº 4, Nº 6) e *pegou* por *pegô* (Nº 8).

A redução do ditongo *io* ocorre em 6 palavras nas entrevistas-narrativas. Em uma carta e em uma entrevista ocorre a redução na palavra *negócio*. Seguindo o mesmo contexto (o som [s] antecedendo o ditongo) estão o nome próprio *Inocência* e a palavra *ofício*, mas ocorre também em *próprio*, *município* e *colégio*. Ainda nesse ditongo há casos de redução nas palavras *meio*, *veio* e *leio* em que são pronunciadas, respectivamente, *mei*, *vei* e *lei*. Esses casos são semelhantes a uma ocorrência na carta FP-79 em que a palavra *feia* foi escrita como *fei*, possivelmente essas ocorrências podem estar ligadas à tendência de desfazer os hiatos da língua (Hora; Silva, 1999). Hiatos ocorrem quando na separação silábica, as vogais ficam em sílabas diferentes se estão contíguas. Dessa forma, nas palavras *meio*, *veio* e *leio* uma vogal ficará em uma sílaba diferente se as separarmos (ex.: *me-io*/ *mei-o*), então de qualquer maneira as palavras possuem hiatos e ditongos independentemente da forma como são pronunciadas.

Os últimos casos de redução na lista estão relacionados às palavras *noite*, *qualidade* e *quando* que foram reduzidas a *noti* (Nº 6), *colidade* (Nº 4) e *condo* (Nº 1). Não ocorre casos de redução do ditongo *ua* nas cartas, mas o ditongo *oi* aparece reduzido na palavra *coisa* (*gosa*, LA-120) que não possui o mesmo contexto favorecedor, no entanto essas duas palavras possuem em comum o fato da modificação do ditongo ao longo da história de *ou* para *oi*: *noute* por *noite* e *cousa* por *coisa* (Câmara Jr., 1977).

Sobre o fenômeno da ditongação, a maioria das ocorrências está relacionada à palavra *nós*. Nas cartas foram encontradas 20 ocorrências e nas entrevistas-narrativas foram encontradas 27 ocorrências de *nós* por *nois*. Outros casos ocorrem em contextos semelhantes ao das cartas, com a introdução da semivogal [j] em sílabas terminadas em [s], com uma quantidade maior de ocorrências em monossílabos (*dez, fez, vez, mês e três*). Ainda há um caso mais incomum, a introdução da semivogal [w] na palavra *sadio* por *saudio* (Nº 4).

O fato de alguns fenômenos, que geralmente ocorrem na fala, transcorrerem para a escrita, evidenciam a existência de proximidades e diferenças entre essas modalidades da língua. A fala assume uma dinamicidade, possui uma forma de organização que é diferente da escrita e que está adequada ao gênero e ao contexto. Já a escrita pode assumir diferentes formas de organização, de acordo com o gênero e o contexto (Rojo, 2006). Mas isso não significa dizer que

[...] um jornal falado televisivo é não planejado, assim como não podemos dizer que planejamos nossas anotações de diário íntimo. Atualmente, não podemos dizer que a fala é não permanente e fugaz, pois podemos gravar ou digitalizar nossa voz, e não podemos dizer que a escrita é permanente e se inscreve, pois se esquecermos de gravar os arquivos de texto que estamos escrevendo, perdemos tudo (Rojo, 2006, p. 33, 34).

Então, a língua falada e a língua escrita possuem relações mais do que diferenças e fica evidente, portanto, que [...] “são duas modalidades de linguagem para concretizar e dar materialidade à mesma língua” (Rojo, 2006, p. 37). Justamente por não serem sistemas opostos, isso explica por que às vezes características que são mais presentes na fala migram para a escrita, mesmo em um período em que já se tem uma ortografia oficial, como o século XX, principalmente nas produções dos que estão em fase de aquisição da escrita.

Essa tendência de se escrever como fala pode ter acontecido com muitos dos escreventes, principalmente os sertanejos baianos, já que em algumas entrevistas-narrativas percebemos que o acesso à alfabetização era muito difícil e precário, às vezes não tinham material e os que tinham não eram suficientes ou não tinham quem os ajudasse a utilizá-los efetivamente, além de não terem condições financeiras e da distância geográfica. Então esses escreventes não tiveram tanto acesso e recursos que os ajudassem no seu letramento, e as dificuldades com a escrita, demonstradas pelos desvios da grafia, confirmam a afirmação de Flôres e Silva (2005), (citado anteriormente na seção 2) de que é propício que a pessoa escreva como fala, caso tenha pouca leitura e precise utilizar a técnica da escrita.

E como os sertanejos baianos pertenciam à mesma comunidade, é possível fazer a comparação entre o que foi escrito por 53 pessoas e o que foi dito por apenas 12 delas, pois são

pessoas que falam a mesma variedade sociolinguística e, apesar de terem se deslocado para outras comunidades ao decorrer da vida, continuavam se comunicando com pessoas que pertenciam à sua localidade de origem, de modo que o contato com a sua variedade linguística de pertencimento não era desfeito. Vale ressaltar que em todas as entrevistas-narrativas ocorrem os fenômenos da monotongação e da ditongação, não necessariamente nos mesmos contextos e nas mesmas palavras, mas isso mostra que é uma característica da inabilidade na escrita que está refletindo a pronúncia desses sertanejos.

Percebe-se que a ocorrência dos dados nas narrativas foi em menor quantidade, até porque não foi possível fazer entrevistas com todos os remetentes e destinatários e a condução da entrevista não foi com o objetivo de buscar fenômenos da língua e sim para ter informações no âmbito de estudo da História Social da Cultura Escrita.

O quadro a seguir apresenta uma síntese dos dados encontrados em cada fonte sobre a monotongação e como as palavras foram escritas.

Quadro 3 – Síntese: monotongações através dos séculos

Monotongações em dados de escrita								
Ditongos	<i>ai</i>	<i>au</i>	<i>ei</i>	<i>eu</i>	<i>ia</i>	<i>io</i>	<i>ui</i>	<i>ou</i>
Séc. XVII	—	—	<i>tindero</i>	—	—	—	—	—
Séc. XVIII	<i>baxo</i>	—	<i>ideas</i>	—	—	—	—	<i>hover</i>
Séc. XIX	<i>caxa</i>	<i>sodoza</i>	<i>dexa</i>	—	<i>familha</i>	<i>Tibero</i>	<i>cudar</i>	<i>sobece</i>
Séc. XX	<i>caxa</i>	<i>Agusto</i>	<i>dinhero</i>	<i>procupação</i>	<i>notisa</i>	<i>negço</i>	<i>codado</i>	<i>poco</i>
Monotongações em dados de fala								
Séc. XX	<i>apaxona</i>	<i>Agusto</i>	<i>banhero</i>	<i>Osteoporose</i>	<i>aparença</i>	<i>ofiço</i>	—	<i>poco</i>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista e da Sociolinguística Histórica, nesta dissertação, realizou-se uma análise dos fenômenos ditongação e monotongação em textos escritos entre os séculos XVII ao XX por *mãos inábeis* na técnica de escrita. A análise partiu do ponto de vista comparativo-descritivo buscando caracterizar o comportamento dos fenômenos.

Observou-se que o fenômeno da monotongação ocorreu de forma mais numerosa nos textos, nem todos os ditongos da língua portuguesa foram encontrados nos *corpora*, mas, analisando os que apareceram, foi possível perceber uma incidência maior da monotongação no ditongo *ei*, por causa dos contextos seguintes ao ditongo (as consoantes *r*, *x*, *j*), e no ditongo *ou*, que ocorre independente de contexto, em diferentes classes gramaticais, diferentes contextos seguintes ao ditongo e ele pode se encontrar em qualquer posição na palavra.

Comparando todos os *corpora*, os que mais se assemelham (no que se refere à quantidade de ditongos que aparecem nos textos e os contextos de ocorrências dos fenômenos) são o do século XIX e o do século XX. Como dito anteriormente, provavelmente isso se dá, pelo fato dos dois terem sido escritos no Brasil em regiões próximas e/ou por serem acervos representativos do português popular brasileiro. Nos dois séculos os mesmos ditongos foram atingidos pela monotongação, com exceção do ditongo *eu* que apareceu somente no acervo do século XX. O quadro 1, *Síntese dos contextos de ocorrências de monotongações nos séculos XIX e XX* mostrou que os ditongos *ai*, *au*, *ei*, *ia*, *io*, *ou* e *ui* foram atingidos pelos mesmos contextos nos dois séculos (respectivamente: consoante *x*; consoante oclusiva; consoantes *r*, *x* e *j*; classe de palavra substantivo; classe de palavra verbo).

Os dados do fenômeno da ditongação são mais reduzidos em comparação com a monotongação, mas os contextos de ocorrências são semelhantes entre os *corpora*. Muitas das ocorrências de inserção da semivogal [j] estão ligadas aos contextos de sílabas travadas por /S/ e de consoantes alveolares diante da vogal antecedente, fora desses contextos concordamos com Oliveira (2008) quando afirma que pode ser um caso de hipercorreção. Em relação à inserção da semivogal [w], a maioria dos casos formaram ditongos decrescentes que são percebidos em todos os séculos analisados, como em *bautizar* (séc. XVII), *houje* (séc. XVIII), *acauzo* (séc. XIX) e *toudo* (séc. XX).

E os trabalhos citados como base para a análise, que utilizam dados de fala, mostram que os contextos favorecedores para a ocorrência dos dois fenômenos na língua são os mesmos tanto na modalidade oral da língua quanto na modalidade escrita. Isso responde o segundo questionamento levantado para a realização dessa pesquisa: em relação a esses fenômenos, os textos de escreventes *inábéis* são mais transparentes à modalidade oral da língua? Os resultados confirmam esse questionamento principalmente porque o *corpus* do século XX possui dados orais e escritos e as entrevistas narrativas feitas com os sertanejos revelaram que os ditongos reduzidos são os mesmos que estão presentes nas cartas (ao todo são 9 ditongos: *ia, ai, au, ei, ou, ie, io, oi, ua*). No caso da ditongação, a maioria das palavras são com sílabas travadas por /S/, um contexto favorecedor que apareceu nos dados levantados de todos os séculos. Uma ocorrência mais rara na fala foi com a palavra *sadio* em que a semivogal [w] foi introduzida logo após a vogal *a*, tornando-se um ditongo decrescente. Nos textos escritos a formação do ditongo *au* apareceu em todos os séculos: *bautizar* (séc. XVII), *caucullar* (séc. XVIII), *acauzo* (séc. XIX) e *são* ao invés de *sã* (séc. XX).

Porém, essas informações não significam dizer que outros ditongos não são atingidos pelo fenômeno em uma época ou outra, eles apenas não aparecem no texto escrito por *mãos inábéis* que foram aqui analisados. De qualquer forma os dois fenômenos possuem características equivalentes entre os séculos; então a monotongação e a ditongação não fazem parte, especificamente, do período em que foram escritos, a própria origem dos ditongos perpassa por esses fenômenos.

Por fim, os estudos de Nascimento (2021) e de Souza (2022), que são mais recentes, confirmam que esses fenômenos continuam em curso no Português Brasileiro e não são necessariamente pertencentes a variedades estigmatizadas da língua, já que os estudos foram feitos com estudantes do ensino fundamental, sexto ano, e do ensino superior, então não são pessoas que estacionaram na fase inicial de aquisição da escrita. Além disso, esses estudos confirmam que os fenômenos transcorrem da fala para a escrita, Souza (2022, p. 19) demonstra que “[...] só reconhecemos um ditongo em palavras como *peixe, caixa, cenoura*, devido à leitura dessas palavras e à instrução explícita da escola de que ali consta um ditongo decrescente oral”, porque nem sempre o ditongo é realizado na fala e é bem possível escrever da forma que se pronuncia as palavras.

Ainda assim, muitos outros desdobramentos são possíveis de serem realizados, como por exemplo:

- a) Fazer um estudo comparativo com *corpora* de outros períodos e espaços e de outros gêneros textuais para, também, verificar o comportamento desses fenômenos.

- b) A partir da transcrição completa das narrativas, fazer um estudo contrastivo de outros aspectos linguísticos variados, sejam fonético-fonológicos, lexicais ou morfossintáticos.
- c) Realizar um estudo comparativo-descritivo com textos produzidos no século XXI por estudantes da educação básica, a fim de verificar se aparecem fenômenos dessa natureza.

REFERÊNCIAS

- ABAUURRE, Maria Bernadette. Monotongações e ditongações. In: CASTILHO, Ataliba T. de. **História do Português Brasileiro**: mudança fônica do Português Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2019. p. 80-106.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: O Livro, 1920.
- AQUINO, Maria de Fátima. Uso variável do ditongo em contexto sibilante. In: HORA, Demerval da (org.). **Estudos Sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. Santa Maria: Palloti, 2004. p. 45-54.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (org.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p. 181- 211, 2008. Disponível em http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/aj/FCRB_Historia_social_da_lingua_nacional.pdf. Acesso em: 09 de maio de 2022.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. **Para uma história do português colonial**: aspectos linguísticos em cartas do comércio. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- BARROS, Isis Juliana Figueiredo de. **O dativo em construções ditransitivas nas atas oitocentistas da sociedade protetora dos desvalidos**: um estudo sob a proposta dos núcleos aplicativos. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- BATTISTI, Elisa. **A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos**: uma abordagem baseada em restrições. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.
- BISOL, Leda. Ditongos derivados. **DELTA**: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 10, n. 3, 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/45380>. Acesso em: 6 de fevereiro de 2023.
- BISOL, Leda. O sândi e a ressilabação. **Letras de hoje**, v. 31, n. 2, 1996. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/15601/10260>. Acesso em: 17 de Janeiro de 2024.
- BORGES, Rosa. A Filologia e seu objeto—diferentes perspectivas de estudo. **Revista Philologus**, 2003 v. 9, p. 1-5. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO09/26/003.pdf>. Acesso em: 17 de Janeiro de 2024.
- BRITO, Rosana Carvalho; DE OLIVEIRA LACERDA, Mariana Fagundes; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. Estudo morfossintático de cartas de inábeis do sertão baiano (século xx): o artigo definido diante de sintagma nominal. **A Cor das Letras**, v. 19, n. 2, p. 67-

78, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1904>. Acesso em: 12 de junho de 2023.

BRITO, Rosana Carvalho. **Uso variável dos artigos definidos antes de possessivos em cartas pessoais do sertão baiano (século XX)**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Linguísticos)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019. Disponível em: <http://www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/pdf/dissertacao/rosanaCarvalho.pdf>. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. A ditongação no português do Brasil: estudo de dois casos. **Vivacité et diversité de la variation linguistique**, v. 3, p. 95-102, 2000.

CALLOU, Dinah Maria Isensce; LEITE, Yonne Freitas. Iniciação a fonética e a fonologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Cartas Brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico**. 2005. 2360p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1603052>. Acesso em: 12 de junho de 2023.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira (org.). **CE-DOHS – Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão**. Disponível em: <http://www.uefs.br/cedohs>. Acesso em: 12 de junho de 2023.

CHAVES, Raquel Gomes. **A redução/ desnasalização de ditongos nasais átonos finais e a marcação explícita de CVP6**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182738>. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. **Sociolinguística Histórica**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6 ed. Ver. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica, 1976.

CRISTÓFARO SILVA, Thais. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016

ELIA, Silvio Edmundo. **Ensaio de Filologia e Linguística**. 2. ed Brasília: I.N.L, 1975.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo. Parábola Editorial, 2005.

FLÔRES, Onici; SILVA, Mozara Rossetto da. **Da oralidade à escrita: uma busca da mediação multicultural e plurilinguística**. Canoas: Editora da ULBRA, 2005.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; BELCHOR Ana Paula. **Fonologia Histórica do Português**. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2017.

HAUPT, Carine. **O Fenômeno da monotongação nos ditongos [ai, ei, oi, ui] na fala dos florianopolitanos**: Uma abordagem a partir da fonologia de uso e da teoria dos exemplares. 2011. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95789>. Acesso em: 24 de maio de 2023

HAUPT, Carine. **Sibilantes coronais** – o processo de palatalização e a ditongação em sílabas travadas na fala de florianopolitanos nativos: uma análise baseada na fonologia da geometria de traços. 2006. 111f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2007.

HORA, Dermeval da. Monotongação de ditongos crescentes: realidade linguística e social. In: LOBO, Tânia [et al] (org.). **Rosae**. Salvador: EDUFBA, 2013. v. 1. p. 349-357.

HORA, Dermeval da; SILVA, F. S. E. Processo de monotongação em João Pessoa. In: XIV **Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística - APL**, 1999, Aveiro.

HUBER, Joseph. **Gramática do Português Antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7. ed São Paulo: Ática, 2000.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo, SP: Parábola, 2008 [1968].

LEIRIA, Lúcia Lovato. A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/. **Organon**. Porto Alegre: UFRGS, v. 14, n. 28 e 29, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30201>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

LEÃO, Thaís Marciela Rocha. **Falares regionais: panorama da redução de ditongos decrescentes no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Letras, Universidade de Brasília. 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/6542>. Acesso em: 3 de janeiro de 2023.

LEMO, Maiara da Silva. **A colocação dos clíticos em sentenças finitas: um estudo sócio-histórico das vertentes do PB em cartas do sertão baiano (século XX)**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019. Disponível em: <http://www.mel.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=123>. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

LÔBO, Tânia. **Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil**: edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, n. 12, p. 17-28, 1994.

MARQUILHAS, Rita. **A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MASCARENHAS, Janaina de Oliveira Costa. **Sentenças relativas em cartas de inábeis**. 232 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/412>. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A arte de fazer o melhor uso de maus dados: estudos diacrônicos no português antigo. **Anais do Encontro de Estudos Românicos**, [S.l.], v. 1, p. 68-84, dez. 1988. ISSN 2447-0538. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_estudos_romanicos/article/view/7953/6890. Acesso em: 15 fev. 2023. doi: <http://dx.doi.org/10.17851/2447-0538.1.0.68-84>.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1998). **Idéias para a história do português brasileiro: fragmentos para uma composição posterior**. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.). Para a história do português brasileiro. Volume I: primeiras idéias. São Paulo: Humanitas. p. 21- 52, 1998.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios**. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). Para a história do português brasileiro. Volume II: primeiros estudos. t. 2. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001. p. 275-301.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. **Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico**. Salvador, Ba: EDUFBA, 2010.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica – “ouvir o inaudível”**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico – Uma aproximação**. v. 2. Sintaxe e fonologia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008b.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestão para uma pauta de pesquisa. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 34, p. 11-30, 2008c.

MEILLET, Antonie. **Linguistique historique et linguistique Générale**. Paris: La Societé Linguistique de Paris, 1921.

MOURA, Magna Andrizze de Araújo; SILVA JR, Leônidas. Monotongação e Ditongação: A relação oral-escrita no contexto escolar. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 24, n. 3, p. 108-136, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/31786>. Acesso em: 26 de janeiro de 2024.

NASCIMENTO, Elmo dias de. **Monotongação e ditongação**: variação linguística e produção escrita no sexto ano do Ensino Fundamental. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

NUNES, Jose Joaquim. **Compendio de gramática histórica portuguesa**: (fonética e morfologia). 9. ed Lisboa: Clássica, 1989.

OLDACK BARBOSA, Gutemberg Magalhães. **O uso dos pronomes possessivos "seu" e "teu" em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Linguísticos)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018. Disponível em:
https://www.prohpor.org/_files/ugd/c8e334_35b90e80971547dc8df699dea05bc176.pdf.
 Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

OLIVEIRA, Klebson. **Negros e escrita no Brasil do século XIX**: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico. 3 v. 1144 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

OLIVEIRA, Klebson. O verso e o reverso: redução de ditongos e ditongação em textos escritos por negros no Brasil Oitocentista. **Signum**: Estudos da Linguagem, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 155-175, 2008. DOI: 10.5433/2237-4876.2008v11n2p155. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3054>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. **Atuação de variáveis sociais na supressão da semivogal nos ditongos**. Subsídios sociolinguísticos do projeto censo à educação. Relatório final. 1986.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. **Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes**. In: SILVA, Giselle M. de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). Padrões sociolinguísticos. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 217-236.

PETRUCCI, Armando. Scrittura, alfabetismo ed educazione grafica nella Roma del primo cinquecento: da um libretto di conti di Maddalena Pizzicarola in Trastevere. **Scrittura e Civiltà**, Roma, n. 3. p. 163-207, 1978.

ROBERTO, Mikaela. **Fonologia, Fonética e Ensino**: guia introdutório. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. 176 páginas.

ROJO, Roxane. As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas. **Rede Nacional de Centros de Formação Continuada**, MEC, v. 1, Belo Horizonte, 2006.

ROMAINE, Suzanne. **Socio-historical linguistics**: its status and methodology. Cambridge: Cambridge Press, digitally printed version, 2009 [1982].

ROMAINE, Suzanne. **El lenguaje en la sociedad**: una introducción a la sociolingüística. Barcelona: Ariel, 1996.

ROSA, Elaine da. Sociolinguística Histórica. **Revista de Letras**, UFPR, 2015. Disponível em: <http://periodicos.utfpr.edu.br/rl>. Acesso em: 18 de julho de 2022.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 7 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SANTIAGO, Huda da Silva. **Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano**. 2v. 421 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTIAGO, Huda da Silva. **A escrita por “mãos inábeis”**: uma proposta de caracterização. 722f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, Ademária Santana Sales. **Baú da monotongação**: o processo fonológico da monotongação na escrita de alunos do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15334>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

SANTOS, Lorena Enéas Rosa. **A variação da concordância nominal de número em cartas de inábeis do sertão baiano**: (1906-2000). 239 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Linguísticos)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/607?mode=simple>. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

SILVA, Karine Melo e. **Da fala para a escrita**: uma abordagem da monotongação e da ditongação na escrita. 106f. Dissertação (Mestrado profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6435/1/KARINE_MELO_SILVA.pdf. Acesso em: 23 de maio de 2023.

SILVEIRA, Luciana Morales da. **Monotongação em uso no português do sul do Brasil**. 146 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/202456#:~:text=A%20monotonga%C3%A7%C3%A3o%20de%20%2Ffej%2F%20%C3%A9,caracter%C3%ADsticas%20de%20fen%C3%B4menos%20tipicamente%20vari%C3%A1veis>. Acesso em: 18 de outubro 2023.

SOUZA, Victor Renê Andrade. **Monotongação dos ditongos decrescentes orais [ou], [ei], [ai] e [oi] na fala e na leitura em voz alta de universitários sergipanos**. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

TASCA, Maria. A inserção de glide em sílaba travada por /S/. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 137-162, set. 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/13699/9087>. Acesso em: 17 de janeiro de 2024.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Sa da Costa, 1984.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo, SP: Parábola, 2006 [1968).

WILLIAMS, Edwin Bucher. **Do latim ao português**: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO²⁰ DAS ENTREVISTAS-NARRATIVAS DOS SERTANEJOS BAIANOS²¹

NARRATIVA Nº 01 – AMO²²

Nome completo: Almerinda Maria de Oliveira.

Filiação: Fernando e Ana.

Naturalidade: Riachão do Jacuípe-BA.

Data de nascimento: 05 de julho de 1936.

Idade: 80 anos.

Estado civil: viúva.

Escolaridade: estudou pouco em casa.

Principais atividades: dona de casa.

Lugares onde viveu: morou na faz. Poços, até os cinco anos, depois mudou para faz. Pau de Colher.

Perfil: falante, extrovertida.

Gravação da narrativa: 30 de junho de 2016, na faz. Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe-BA.

Inf: Almerinda Maria Oliveira... como foi que eu nasci?

Doc.: Sim

Inf.: Disse que foi...no... no dia 5 de julho de 36

Doc.: Em que lugar?

Inf.: Nasci lá no.. foi nos Poço... Nera... Foi lá... era Riachão, mas hoje é... já é... pertença a Inchu... Eu lembro aonde foi mas não tem nome não

Doc.: É Poços mesmo né?

Inf.: Parece que foi 5 ano depois vim pra qui, nois veio pra li pra fazenda Pau de Colhé ni... xô ver... 53 vim pra qui.

[...] Doc.: A senhora sabe escrever?

Inf.: Eu faço... aparência.

Doc.: E a senhora aprendeu como?

Inf.: Aprendi como?

Doc.: Sim, a escrever?

Inf.: Ah, eu aprendi dentro de casa com a minha irmã... foi aí eu... só... pratiquei, o pouco que aprendi ficava lendo livro, letra graúda no jornal, até que... que aprendi fazer.

Doc.: E sua irmã, tinha estudo [...]?

Inf.: Quem disse? A merma coisa, do meu pra o fim eu tava sabendo mais do que ela... que ela não praticou e eu fiquei praticando.

Doc.: E a senhora nunca foi na escola?

Inf.: Não.

Doc.: Mas quando a senhora teve os filhos da senhora, a senhora ensinou a eles? Abelmanto me disse que a senhora deu aula pra ele.

Inf.: É eu ensinava meus filhos dentro de casa... foi... todos eles eu ensinava porque não tinha escola, aí eu ensinava aí... quando foi... do meu pra o fim surgiu uma escola... de Maria das Neves, aí ela veio chamando botei os meninos... os meninos foi tudo pra lá, só não foi os dois mais veio, mas depois entraram no Mobral... no Mobral eles já sabiam tudo, né? Aí eu sempre ensinava a eles... depois passou, os mais novos foi pra essa escola e terminaram lá na escola eu sempre, todos eles

²⁰ Parte da transcrição foi realizada por Rosana Brito, mestranda em Estudos Linguísticos, pela UEFS/BA.

²¹ Os critérios para a transcrição foram estabelecidos com base nas normas de transcrição adotadas pelo Projeto "A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano".

²² A identificação de cada narrador é realizada com a mesma sigla usada para se referir aos redatores das cartas.

eu ensinei, um poquinho pra quando chegasse na escola já tava mais... foi tanto que Abelmanto quando entrou... todos ele, todos quando entrou todo ano tirava nota dez, era... todos ele.

Doc.: E na casa da senhora, a senhora lembra dos ensinamentos dos pais da senhora? Eles contavam histórias?

Inf.: Não, não era... eles... eles... se eles... eles era analfabeto eles num sabia nada, nem fazer a letra dele, o nome deles num fazia.

Doc.: Mas contavam história para os filhos?

Inf.: Olha, história poca que eles contava.

Doc.: A senhora trabalhava na infância, na adolescência? [...]

Inf.: Trabalhava mais assim ajudano meu pai na roça, judano minha mãe dento de casa.

Doc.: E tinha algum material de leitura na casa da senhora? [...]

Inf.: Tinha um que... só alembro uma cartilha... era uma cartilha... aí... aí foi... pegano livro de alguém [inint] até que eu... fui aprendeno mais.

Doc.: E as cartas, a senhora gostava de escrever carta? [...] Naquela época existia muita carta, a senhora escreveu?

Inf.: Eu tinha muita carta, agora eu num acertava escrever carta não, eu escrevia assim mas num era muita coisa não, num tinha uma memória boa pra fazer uma carta.

Doc.: Mas recebeu muitas cartas, não foi?

Inf.: Foi... a gente recebia, que tinha uns colegas que... eu tinha uma... uma cunhada... uma concunhada, ela morava aqui e foi lá pra... pra Taboa lá ne... como é que cha... o nome? Ipirá... aí ela de lá... de lá ela escrevia pra cá a gente fa- tinha vez que fazia também mas... fazia um quebra galho pra ela, respondia as carta.

Doc.: Seu Fortunato escreveu muito pra senhora não foi? [...]

Inf.: Aí esse... esse Antônio Fortunato era meu compade... morou aqui mais eu uns dia, cabô de se criar, casou... aí mudaram pra São Paulo aí onde mandava carta... é mandava carta direto... tem otro que era um um colega casou com uma... uma colega minha se mudou também foi... foi pra...o quê? Parece que eu não sei o... o lugar que ele morava não... não lembro mais onde ele morava... é longe daqui é pra lá de São Paulo... aí ela, eles também costumava escrever.

Doc.: E hoje em dia a senhora ainda lê alguma coisa? [...]

Inf.: Eu gosto de lê bastante, escrever não... de lê até hoje se eu pudesse...

Doc.: O que que a senhora lê? [...]

Inf.: Eu lei a Bíblia, lei folheto eu lei livro religioso e lei alguma bobage que aparecer de... de qualquer coisa que eu ver escrito quero ver o que que tem dento.

Doc.: A cartilha que a senhora falou que tinha não tem mais não, né?

Inf.: Parece que eu não tenho mais não foi não tem mais não... eu a... foi era enquanto era moderna o pessoal largou de escrever.

Doc.: Não. A cartilha, o livro que a senhora disse que estudou quando era pequena.

Inf.: A cartilha num tem mais não. [...]

Doc.: A senhora lembra se na região tinha uma professora chamada Margarida, aqui na região?

Inf.: Tinha.

Doc.: Quem era ela?

Inf.: É... Margarida é uma professora era uma professora que ela... ela morava ali na fazenda Jiboia pra o lado de Coité, ela foi... era catequista, era minha catequista... era...

Doc.: Então a senhora estudou catequese.

Inf.: Eu não estudei não, eu estudei a catequese com ela, agora na escola num fui não.

Doc.: E ela estudou fora foi pra vim dar aula aqui?

Inf.: Ela se estudou fora? Eu acho que não... não sei isso aí eu não sei não.

Doc.: É porque ela era professora né, como ela aprendeu a ser professora?

Inf.: Eu sei que... ela... ela morava lá pra o lado de... a gente custava ver até, acho que morava pra o lado de Coité, ela casô morava aí nessa fazenda Jiboia e a gente num via ela... sempre... peguemo ver depois da... da catequese [...].

Doc.: E a outra professora foi das Neves?

Inf.: A outra dos menino foi Maria das Neve... ela estudava, ela inventou essa escola e vei ensinar os menino aí vei pedir pra os menino entrar na escola aí a gente aceitou.

Doc.: Antônio é seu filho, né?

Inf.: Antônio? Eu tenho um filho chamado Antônio, Hildebrando.

Doc.: Ele escreveu uma carta pra senhora. Eu queria fazer a entrevista com ele também.

Inf.: Escreveu uma carta.

Doc.: Foi. daquelas que a senhora me deu, tem uma carta de Antônio.

Inf.: Essa de Antônio ele tava ne Salvador, foi... ele tava lá ne Salvador ele escreveu... essa carta pra mim.

Doc.: Ele mora onde hoje?

Inf.: Ele mora no Riachão, quer dizer entre o Riachão e aquihoje...ni ontem ni hoje ele não pareceu não.

Doc.: A senhora lembra de Zulmira que escreveu uma carta pra senhora?

Inf.: Zulmira? Ah, lembro é minha comadre ela mora lá ne Taboa também ...Ipirá... mora lá ainda.

Doc.: Jesuíno, a senhora lembra?

Inf.: Jesuíno também mora lá.

Doc.: Lázaro?

Inf.: Lázaro, ah, tá ne São Paulo.

Doc.: Mas não vem aqui sempre não, né?

Inf.: Ah custa, menina, eu não sei quando eu vi esse homem, eu não sei se eu ver eu conheço mais...é a mulé eu vi a poco dias mas disse que largaram sei lá...apois... Fortunato mora em riachão... pois... eu nunca fui na casa dele não...mora lá... disse que na Santa Mônica [...].

Doc.: É Caxuxa, Santa Mônica.

Inf.: É Caxuxa, parece que é...Ah, eu tenho vontade de conversar... eu tava pa um dia a gente ir no riachão cabava de chegar eu não sei... como que vou fazer lá.. tem que uma pessoa ir mais eu pra mostrar... e hoje condo vo no riachão é nas carrera pra voltar logo.

Doc.: E Zulmira vem aqui sempre não?

Inf.: Não, ele custa [...].

Doc.: Manuel de Oliveira?

Inf.: É cunhado. Esse já faleceu.

Doc.: E Nina?

Inf.: Nina? É minha concunhada casada com... com meu cunhado.

Doc.: Ela mora onde?

Inf.: É lá ne... ne Pintada também, essa Taboa.

Doc.: Taboa é uma fazenda? [...]

Inf.: Taboa, mas de Pintada...ou é Ipirá.. eu sei lá..é lá de Pintada... Pintada hoje que se domina...Acho que é cidade... Taboa é roça é, fazenda [...].

Doc.: A senhora tem o telefone?

Inf.: tenho não... tenho não... eu tenho telefone sabe de quem? eu tenho duma subrinha que mora lá.. pra eu saber nuniça de compade Pedro, mais cumadi Zulmira eu tenho que ligar pra Clotide que é minha subrinha... até tava sentada ali alembrando parece que tu ia conversar... alembrando que eu ligar pra Leda que to ouvindo dizer... que compadi Pedro disse que ta caminhando de muleta e ele é irmão de meu esposo... Marculino fala de ir lá de vez em quando, mas cadê?... nunca mais... a poco dias nois foi lá... poco dias não tem mais de ano que a gente foi lá... a gente foi duas veiz ainda...

Doc.: Porque Jesuíno, Zulmira e Nina moram lá, né?

Inf.: Zulmira, esse Jesuíno, tudo mora pra lá afastado um do outro, mas na mesma fazenda Taboa.

Doc.: a sua sobrinha mora na fazenda Taboa também?

Inf.: Mora... na... pertinho da casa de compadi Pedro, fizeram lá... compadi Pedro formô uma comunidade e hoje já é um povoado.

NARRATIVA Nº 02 – ASC

Nome completo: Ana Santana Cordeiro.

Filiação: Alvino Antonio de Santana e Francisca de Almeida Santana.

Naturalidade: Fazenda Lameiro Remoaldo, município de Conceição do Coité.

Data de nascimento: 01 de janeiro de 1936.

Idade: 79 anos.

Estado civil: viúva.

Escolaridade: 4ª série do primário.

Principais atividades: dona de casa.

Lugares onde viveu: Viveu até os 19 anos de idade na faz. Lameiro Remoaldo, no povoado Goiabeira, no município de Conceição do Coité-Ba; passou quatro meses na zona rural de Nova Fátima-Ba; depois três meses na sede do município de Conceição do Coité, até ir morar na faz. Cabana, no município de Ichu-BA. Depois, mudou-se para a zona urbana de Ichu, onde mora no momento da entrevista.

Perfil: calma, descontráida.

Gravação da narrativa: 21 de fevereiro de 2015, às 14h30, em Ichu.

Inf.: Oia eu nasci em 1 de janeiro de 36, Ana Santana Cordeiro.

Doc.: E a senhora nasceu onde mesmo?

Inf.: Lá mesmo em na Goabera na casa de... onde nasci pra o povoadinho que é hoje é como daqui na casa de Ivan ali.

Doc.: Quando a senhora saiu de lá?

Inf.: Sai de lá com 19 anos... fui prá... que o pessoal chama de Nova Fátima e oto de Noventa. Mas lá só passei 4 meses, não gostei de lá não, quer dizer mesmo na roça... mas eu não gostei de lá não, vixe... dava 4 horas, minha fia, parecia meia noite, dava uma escuridão dentro de casa.. eu não... quero ficar aqui não... Passei 3 meses no Coité... A roça onde morava era Cabana.

[...] Doc.: Sim, aí a senhora lembra o que de... dos ensinamentos dos pais da senhora?

Inf.: Sim, meu pai ensinava a gente assim, se errasse eles agia, trabalhar só era trabalho de roça que a gente fazia, num tinha otro trabai... caminhei de uns, assim de uns oito ano em diante pra pra escola... até quando eu... fui até quarto ano... daí por lá... também parei por aí... foi trabalhano de roça mehmo.

Doc.: E a escola da senhora era onde?

Inf.: Ah, minha fia, era longe... era como daqui na Barra... a gente ia de pé, os camim den'numas Catinga, passava duas turma de animal carregado, de manhã e de tarde, e a gente ia tudo com as percatinha na mão e a lama atolano [inint] quando chegava na... era Deus que na chegada da escola tinha um tanque... aí agora a gente lavava os pé pra cabar de chegar. Aí a gente gostava, que ia dezoito numa turma.

Doc.: E como era o nome do lugar onde a escola ficava?

Inf.: Fazenda Mucambo.

Doc.: Hum...

Inf.: Mucambo.

Doc.: É município de Coité?

Inf.: É... é entre... é quem vai de Coité pra Salgadália, aí cando chega assim numas duas légua ou mais... de Coité, droba aqui pra... aonde é o Mucambo, ali da fazenda, a gente dobra agora vai pra Goabera e segue pra Salgada.

Doc.: A senhora lembra o nome da escola?

Inf.: Ó o nome da escola... era... era... Regina... era Regina... agora num me lembro o sobrenome dela direito, só me lembro de de Regina Matos, agora o outro sobrenome eu não lembro não... sabe? Que era a o nome da escola, era o mesmo nome que era o nome dela que era... aqueles pessoal quando, antigamente, quando vinha uma professora aquele nome que a prof... que a professora viesse, aquele nome ficava dano a gente nos caderno, mas [inint] demorou uns dez ano, eu também já tinha saído de lá.

Doc.: Então a professora não era de lá, ela veio pra...

Inf.: Era de Salvadô mas ela... o pai dela morava em Coité, aí ela vei pra ensinar a gente...aí no Coité, depois deu um desacerto brabo aí com ela e com o marido e tudo, aí desapareceram no mundo, nunca mai eu tive nutiça dela e... e... depois dessa a gente ficô... ah... ah... estudano na Goabera mehmo que meu... meu padrinho fez uma casa grande pra escola e arrumou uma professora e aí [inint]... e até até Jade mehmo inda estudou nesse... nesse colejo.

Doc.: E a senhora lembra quando que a senhora aprendeu a escrever?

Inf.: Minha fia... ah leitura de hoje é diferente do tempo da gente, do tempo da gente a gente tinha que aprender primero fazer, lê a carta de abc, toda, e também escrever, aprender fazer todas ah letra do abc... até o final [inint] da carta de abc toda também, pra depois agora a gente passava pra cartilha, aí a gente aprendeu mais... o de hoje eu não sei ensinar ninguém não... porque ô... que leitura hoje é diferente, vixe nossa senhora.

Doc.: E os pais da senhora sabiam ler e escrever?

Inf.: Não minha fia, não... é mais difícil pra ler porque num tinha quem ensinasse um nome a gente, que a gente não acertasse, a gente tinha que fazer a marquinha pra levar amanhã pra professora ensinar a gente muitas veze, pra gente aprender [inint].

Doc.: Mas na casa da senhora tinha... na casa dos seus pais tinha livros, tinha materiais de leitura?

Inf.: Não minha fia, só tinha o da gente quando a gente começou a estudar... nem pai nem mãe neum estudaro... neum sabia ler... agora quando a gente pegou a... a fazer o nome da gente, o nome de pai, de mãe, dos irmão de dento de casa todo né... aí tinha dia que a gente pegava fazia, pai chorava mais mãe... porque diz que a gente já tava sabeno o que eles num sabia né... porque naquele tempo era tudo assim atrasado.

Doc.: Mas eles gostavam de contar história? A senhora lembra?

Inf.: Ah eles contava aquelas histo- ... agora não contava pa gente não... que naquele tempo os pai num... num contava histora prus filho não, eles contava prus colega, tempo assim de... de descasca de milho... de... de ranca de mandioca, que rancava um meis dois de mandioca... aí juntava muita gente labutano, final de semana vino pá fazer beju, a famia [inint] das mãe vinha ajudar com ar mandioca e no... e no dia dos beju vinha pai vinha com tudo, passava a noite, perdia a noite aí contano histora, mas a gente não ia perto não, eles não deixava não, quando a gente ia ficava assim um poquium “que que tá fazeno aí? Que qui tá... quem chamô aí?” a gente não podia escutar nem uma nem uma histora que contava (rindo)... não contava não, agora finado Mirão contava a gente... eu me alembro, antes d’eu casar ele contava tanta histora a gente, só era pra gente dá risada com ele. [...]

Doc.: E hoje em dia, a senhora gosta de ler? Ainda lê alguma coisa?

Inf.: Tem dia que’u lêo mas tem... mas sô mei preguiçosa... pra ler, mas eu leo.

Doc.: O que assim, o que que a senhora pega pra ler?

Inf.: Assim... eu leo um...como bem... o livrinho qui ritira o folheto da... que vem da igreja, tem dia assim que eu leo a historinha ni um livro... sempre assim bestano né... ma é poco... eu não

gosto de lê muito muito não... dizer assim eu vô me canfifar por isso não, mas leo mas num precisa muito [inint].

Doc.: Já a educação dos seus filhos como é que foi? [inint]

Inf.: Graças a Deus foi bem porque... quer dizer, os mais novo... os mais velho [] [inint] só fazia o que [inint] queria, os minino trabalhava ni corte de sisal mais o pai pra sustentar a casa... eles num deixava que Neso deixasse os menino estudar... bem Jurandi, Joaninha [inint], aprendero não... aí depois que eles já tavam graúdo, que apareceu aquela escola do nobral...

Doc.: Sim...

Inf.: Mariquita foi... ensinar essa escola... aí foi que eles pegaro ir toda noite, aprendero a fazer o nome deles... má assim mesmo Joaninha é um nervoso tão medonho, se a gente disser assim “Joaninha fai aqui teu nome” e for prestano atenção... e ficar olhano ele escrever, num sai nada... é só é garrancho.

Doc.: Dona Ana, e dona Ana Helena?

Inf.: Agora He... Helena... Helena foi boa pa estudar [] [inint] agora chegô a escola da Mumbuca [inint] trabalhava na roça e vinha pra escola de tarde [inint] Helena num chegô a si formar porque no tempo dela se formar ela casou... agora Eliana se formou... Eliana... Dai... Tuca... An... An... não, foi Eliana, Dai, Antonio, Tuca, esse se formaro.

Doc.: Ana Helena estudou no Mobral também, não foi?

Inf.: Começou.

Doc.: Começou no Mobral?

Inf.: Começou no Mobral.

Doc.: Lá na Mumbuca mesmo?

Inf.: Na casa de Mariquita... Aí quando passo... quando eles passaro pra estudar na Mumbuca, já num foi mais nobral já foi a escola de... de estado... agora só num mi lembro... era Aristela... a professora... era Aristela foi na Mumbuca... ela... ela ia ensinar na Mumbuca... a gente já ria, com Aristela... ela saía da casa dela, ia pra Mumbuca ensinar, trazia uma uma... uma sacolinha com a a marmitinha dela, vinha pra qui, comia, ia pro colejo, quando era amanhã de manhã, ela tornava ir por lá, tornava votar por aqui, era assim...

Doc.: Olha pra isso!

Inf.: Foi... e aí, tudo de pé... tudo de pé... ô mia fia... aquela ladera que tinha ali... ah ladera... e assim mehmo... ninguém nunca perdia... mas hoje... quando eu digo aos menino que hoje tudo é fácil [inint] ruim já passou.

Doc.: E as cartas? A senhora escrevia... escreveu algumas cartas, não foi, na época...?

Inf.: O que existia foi os que Jade pegou os papel veio tudo, que ali só presta pra juntar coisa vea... todo dia eu digo a ele.

Doc.: É isso, mas a senhora gostava de escrever carta, né?

Inf.: Eu sempre escrevia, escrevia pra... [inint] a família da gente pela parte de pai é grande e mora em Calda de Cipó... e tinha um tio da gente que vinha quase toda semana, em quinze em quinze, em mês em mês... os primo também vinha... de pai... aí a gente... a gente conhecia as filha deles de vez em quando a gente dava um pulinho lá... de Jegue... dois dia três, pra chegar lá e aí... a gente tomou conhecimento e escrevia umas pra sosota, pelos pai mehmo quando ia e quando vinha... é essa... mas tirando isso...

Doc.: E os cadernos e os livros de quando a senhora estudou, a senhora tem algum ainda?

Inf.: Ô eu não tenho não... tenho não, porque os menino foram bulino, bulino, até que acabou... eu tinha um resto do quarto livro... que era era compreto, mas Neso botou uns abc daqueles abc de poesia de-... numa caxinha assim de papelão, botou meu livro junto, quando deu fé o rato tinha (bombado)... rueu um bucado de página do meu... do meu livro.

Doc.: Seu Neso era seu esposo...

Inf.: É... Neso li... lia meno de que eu... Neso era igual a Jurandi mais Joninha, só sabia fazer o nome a pulso [inint] [...]

NARRATIVA Nº 03 - ACO

Nome completo: Antonio Carneiro de Oliveira.

Filiação: João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira.

Naturalidade: fazenda Pau de Colher, Riachão do Jacuípe-BA.

Data de nascimento: 1957.

Idade: 59 anos.

Estado civil: casado com Zenilta Bispo Oliveira.

Escolaridade: estudou pouco em casa, com a mãe.

Principais atividades: lavrador.

Lugares onde viveu: nasceu e viveu na fazenda Pau de Colher.

Perfil: pouco falante, introvertido.

Gravação da narrativa: 10 de janeiro de 2017, às 14h, na faz. Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe.

Doc.: O senhor lembra o quê da sua infância? O senhor lembra da sua infância... como era? (superp. de fala da filha: “trabalhano, né pai?”).

Inf.: Ah, lembro de tanta coisa... eu lembro de tanta coisa do tempo que a gente brincava eu mais Zeca e compade Hidebrando... brincava no tempo do... pulava dentro do tanque, dano merguio, era os dia de domingo era os dia de foga da gente e jogar bola, somente.

Doc.: O senhor nasceu aqui mesmo na... na... na Pau de Colher?

Inf.: Eu nasci ali na fazenda aí na casa na vea aí, aqui só... aqui só quem nasceu aqui só foi a galerinha... meus filho... foi...

Doc.: E o senhor lembra como que aprendeu a escrever?

Inf.: Ah... com muito trabalho, eu ia pra roça quando era mei dia mãe dava... que eu num tive escola eu aprendi com mãe... mãe dava era... era lição... chamava lição, enquanto num desse... enquanto num desse num... num ia pra roça... era assim era pra dizer desenvolvido... ler desenvolvido a lição era assim enquanto ela num sabia... era...

Doc.: Ela usava algum livro, alguma...

Inf.: Hum?

Doc.: Ela usava algum livro tinha algum material de leitura, pra dar essas lições?

Inf.: Não. Ela... comprava os livro pra gente ler... mas era mehmo da da... da... de escola mesmo agora (rindo)... a gente teve o ABC primeiro... depois... [inint.] cartilha, parece... e a gente só estudou parece que foi segundo ou foi terceiro... ano.

Doc.: Com ela ou chegou a ir em alguma escola?

Inf.: Com ela. Nós num saia pra fora não. Aqui eu era dentro desses pasto aí limpano mandioca... era de segunda a sábado, cinco horas da tarde que pai dizia que domingo ia brincar (rindo).

Doc.: Os pais do senhor gostavam de contar história? Aquelas histórias infantis?

Inf.: Ah não... não... história aí não (rindo).

Doc.: E as cartas, o senhor lembrava quando foi que escreveu? O senhor escreveu cartas?

Inf.: Se eu lembro quantas carta?

Doc.: Não, o senhor escrevia cartas, não era?

Inf.: Só pela metade assim (rindo) aí tem muita é... é mais da mulher aí, que ela escrevia antes de eu casar (rindo) aí no tempo que a gente era noivo ela escrevia sempre, nesse tempo não tinha telefone era carta mehmo.

Doc.: Mas o senhor escreveu para ela também?

Inf.: É [inint.] escrevia pra ela... fazia de todo jeito aí ela lá entendia como quisesse (rindo).

Doc.: O senhor trabalhou a vida toda aqui ou viajou algum período?

Inf.: Rapaz oh eu trabalhei desde pequeno que trabalho é aqui... desde pequeno que a gente nasceu... e quando a gente já tava com seis ano pai já botou na roça... e aí a gente tá... hoje não que a roça não dá mais nada [inint] tem que sair pra fora.

Doc.: Mas o senhor trabalhou fora algum período, em Salvador?

Inf.: Não. Eu trabalho só por aqui de Gavião... Gavião... é... Santa Luz... Queimada, é os lugar que eu já tive trabalhano...

Inf.: Seca e a imigração para a cidade...

Doc.: Aqui eu sai daqui, a família já tinha tudo, aí eu mudei pra rua as coisas ficou difícil... porque... da seca... aí me arrumaram uma casa na rua, eu fui...daí a mulhe gostou, fiz casa lá na rua, casa não um barraquin. Ai agora, a família tá na rua e eu aqui sozinho.

Doc.: E hoje o senhor lê alguma coisa, escreve?

Inf.: Não, se for pra... pra eu ler, ler, agora o negócio é a vista que não tá mais vendo. [...]

Doc.2: Hoje, por exemplo, atualmente, o senhor ainda escreve, lê alguma coisa assim, faz algum tipo de trab-?

Inf.: Rapaz, eu faço argum nome... (rindo) faço argum nome... (superp.) o negócio rapaz é que... ó... tem coisa assim que eu vou escrever, alguma coisa assim como... pocos dia mehmo fui fazer uma cartera, a identidade e CPF, CPF não, a profissional... aí... é... eu to veno eu to escreveno, mas as vez intrapalha por causa que a visão tá mei poca.. é... mas nunca perdi o treino inda não (rindo)... é.

Doc.: Mas o senhor lembra-se da sua infância tinha alguma escola na região, alguma professora, não né?

Inf.: A professora que tinha aqui era... dá quase uma légua.

Doc.: Que era onde mesmo?

Inf.: Ficava ali na... perto ali na Queimada Nova é... mas nesse tempo aí pai não botava na escola não (superp.).

Doc.2: O senhor nunca foi numa escola normal, né?

Inf.: Rapaz, a escola daqui só era mãe que ensinava a da gente.

Doc.: Mas ela ensinava pra outros meninos também ou só os filhos?

Inf.: Não, só pra gente mesmo... a gente quando chegava da roça, a gente cabava de almoçar dava um tempinho ali “vai pegar o livro” (rindo) é tanto que conta a gente uma besteirinha que eu sei foi aprendido depois, que ela não sabia... foi.

Doc.: Só dona Almerinda que sabia escrever, seu Pitanga não sabia não, ou sabia também?

Inf.: Pai sabia.

Doc.: Sabia também, né?

Inf.: Sabia... mãe e pai sabia, agora pai na hora que dava uma hora pulava pra roça (rindo).

NARRATIVA Nº 04 - AFS

Nome completo: Antonio Fortunato da Silva.

Filiação: José Vitorino de Souza e Maria Conceição da Silva.

Naturalidade: Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.

Data de nascimento: 06 de setembro de 1936.

Idade: 79 anos.

Estado civil: casado com Gertrudes. Atualmente é casado com Maura Ribeiro da Silva.

Escolaridade: não frequentou a escola.

Principais atividades: lavrador. Passou uma temporada em São Paulo trabalhando como ajudante de pedreiro.

Lugares onde viveu: morou durante algum tempo na faz. Carrancudo, em Mairi, BA. Em 1958, ele esteve em Ribeirão Preto, SP, para servir ao Exército e, em 1961, voltou para São Paulo, para trabalhar, onde viveu até 1965. Depois também morou no município de Mundo Novo e em Pintadas, município de Ipirá, BA. Atualmente mora em Riachão do Jacuípe, BA.

Perfil: Extrovertido, falante.

Gravação da narrativa: 04 de setembro de 2014, às 15h, no Bairro Santa Mônica, em Riachão do Jacuípe.

Inf.: Seis dos nove de trinta e seis. José Vitorino de Souza, a mãe Maria Conceição da Silva. Meus avós [inint], avó materno José Vitorino de Souza e Angélica Perera da Silva e paterno Antonio Fortunato de Souza e Antonha Silvestre de Jesus. Eu nasci aqui mehmo [inint], daqui a 18 quilômetro. Quando saí de lá já tava com... hum... 16 anos... 15 anos, 16. Aí fiquei ia num lugar, ia em outro. Andei muitos lugares, depois vim parar aqui na minha... pavimento onde nasci né... Morei em Mundo Novo, em mundo novo uns tempo... morei em Ipirá, no antigo Ipirá nas Pintadas. Passei umas temporada em São Paulo e voltei aqui novamente... minha terra natal e tô aqui até o momento.

[...] Doc.: O senhor foi pra São... pra São Paulo pra trabalhar?

Inf.: Fui trabalhar... fui trabalhar em sessen... ni cinquenta e oito.

Doc.: E por que o senhor decidiu ir lá pra São Paulo, assim?

Inf.: Filha, é porque naquele tempo... era um tempo muito... (superp. de fala da esposa: “ruim”).

Inf.: Bom... não. (superp. de fala da esposa: “de seca”).

Inf.: Não, um tempo bom a visto hoje mas... ao custo de vida mesmo... era pior de que aqui... a hoje sabe porque hoje... hoje... daí pra cá modificou tudo, diantou tudo, o pessoá diz que hoje tá ruim, tá? Não, ao visto meu tempo hoje tá ótimo... a visto meu tempo hoje nada melhor... é porque... quem arcan... porque o [inint] de hoje não arcançaro aquele tempo mas quem arcançou meu tempo... acha que hoje tá uma maravilha porque no meu tempo ninguém... num conhecia o que era um arroz... um macarrão... nada disso existia nada disso existias... e naquele tempo eu pegava mais meu pai em cinquenta e dois numa seca que teve... eu pegava uma xica de farinha... uma xica de farinha daquela de tomar café... e botava numa mochila ia trabalhar no garimpo carregano cesto de barro na cabeça e comia aquelas... aquela farinha seca mei dia e bebia água... e hoje... o pessoal ta achano... tá achando que tá ruim...Arquele tempo que eu arcancei... hoje... o pessoal, eles tem que falar nesse tempo e eu tenho que falar do meu tempo, num é isso? Os de hoje fala dos tempo deles, que é ruim.. o tempo dele para mim... o tempo ruim toda vida foi o que eu arcancei. (superp. fala da esposa “eles ta tendo uma vida tão boa”). Que passa mal... eu cansei de comer de manhã e não come, tomá cafe de manhã, não tomá e ir pra mei dia sem botá nada na boca ou pra tarde.

Doc.: E aí, lá em São Paulo o senhor trabalhava em quê?

Inf.: Em São Paulo eu trabalhava minha filha era... serviço braçal... serviço braçal, ajudante de pedreiro e tal... eu servi o exército em cinquenta e oito em São Paulo é... Ribeirão Preto [inint] e aí... voltei... vim... vim embora e voltei em sessenta e um... sessenta e um até sessenta e quato eu tava em São Paulo, sessenta e quato eu vim não voltei mais.

Doc.: E voltou pra onde, pra...?

Inf.: Fiquei aqui mesmo, por aqui rodano só por aqui mehmo.

Doc.: Na roça?

Inf.: É, na roça... rodano aqui por Ipirá... Mundo Novo... Riachão... fiquei por aqui mesmo, né? meus filho hoje que mora tudo pra lá, eu tenho oito filho em São Paulo... é... hoje meus filho mora tudo lá sempre sempre eu tô lá.

Doc.: Aí quando tava lá o senhor resolveu escrever as cartas?

Inf.: É... essas carta eu fiz de lá sem saber a ler... eu nunca tive um dia de escola... eu via as carta dos outro... eu pegava as carta dos [inint] olhava pras carta assim escrevia essa... se’u li dizer que eu já tive um dia de escola tô li contano farso... nunca tive um dias... nunca tive um dia... eu olhava pra caneta dos outro escrevia a... a minha... a minha... copiava da dos outro eu

olhava pela dos outro copiava a minha...eu digo... naquele tempo pai era difíco botar um filho na escola num tinha condições... pai não tinha condições nem pra comer nem pra sustentar um filho [inint] botar na escola... e quando existia uma escola era bem longe só botava quem tinha dinheiro... as criança ia montado de animal, nós não... e aí eu escrevi na São Paulo na cinquenta e... essas carta aí que eu fiz foi de cinquenta e oito... escrevi pra Bahia... lembrava dos amigos tinha sodade dos amigo muita sodade... aí os... os cara que tinha carta escrevida... olhava olhava [inint] ia fazeno eles ia me ensinano, e aí escrevia quato cinco... oito... dez... tinha vez de escrever dez carta pra Bahia... aqueles garrancho, aquelas cartinha... aí foi ino... aí, depois eu vi um irmão falano na Bibla assim sobre a Bibla sagrada... que Deus... lá mehmo em São Paulo nesse tempo que eu estava assim, né... eu tinha aquela vontade de aprender de a ler e num tinha como, aí eu fui numa... numa vez num... num culto numa... numa... numa reunião de... de evangélico, que toda vida teve, né? Tu sabe, né? Mais difíco mais teve, aí ele... leu uma passage que tem na Bibla... [inint] clesiaste [inint] povérbio “A sabedoria verdadeira é a de Deus, a do mundo muitos dela se torna em locura”... de fato que é mesmo... aí quando eu vi essa palavra eu digo “meu Deus, se a sabedoria verdadeira é a de Deus pra que eu quero aprender do propri home?” aí eu botei aquilo aqui na mente, na cabeça... “meu Deus senhor...” (superp. de fala da esposa: “é isso mesmo”).

Inf.: “Se eu tiver merecimento eu quero que me dê sabedoria verdadeira, aquela que tu deu Salomão”, que na Bibla diz, Salomão foi o rei mais sábio que existiu na face da terra... Salomão pediu a Deus sabedoria, Salomão num pedia a Deus outra coisa a num ser sabedoria e Deus deu tudo competo a ele... aí eu... me improrei naquilo fiquei com aquilo... se a sabedoria verdadeira é de Deus... (superp. de fala da esposa: “abre o olho mô”).

Inf.: A do mundo... a do mundo diz que é locura pra que eu quero sabedoria do mundo, a vista pra ser um loco? Aí botei aquilo na cabeça, foi nada não e aí eu pedi a Deus... e Deus (feiz) que eu tenho um pouquinho de sabedoria um pouquinho de desenvolvimento [] [...].

Doc.: Mas o senhor lembra quando foi que o senhor aprendeu a escrever?

Inf.: Rapaz, foi nessa data que eu... na cinquenta e oito eu tava em São Paulo mesmo... uns pessoal escrevia pra Bahia, uns amigo escrevia pra Bahia, eu tinha vontade, aí eu pedi a eles... eles pegaro [inint] pegava umas letra escrevia aquela letra, me ensinava assim, eles fazia... copiava e eu fazia, né... até que eu... até que eu deus... Deus abriu minha mente e eu aprendi essa leitura [inint] eu tenho letra aí eu tenho rúbrica aí que eu faço na certidão [inint] té no foru mehmo que eu escrevo no foru, né? Que eu sou um... no foru eu tenho um tito... eu sô um devogado, adefensor espiritual dento do foru de Riachão... e né dento do foru, é na qualquer lugar na parte do mundo... tenho uns dois mil cartão desse ôh... esparramado no mundo todo, né só em riachão não... Tem esse nome aí, isso ai foi Deus comigo e eu com Deus [inint] eu mesmo fiz isso e o foru aceitou e ai deles que não aceitem esse nome que eu não sou material [inint] embaixo tem aquele versículo ai, que fala pode ler ai, com Deus...

Doc.: “Com Jesus estou vivendo [...] viver para sempre”

Inf.: pronto, minha fé é essa... me apegou a só isso.

Doc.: E o senhor gostava de ler, naquela época?

Inf.: Gostava, eu gostava de ler, eu tinha aquele fanatismo de ler... mas nunca tive na escola, meu pai nunca teve condição de botar, quando eu via os'outo ler, eu ficava com aquela...aquela... com vontade de aprender e num tinha com'ê que ia...vai aprender a... a leitura assim... sem ir na escola, né? E aí...

Doc.: E o senhor lia o quê naquela época?

Inf.: Eu?

Doc.: Hum, o quê que o senhor lia?

Inf.: Que eu lia?

Doc.: Hum, o quê?

Inf.: As veze o pessoal pegava aquele livro [imint] papel que tinha aquelas letra... e ali eles via [inint] meus amigo lá de São Paulo, eles trabalhavon [...] a noite e o dia eles ficava e aqueles cara que... que sabia ler ficava leno pegava aquelas gazeta, aqueles papel ia leno, eu ficava só olhando, observano, né? Observano eles leno aquilo ali e eu ficava naquela vontade, eu dizia “eu tenho vontade” ele dizia assim “com’ê que você aprende sem ir na escola?”... eu disse “rapaz eu vi.. um eu vi um irmão na na... eu vi um irmão essa semana falano na... na... lá no... culto lá leno a Bibla e dizem que a sabedoria verdadeira é a de Deus a do mundo é locura” e aí eu acho que... eu... eu vô pedir a Deus que me dê um pouco de sabedoria [] Salomão foi o reis que pediu a Deus sabedoria e ele deu compreto, aí eu fiquei nesta aí e leno aquelas passage... procurano ler pa intender e eu sei que... foi por Deus mehmo que abriu a minha mente e colocou quilo ali porque pra o home tudo é impossible agora pra deus minha fia, tudo é possive.

Doc.: E quando o senhor morava na roça, lá tinha alguma coisa pra ler?

Inf.: Não... não que morava... nós morava no subúrbio... morava daqui a dizoito quilômetro... (superp. de fala da esposa: “dentro dos mato”).

Inf.: Criei é... trabalhano desde criança mais meu pai é... tempo de seca dá... dava água a animal era... era uma luta... num tinha num tinha escola... num existia escola... existia escola mas quem estudava naquele tempo? Filho de ó... uma pessoa naquele tempo pa formar um filho, ter um médico... um filho formado, ele é burguês é... nem a certo alguma pessoa da roça fazendero... que já era fazendero... que tinha umas condiçõzinha... às vez tinha pena de gastar o num gastava o num queria... os pessoal... cê sabe que o desenvolvimento de leitura... desenvolvimento mesmo... é o quê? De uns... cinquenta ano pra cá... é d’uns cinquenta ano pra cá... eu tô com setenta e sete [inint] de cinquenta ano pra traz... o desenvolvimento é de cinquenta ano pra cá... cê vê que os pessoal mais desenvolvido [inint] vê que é do quê? D’uns cinquenta ano pra cá... quarenta ano pra cá [inint] na leitura... no estudo [...].

Doc.: Tinha alguma professora na região?

Inf.: Tinha o quê?

Doc.: Tinha alguma professora na região?

Inf.: Não na... na... na casião... nessa ocasião num tinha e se tivesse, era longe, era longe e mesmo se tivesse num... eu num tinha como estudar porque meu pai é... eu é quem trabalhava com meu pai com doze ano, teze ano, catoze, quem trabalhava era eu pra sustentar familia.

Doc.: E seus irmãos?

Inf.: Meus irmão era tudo menor.

Doc.: E Salomão?

Inf.: O Salomão era o mais velho de todo, o Salomão era o mais vei de todo, mais o Salomão era... nesse tempo já era rapaz, já saía pá fora, já tinha saído.

Doc.: Ele aprendeu a escrever também?

Inf.: Não, nunca soube a ler... nunca soube a ler.

Doc.: Mas ele escreveu umas cartas também...

Inf.: Salomão?

Doc.: Sim.

Inf.: Bom! Ele... logo... mas ele... logo nessa data que eu era pequeno não, mais todos que ele aprendeu dipois de... né? Que ele casou [inint] pra Mundo Novo, ele casou em Mundo Novo e ele... né? eu não sei se ele... essas carta que ele fez, agora a Angélica sabia um pouquinho a ler... a Filomena sabia um pouquinho... a Áquida, que chama fiinha...

Doc.: E elas aprenderam como? O senhor lembra?

Inf.: Elas aprendero... é... porque quando... elas... quando surgiu uma escola... quando surgiu a escola... elas... elas ia estudar... longe, e eu mais meu pai eu num tinha... o Salomão era o mais velho, o Salomão logo saiu foi [inint.] sua vida, ficou eu... Carlos era o pequeno, Carlos era o pequeno era... num podia fazer nada, eu mais meu pai era quem trabalhava pra... pra dar de comer ao...ao resto da familia.

Doc.: E o senhor lembra onde era a escola das meninas?

Inf.: Essa escola das meninas... era no Mo-... num lugar que chamava Mocó... essa escola tinha uma escola numa ocasião... mas eu tinha vontade de ir... né... na...na escola, mas papai “com’ê que eu vô le botar? Quem trabalha comigo? Quem vai lutar mais eu? Quem vai trabalhar?” num tinha... aí também foi poucos dia de escola, aprender poquinho, só assinar o nome... era só assinar o nome só, a leitura de minhas irmã foi essa, só de assinar o nome...aí... leiturinha poca... [...]

Doc.: Mariazinha

Inf.: Mariazinha era uma colega da gente, uma vizinha... a Mariazinha... essa mulher morreu num acidente de carro [inint]... tem um filho Moisés que tem uma oficina muito boa aqui em Riachão, na saída que vai pro... pra feira... tem um pessoal... ela era vizinha da gente, era amizade e tal.. e coisas... aí do mucambo, do Mocó esse pessoal aí...minha região toda né? E fiquemos aí, esse tem po aí... eu hoje pelas graças, pela misericórdia, pela bondade de Deus, estou aqui pra conta essa história a vocês aí...

Doc.: E dos seus pais, o senhor lembra dos ensinamentos deles? Eles gostavam de contar história?

Inf.: Lembro, lembro, do meu pai, eu lembro do meu pai, de minha mãe... eles contava aquelas história... que hoje o pessoal duvida... ninguém credita nas história que eles contava naquele tempo... o pessoal acha que seje té mentira.

Doc.: Eram histórias sobre o quê?

Inf.: É... falava daquela... do pessoal... do do pessoal mais velho... do pessoal mais velho... um rapaz pa casar numa casa... ia via ia pra... ia numa casa pra casar, chegava lá as... a moça num saía fora... a vei quando chegava assim, num olhava assim pra fora, uma vinha até aqui, olhava votava pra traz, os pai sentado ali, elas não vinha, os pai sentado ali convessano com rapaz a moça não vinha... a moça num vinha... conversar com aquele rapaz... o rapaz interessava casar com a moça, tinha quatro ou cinco moça interessava casar... falava com o pai da moça pra casar com a filha dele... e...e num escolhia qual era a moça pra casar... ele diz assim “Você vai casar com a... com a mais velha... você vai casar com a mais velha... porque as outra tá verdinha, chamava de novo era verde, as outra tá verdinha, você casa agora”... e fazia o casamento... num sentava de junto não, um de cá outro cá quando [inint] o rapaz falava com o pai da moça “Eu quero casar com sua filha com a filha sua” ele dizia “É” a vez é conhecido, quando num conhecesse a família, ia conhecer a família do rapaz “Você é filho de quem? Da onde assim?” e o pai da moça entrava, pegava, ia lá na casa do pai do rapaz conhecer a família, dizia “Seu filho quer casar com minha fia”, tal e tal... aí concordava tanto o pai da moça como o pai do rapaz pa casar... mas a moça chegava [inint] chegasse de cá... [inint] um sentada de lá outro de cá... num chegava pa encostar de junto, num tinha aquele namoro de garrar, não... num tinha... contava tanto caso, né? E aí... casava o casamento, sabe acontecia? Delas que levava quinze dias sem o marido tomar conta da mulé... depois os pai da moça pegava a moça, o pai e a mãe, pegava, ia levar na casa do rapaz “Já fez a casa?” “Não”. “Vá fazer a casa”. Aí o rapaz ia fazer a casa primeiro, se já tivesse casa [inint.] “Vá fazer sua casa” o rapaz ia fazer, depois que fizesse a casa, juntava os dois pai [inint.] fazia o casamento, a moça casava, passava oito dia, quinze, um mês ou mais de acordo, aí... quem... os pai da moça mais a mãe pegava, chegava, entregava lá na casa do marido, e já tinha casado a quinze dia ou a vinte ou trinta dia. Contava aqueles caso todo... isso tudo eu me lembro, é os caso de... é...

Doc.: E sua mãe? Sua mãe sabia ler e escrever?

Inf.: Não, nunca soube, nem minha mãe nem meu pai nunca soube ler... nunca souber ler não... ela nunca aprendero a leitura, né? E [inint.] caso aí, minha filha, desse pessoal mais velho que ninguém acredita muito mais. Aí eles contano que nada, conversa [...] eu uso.. o pessoal tá numa grandeza, numa civilidade, numa bondade e acho que é isso... que não aconteceu com a gente né... mas que isso... isso daí que eu falo... que já passei por isso... tem gente que nem sabe, eu não falo dos meu passado com.. com as modernidade de hoje que ninguém vai

acreditar... jamais que ninguém acredita... devido o tempo de hoje, evoluido [inint]... foi sofrido viu... esse poco de tempo... que... na minha data... foi... é... do ano de vinte e cinco, trinta, de trinta e seis...essa data que nasci ni 36... o pessoal era sofrido... O pessoal que criava não conhecia um medico, num tinha uma receita, quando duecia era curado com as pranta do mato... as pranta que cura [...] Era curado com as pranta num tinha um medico... ninguém falava em medico... tinha medico lá pra Salvado ou em Fera de Santana, mas aqui em riachão já não tinha. [inint] Doutô João Campo saia de Tanquinho e vinha receita a gente ali...[inint] do lado assim... de quinze em quinze o pessoal saia lá da roça e vinha vê com ele aí... uma mulhé... pra fazer parto de mulher na roça tinha que vim de lombo de cavalo aqui... pra levar aqui...quatro ou cindo légua pra fazer parte de mulher aqui na roça... aconteceu isso com um irmão meu... Dotô Pedro... Dotô Pedro irmão do coronel Arelio que era medico... bebo...bebo... que era cachacero né? mulher do meu irmão... teve uma criança... que não passou... ficou e tal...e vieram buscar ele aqui... chego lá bebo... bebo morreno...chego lá.. a mulhe [inint] chego a escapar...deu infecção morreu havia passado [inint]...na partera na roça, levou oito dias lutano com essa mulhé, machucando... um negocio... morreu muitas pessoas naquele tempo falta de recurso viu... hoje já ta bom de mais... hoje só morre mehmo quem tem que morrer, quem não tem que morrer, não morre não... só morre mehmo quando tem de morrer... que marcação... o que Deus marca no homem faz... homem faz... mas se não tem de morrer tem recurso...hoje medicina evolui [inint] porque morria tantas mulhé de parto, falta de recurso... tantas mulhé..

Doc.: A sua casa quando o senhor morava com seus pais era...é... lá perto da Fazenda Pau de Colher?

Inf.: Era ali pertinho, Pau de Colher foi... era ali perto do Pau de Colher mesmo...

Doc.: Perto da casa do seu Pitanga.

Inf.: É isto é... Cabeí de criar ali... Pitanga ali... casa da família e pai... tudo ali era meus amigo... aquela família de João Pitanga... eu... eu tenho como filho irmão... quando fui morar com ele... dentro de casa... Pitanga tinha casado de novo, morava eu, Pitanga, Ogusto finado que já morreu e Pedro e... eu fui lá em Nequinha que mora ali [inint] tudo uma família. Não é irmão de pai e mãe não, mas considera uma irmandade. Compadi Pedro mora hoje em Pintadas e Pitanga saiu a poucos dias, aquele pessoal ali todo eu considero... aquelas meninas de Pitanga... aquele pessoal todo de Pitanga ali, de Pau de colher e Mucambo ali é família minha.

Doc.: Seu Pitanga é irmão de Seu Manequinha?

Inf.: É irmão, é Manequinha é mais velho... morreu tem pouco...Manequinha morreu premero... Manequinha morreu junto [inint] e Manequinha morreu também. [inint] caiu uma queda e dessa queda morreu.

Doc.: Quando o senhor foi pra São Paulo seu Pitanga que ficou tomando conta de sua roça?

Inf.: Foi quando eu fui pa São Paulo foi, Pitanga, foi... e aí criemo assim tal porque minha mãe faleceu em cinquenta e dois no dia... minha mãe faleceu no dia vinte e dois de junho de cinquenta e dois, é tanto que eu era menino e aí... de dois a três ano... eu fazia aquela...aquele diversão, sotar foguete e disso pra cá, quando minha mãe morreu... desse dia, eu não... pra mim... parei, eu fico recordano aquele dia [inint] fico recordano esse dia aí... e aí, parou... a festa de São João... eu não tenho diversão com a festa de São João... recordando esse dia que... que foi o falecimento de minha mãe e o sepultamento, faleceu no dia vinte e dois e enterrou no dia vinte e três... O que se passô com a gente em criança a gente lembra tudo... agora num adianta o que tá passano [inint.] com oito dias a gente esquece de tudo [inint] o juízo era fino decorava tudo e ali num... num, né? o que passou com a gente com doze, treze, dez ano, oito ano, nove ano, se lembra de tudo... caso que se passou comigo com oito, nove ano, me lembro de tudo... agora o que se passa daqui a quinze dia atrás... eu já esqueço... o juízo parece que a mente da gente [inint] naquele tempo a mente da gente é saldío, né? Tanto que eu...tava em Pitanga ainda... mucambo [...]

Doc.: Sua fazenda era no município de Coité ou de Riachão?

Inf.: Ó... ó... Pau de Colher ficava divisão... Pau de Colher, Dormida, Mucambo, é divisão de Riachão com Coité, então a estrada que passa divisão [inint] vem e passa divisão dormida... dum lado Dormida é... coité...do outro lado Riachão... é... e Queimada Nova corta aí por dentro aí... e sai aí.. na divisa... na divisão corta isso tudo aí...

Doc.: Mas o senhor não guardou nada daquela época? Nenhum escrito daquela época não, né?

Inf.: Não... não... daquela época não... mas eu... e a gente lembra dos... dos passado tudo, dos amigo tem aquela da Sonia que é fia do... do... finado Abilio Cordero que mora aqui... é uma menina boa, ela trabalha aqui comigo, cuidano criança, fazendo tudo aqui. Ela aí né... tem uma casa do outro lado que é esquina aí... é de receber os irmão, aos pessoal, de fazer reunião, da palestra né? Tem a casa já propri pra isso né? Receber injeção de espírito, de igreja católica, que eu sou evangélico...[inint] mas eu não falo religião eu digo Jesus Cristo, a religião não salva ninguém... quem nos salvo...o salvado é Jesus, se a gente quiser também... que a gente não tem por onde ser salvo... ele disse que todos que vem a mim de modo algum... Jesus não fez [inint] o homem aqui que faz, mas Jesus não fez... Jesus não falou em colidade, num falô em religião... falou todos que vem a mim de modo algum eu lançarei fora, portanto nois tá aqui para procurar ele e aqueles que foi... ele... ele recebe... é tanto que eu não me apego a evangelho... muita gente fala... minha religião... minha igreja... a igreja somos nós... a religião é um caminho bom para a pessoa seguir... que é um caminho bom, mas se não tiver Deus, não é salvo de nada.

Doc.: Mas na época lá na roça o senhor já lia a Bíblia, é? Gostava de ler a Bíblia?

Inf.: Não... que nada... não... a lia não, lia... depois de um... poucos tempo depois que... né? né? Que eu me concentrei pedi a Deus sabedoria e tal e Deus abriu minha mente e eu hoje já leio... [...]

Doc.: Sua mãe tinha uma Bíblia em casa, não tinha não?

Inf.: Hum?

Doc.: Sua mãe tinha uma Bíblia?

Inf.: Não tinha... naquele tempo [inint] era difiço... era difiço... naquele tempo... via falar em Bibla e nem conhecia a Bibla... eu via falar em Bíblia e nem conhecia o que era Bibla no mundo... e a Bibla naqueles tempo era escondida... os pade tinha ela num mostrava pa ninguém, ninguém tinha... ninguém tinha [inint] de pegar numa Bibla... pade... só pade pega lá pra ler assim... latim ainda, falava as coisa que você nem sabia nem o que que tava falano... em latim, hoje tá bom pa todo mundo pegar e lê e decidir se...e conhecer a verdade, né?

Doc.: Quando o senhor começou a ler foi quando? Foi lá em São Paulo?

Inf.: Foi... eu (peguemo) lá de São Paulo, quando eu cheguei na Bahia cabei [inint] aí... me desenvolvi... mais aqui quando eu cheguei... quando eu peguei leno lá com os menino lá... tá... aí eu... quando eu cheguei aqui eu... eu me implorei nisso [inint] pessoa, pedia as pessoa “me ensina aqui” é? Aí a pessoa me ensinava, né? As pessoa que num... num ia (via) que num fui ne escola [inint] “me ensina aqui”, falava...a pessoa a vez falava assim, “e tal e tal”... eu aprendi assim... por lei vontade, por destino mesmo, né? E você sabe quando Deus tem prano e a gente quer, a gente se tem força de vontade... chega onde... onde quer, né?... a gente é o que... o que que... o que tiver força de vontade pa ser aquilo, se num tiver também...

Doc.: Aí quando o senhor tinha essas dúvidas perguntava assim a alguém. Quem era que lhe ajudava?

Inf.: Não, às vezes quando eu tinha assim uma dúvida assim ou (qualquer coisa) a pessoa perguntava aquelas pessoa que entendia mai do que eu, que sabia mais do que eu “Isso assim como é que faz... como é que isso? A pessoa me ensinava... e eu... aí fui... aprendeno assim, né? Aprendeno assim por conta própria, por lei vontade por... né, por minha força de vontade.

Doc.: Essa escola que o senhor falou que tem... tinha lá no Mocó que suas irmãs estudaram, o senhor chegou a conhecer essa escola?

Inf.: Ó, eu nunca fui nessa escola, mas eu sei que teve essa escola, sabe por quê? Que minhas irmã estudô outro dia... poucos dias, aprendeu pouquinho assinar o nome, sa... essa escola, a mulé chamava quem?... Dinamérica... tinha o apelido de Lua.

Doc.: A professora?

Inf.: Lua... Dina... o nome... o nome dela verdadeiro era Dinamérica... Lua... ela num era daqui, não, eles veio... um pessoal... um Antonio do Sobrado, um machante de gado, pro Mocó, comprou ali a fa... que hoje é de João Souza, hoje é a Pindorama ali, perto... de Cha... Chapada... pra cá um pouquinho, perto... encostado ao Mocó... e essa mulé veio, ensinou poucos dia na casa do meu avô... de Zé de Angerca... do meu avô, teve essa escola [inint.] as menina aprendero... negócio de poucos dias um mês... um mês e meio... e pouco... esse Paulo... Paulo que mora nas Campina... estudô nessa escola.

Doc.: Era uma casa?

Inf.: Era uma casa, a casa de meu avô, era a casa de meu avô, ensinava assim, numa salinha assim, como essa assim, era na roça... José de Angélica... avô materno... José de Angélica e a mulé... e a mulé... e a...e a... a mulé chama Angélica... a mulé dele... que era a mãe de Sinezinho da farinha [inint] Pedin de Sinézio é meu primo carnal... aquele Pedin... ali da entrada [...]

Doc.: E o senhor saberia quem trouxe essa mulher pra... essa professora?

Inf.: Ó... essa mulé, essa professora [inint] que era professora... quem trouxe foi um homem, chamava Antonio do Sobrado... ele era machante de gado... aqui ne Riachão tinha...oia... Jacó, finado Jacó... [inint] ainda é vivo... João de Osébio, que é João Souza hoje... e... e o avô de Luzão chamava Acide que levava o boi daí pra esse homi pra fera... fera de Santana... o homi era machante de gado... comprava o gado e ia com esse quatro homi pra fera, pra vender os boi em fera tudo montado de cavalo. E Gildasio... tudo criado junto ali no Mocó... tudo montado de cavalo [...]

Doc.: Gildásio trabalhou uns tempos em Brasília também?

Inf.: Não... não... esse Gildasio que eu to falano... esse Gildasio é o cunhado de Pitanga, esse que morreu... e Gildasio... doutô adevogado [inint] que morreu na batida do carro, ele a mulhé e o cunhado, no canavial em fera aqui... uma morte [inint]... um adevogado bom.

Esse Gildasio era casado com Mariazinha irmã de Pitanga... Gildasio era cunhado de Pitanga... ele era daqui de cima de Várzea do Poço.

Doc.: Ele foi trabalhar em Goiás uma época?

Inf.: Foi trabalhá em Brasília [inint]... foi ele trabalhou lá... Gildasio e um bocado de amigo meu lá...

Doc.: Por que vocês resolveram ir para Brasília?

Inf.: Por que de trabalho minha fia, trabalho não tinha...nois não tinha trabalho aqui... andava se batendo por trabalho...aí.. saia... o pessoal saia pra o sul de Mariana... trabalho no sul... saia fora aí... era obrigado a sai mehmo né... o pessoal daquele tempo... cê vê.. tinha vergonha, as vei era pobi mas não queria dar o nome a falá... não queria pegá nada de ninguém...saia mehmo. Hoje o pessoal perderam a vergonha, a maioria [inint] não se importa... ni pegá o que é dozoto... no meu tempo existia algumas coisa ruim, mas era bem pouca, porque o pessoal tinha mais capricho, mais vergonha... mais caráter não queria dá o nome a falá [inint]... E apois esse pessoal aí é tudo meus amigo... o Gildasio cunhado de Pitanga, Mariazinha irmã de Pitanga e o Gildasio tem um filho chamado Moisés, da oficina aqui... na saída aqui... ino pro oto lado aqui... um menino muito bom... trabalha na oficina ali.

[...] Doc.: E sobre cadastramento eleitoral?

Inf.: [...] Não teve aqueles tito de papé que tem aquele foto deste tamanho, aqueles cartão? Dos tito vei de tigamente aquele... ele é um cartão deste tamanho quadrado com foto, e teve aquela transferência pra esses tito novo... pras esses tito... renovar aqueles tito... eu cadastrei... mil e oitocentos tito aqui de Riachão... num tempo [inint] que me passou...[inint] foi candidato...cê

sabe que teve uma veiz... foi candidato a deputado... ganhou... duas veiz... a primera veiz não ganhou... eu fiz um cadastramento muito grande aqui, eu pegava identidade do povo, registro, certidão de casamento, saía no Riachão todo fazeno esses cadastro, eu cadastrei muitos... mil oitocentos e tantos tito aí...

Doc.: Isso foi quando?

Inf.: Rapaz, isso aí foi quando João Emílio foi deputado... agora cadê lembrar o (nome)... o ano... a data... eu sou esquecido demais... não tô lembrando assim ligeiro assim não... não tô me lembrando não, o ano... foi a primeira vez que ele foi a deputado, na segunda ele não ganhou, não tô lembrando bem não. Tá velho isso... [...]

Inf.: É... eu olhava...

Doc.: Pra o recadastramento, né?

Doc.: É... eu olhava... eu olhava pra o... pra o... as letra dos otro e fazia olhano... copiano de uma fazeno a outra... eu escrevia carta... eu escrevia carta de São Paulo pra qui cinco, seis, oito carta pra os pessoal [inint] Pitanga tem essas carta... provavelmente que tem, né? Que eles guardaro essa carta... essas carta lá... daquele tempo em sessenta e um... em cinquenta e oito, essas cartas fazia assim, sem saber... pelo... olhano pelas outra, letra das outra assim e fa... fazeno né? E aí fazia aquela letra toda garranchada... e aí... acho que eu ainda tenho cartas ne Pitanga porque quando eu fui pra lá [inint] escrevia pra esse pessoal daí... pra Pitanga, pra Mariazinha pra esse pessoal daí da... da... os amigo aí... aí eu escre... fazia aquelas carta toda doidada, esgarranchada, sem saber o quê... aí... (rindo)

Doc.: Tá certo... (rindo)

Inf.: As letra toda... fazia olhano por uma, né? E fazeno a outra, né? Com aquelas letra que o pessoal... como é... escreveu... e aquela vontade de, né? Aí tinha um amigo meu... um... um parente meu chamava Chico Nambu, ele já faleceu, ele mora lá em Pé de Serra, ne... ne Serra Branca “esse homem, ave Maria se não estudasse um devogado não tinha quem pudesse” (rindo), mas não tenho inveja não... de não... eu... eu sou o que eu sou o que Deus quer que eu... tá bom... não tem...

Doc.: Mas o senhor lê hoje em dia?

Inf.: Lê... eu lê alguma letra que não seja muito embaralhada, até de médico eu lê [inint].

Doc.: E o senhor costuma ler o quê, assim?

Inf.: Qualquer letra eu leio... leio a Bibla, leio qualquer letra... qualquer letra aí... de imprensa... leio tudo... letra de imprensa, leio tudo tudo, só for... e letra de mão se for muito... se for muito... só se for muito esgarranchada... mas se for uma letra visível eu leio... eu decifro... eu leio... tanto eu escrevo como eu leio... eu, bem verdade eu, né me gabano não, mas... eu, realmente tem muitos... pessoa... meninos de hoje cê vê com uns quatro, cinco, seis ano de escola... (superp. da esposa “não sabe nada”) [...]

Doc.: Muito obrigada pelo senhor ter nos recebido aqui...

inf.: Minha filha, quem vai lhe agradecer é Deus em primero lugar... foi ele que lhe trouxe aqui... por sem ele voce não vinha... a Deus e segundo vocês que veio aqui me ouví, me ver e conversá comigo... ter essa palestra... ter... seu tempo... é realmente... é um tempo ganho... porque quando você veio ter essa palestra comigo... porque Deus concedeu que vieste... meu obrigação hoje é eu fazer o que com o povo e principalmente você que veio... é orar e entregar vocês na mão do poderoso pai eterno... e orar por vocês...

Doc.: Amém.

Inf.: É isso mesmo que eu vou fazer... é isso que estou fazendo e vou continuar fazendo...

Doc.: Eu que agradeço!

Inf.: é isso mesmo que vou fazer... é isso que estou fazeno e vou continuar a fazer... orar um pelo outro como Jesus deixou pra nois pra fazer aqui... ai eu estou aqui sempre disponível pra vocês o que precisar de mim saber qualquer coisa... me informe... me... me... é pra eu falar qualquer coisa que vocês querem informar eu tô aqui pra dizer... o que eu sê... o que eu sê... eu

tô aqui pra dizer... pra informar pra vocês, né? Estou aqui, qualquer coisa dependendo de mim... tô... pode me procurar que tô aqui.

NARRATIVA Nº 05 – DCO

Nome completo: Doralice Carneiro de Oliveira Jesus

Filiação: João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira.

Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA.

Data de nascimento: 23 de outubro de 1960.

Idade: 56 anos.

Estado civil: casada com José Sebastião Carneiro de Jesus.

Escolaridade: estudou os primeiros anos.

Principais atividades: costureira. Dona de casa.

Lugares onde viveu: quando casou, morou quatro anos na sede do município de Riachão do Jacuípe, mas depois voltou para a faz. Pau de Colher.

Perfil: extrovertida, calma.

Gravação da narrativa: 30 de junho de 2016, às 10h, na faz. Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe.

Inf.: Meu nome é Doralice Carneiro de Oliveira Jesus... é foi.. eu sou do ano de 1960, no dia vinte e três de outubro.

Doc.: E você nasceu onde mesmo?

Inf.: Aqui mesmo... naquele tempo não saía pra longe.

Doc.: aí passou a infância toda aqui?

Inf.: Toda... toda... só sai um pouquinho quando eu casei, passei quatro anos em Irecê e depois voltei pra'qui de novo.

Doc.: Tu lembra assim quando que tu aprendeu escrever?

Inf.: Menina, num lembro não... eu já tava, o quê? C'uns catoze ano... porque naquele tempo num tinha escola assim... lugar de... professor pa ensinar, aí quando eu já tava grande... aí nós fomo, né? Aí foi que eu aprendi.

Doc.: E foi pra onde?

Inf.: Aqui mesmo... teve uma... é gente da família da gente mesmo que era professora... aí ela convidou para começar a... a escolinha dela... ela começou com a gente.

Doc.: Tu lembra o nome dela?

Inf.: Maria das Neve. Eu sei que tem negócio de [inint], mas eu não sei...

Doc.: Não mora mais na região não...

Inf.: Não. Tá em Tiúbas hoje.... Queimadas, que diga.

Doc.: Aí você frequentou quanto tempo [...] essas aulas dela?

Inf.: Menina, eu passei uns quatro ano.

Doc.: E onde era?

Inf.: Aonde era? Ali no Mucambo. Ficava pertinho.

Doc.: E como era? Era um prédio ou uma casa?

Inf.: Que menina! É uma casa (rindo). Primeiro começou na casa de tio Gidázio... depois passou pa casa de meu irmão, aí ela casou e... começou... ela saiu e depois voltou, aí ela fez a casa dela aí ela ensinava lá na casa dela... a gente inda estudou uns dois anos ainda na casa dela... e daí eu... chegou o tempo de... de eu me casar, aí eu também eu num estudei mais.

Doc.: E aí você gostava de escrever cartas?

Inf.: É porque naquele tempo a gente num tinha telefone, num é? (rindo) aí num tinha... eu saí... teve um... passei parece que uns dois meis na casa de uma prima minha, aí a gente sentia saudade que naquele tempo a gente num tinha costume de sair... aí eu chegava e escrevia.

Doc.: E além das cartas escrevia mais alguma coisa [...]?

Inf.: Não, só as carta. Não, o caderno... não num num coisava caderno não.

Doc.: Você tem alguma coisa guardada daquela época ainda?

Inf.: Não, joguei tudo fora (rindo).

Doc.: E teus pais, sabiam escrever e ler...

Inf.: Só fazia os nome, eles num tinha estudo como eu mesmo, que'u num tenho... num estudei como os outro irmão.

Doc.: Você é a mais velha?

Inf.: Sou a mais velha... das menina é, agora dos menino é Hidelbrano tu conhece?

Doc.: Não, já ouvi falar...

Inf.: pois... ele é o... presidente... sim... presidente da associação e ele é do... como é Nilzete? Delegado sindical...

Doc.: E teus pais tu lembra se contavam histórias quando era criança aquelas histórias infantis ou não?

Inf.: Menina, as história que contava... as vez pai contava... quand'ele era criança... que ele ficou só que o pai dele morreu ele era pequeno aí... mas ele era o maior era quem tomava conta dos dos irmão... (isso) era mais irmão, só tinha duas irmã e aí ele contava assim, aí ele contava do trabalho quando ele ficou... já rapaz, trabalhava sabe de quê? Carro de boi (rindo) aí dizeno ele que era carrero, aí é... ia pegano parece que vendia... telha, que tinha um colega dele que fazia telha, aí ele ia lá buscar... lá na Lagoa Funda.

Doc.: Seu Pitanga, né?

Inf.: Pai. Aí ele contava assim... e das estripulia também que ele fazia de criança (rindo) somente.

Doc.: Mas ele também nunca frequentou não, né?

Inf.: Ó ele ele aprendeu porque tu sabe, naquele tempo num num tinha... o povo aprendia assim... quem tinha quem sabia... é... só como diz suletrar... aí aprendia fazer o nome, o (bem) só é esse.

Doc.: E vocês nesse período trabalhavam também? Você trabalhava?

Inf.: Nesse tempo... nois trabalhava que'le botava pa gente trabalhar na roça que a gente num tinha outra coisa... e quando a gente foi cresceno... eu... deu vontade de costurar, como diz, aprender é... a costura, daí eu ajudava na roça, mas sempre o meu trabalho era esse... hoje.

Doc.: E em casa, quando você era criança, na adolescência, tinha algum material de leitura, livros?

Inf.: Mãe é que dento de casa mãe tinha livro... comprou um ABC eu lembro como hoje, comprou um ABC que naquele tempo também quase que eles não saía mas ele comprou... ela comprou ensinava a gente dento de casa... meus irmão tudo quando saiu pa escola a gente já sabia escrever o nome da gente, mãe ensinava.

Doc.: E ela estudou um pouquinho?

Inf.: Não, eu acho que ela estudou assim, que tinha uma mulher que parece que era até madrinha dela que era professora também, aí ele frequentava esse... esse... essa escola, mas uma escolinha como tu sabe naquele tempo... e ela aprendeu nessa e aí o que aprendeu passou pra gente aí depois foi que veio essa professora aí, a gente estudou mais um pouquinho.

Doc.: Então tinha alguns livros na casa?

Inf.: Tinha.

Doc.: Além do ABC, você lembra quais eram os livros?

Inf.: Ah, menina, eu num lembro mais não, sei que tinha um parece que... eu sei que tinha um nome (Alício)... num tinha antigamente uns livro até graúdo, aí dava esse nome... eu não lembro.... sei que tinha o nome de (Alício) aí a gente estudou bastante com ele... dento de casa (rindo).

Doc.: E hoje em dia você tem... gosta de ler ainda?

Inf.: Não. Ixe que eu sou ruim pra... pa pegar livro num gosto de lê não acho que é por causa do trabalho que as vez a gente lhe dá [inint].

Doc.: E escreve ainda? Não?

Inf.: Escreve por necessidade... p'eu tá fazeno carta essas coisa não faço mais não.

Doc. 2: E a escola tinha série, essas coisas, ano?

Inf.: Tinha, essa que eu estudei tinha.

Doc.: Era até o ano...

Inf.: Eu que não estudei muito... a... os outro estudou até a quarta série que naquele tempo estudava a quarta série, parava que não tinha outro estudo, aí depois foi melhorano apareceu uma aí em Maraíba fazia até a oitava... aí minhas irmã que fez a... que eu não cheguei a fazer a quarta série.

Doc.: Tu fez até que série?

Inf.: Até a terceira... aí... foi o tempo do meu casamento, aí eu... eu num fui mais... aí também não frequentei mais escola, já a minha irmã, duas irmã... aí elas continuou, foi pa Maraíba lá ne Maraíba fez a oitava... aí uma parou e a outra seguiu, foi pra Riachão fez até o... dizendo ela que se formou.

Doc.: E você lembra da escola assim como era? Tinha carteira?

Inf.: Ah, menina, era... tinha... mas era coisa simples, viu? Era aquelas cadeira como você sabe.

Doc.: A professora escrevia onde?

Inf.: No quadro.

Doc.: Tinha quadro?

Inf.: Tinha. Ela fez um quadro... e aí ela escrevia no quadro.

Doc. 2: E quem pagava a professora? Quem organizou a escola?

Inf.: A prefeitura pagava... ela tentou... a... a ganhar pela prefeitura.

Doc.: Tinha nome a escola?

Inf.: Tinha... era... Nossa... Nossa Senhora das Neve... Maria... vije eu esqueci... eu sei que era negócio de Nossa Senhora das Neve... acho que era assim Escola Nossa Senhora das Neve porque ela, o nome dela é Maria Das Neve e aí ela colocou o nome parecido o dela.

Doc. 2: Então a iniciativa foi da própria professora?

Doc.: Foi aí depois continuou só que até hoje ela ainda é professora mas só que lá em Queimadas.

Inf.: Ela não tem parentes por aqui pela região não, né?

Doc.: Tem o povo dela era daí só que foro tudo pra lá para Queimadas... os irmão dela... tá tudo pra lá... tem gente dela aí [inint].

NARRATIVA Nº 06 – IZA

Nome completo: Izaura Cedraz de Oliveira.

Filiação: Manuel José e Aída Cedraz.

Naturalidade: fazenda Morrinho.

Data de nascimento: 06 de maio de 1948.

Idade: 68 anos.

Estado civil: casada com João, irmão de Almerinda.

Escolaridade: estudou pouco em casa

Principais atividades: dona de casa.

Lugares onde viveu: sempre na faz. Pau de Colher.

Perfil: extrovertida, falante.

Gravação da narrativa: 30 de junho de 2016, às 11h, na faz. Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe.

Inf.: E aí minha santa, ele morava aqui... ele... ele é filho de José Viturino [inint] quando... quando ele ficou viúvo velho ele se mudou pra'qui pra região e esses menino foi criado com a gente, Antonio Fortunato... tinha... meu deus como é o nome dos outros... tinha Carlos.

Doc.: Salomão

Inf.: Tinha Salomão, Filomena...

Doc.: Mariazinha, a senhora lembra?

Inf.: De Gildásio?

Doc.: Sim...

Inf.: Lembro, morava aqui perto também... lembro Maria... ali.. era tudo... uma mão pra mim.

Doc.: E esses daqui a senhora lembra? (Mostra foto)

Inf.: Compadi José, compadi Hildebrando... meu Deus e os outro? Quem é?... Compadi Antônio e o outro... é Janzinho é?

Doc.: É seu irmão esse né?

[...]

Doc.: Como é o seu nome completo?

Inf.: Isaura Cedraz de Oliveira

Doc.: A senhora nasceu quando?

Inf.: Eu nasci em seis de maio de quarenta e oito. Nasci na Fazenda Morrinho...aqui perto.. aqui pro lado de cá viu? Ai meus familiares são daí... meu avô é da Mambuca... Zé Joaquim... meu avô Zé Joaquim é da Mambuca... agora minha avó era daqui... da... da Fazenda Mamona... aí.. aí... ela é daí... ai casarão e vieram morar aí.

Doc.: Na fazenda Morrinho hoje, quem mora?

Inf.: Quem mora na fazenda Morrinho hoje...oia... Hoje a Fazenda Morrinha ja foi desmanchada, a fazenda velha agora tem... Joaquim... que o povo chama Joaquim Farofa (rindo)... ai é casado com uma prima minha, neta de minha avó... essa... aí mora...

Doc.: Fica perto do Pau de Colher, a fazenda Morrinho?

Inf.: Fica... fica aqui perto... 'Ceis passou na casa de Hildebrando? Não... ceis veio por cá num foi?

Doc.: A gente veio por aqui, a gente 'tava na casa de Doralice.

Inf.: Pois, fica mais aqui na frente... Tinha Malhada do Cedro que era do meu tio Adrião... aí que é irmão do meu pai também... E tem o Morrinho hoje quem mora, eu acho que é Joaquim, porque ele mora bem lá na frente na toca da onça, mas era Fazenda Morrinho também. Eu acredito que eles considera lá como Morrinho viu?! E tem hoje também Maria da Conceição e Landa que herdaram de minha tia Raquel... ai quando eles faleceram... eles... a herança deles ficou aí... e ai ela não mora aí, mas eles tem casa aí ... Landa mora, mas Maria da Conceição mora em Riachão.

[...] Doc.: A senhora lembra como foi que a senhora aprendeu a escrever?

Inf.: Lembro... olha eu tinha vontade de... de aprender a ler era uma vontade grande, era eu, meu irmão José Joaquim e minha irmã Maria Lúcia, viu? Essa hoje mora em Paraná, Curitiba... e... mas num tinha escola na região da gente... num tinha escola, aí surgiu uma escola aqui em Conceição do Coité, Dona Margarida aqui na Jiboia, Fazenda Jiboia e aí... a gente aquela vontade minha mãe tinha vontade que a gente aprendesse mesmo, viu? Mas só que num tinha condições nem de comprar os livro... aí ela comprou lembro como hoje que ela comprou três cartilha... chamava Paulinho, essas cartilha, uma pra mim, uma pra minha irmã, uma pro meu irmão, a gente ia pra Jiboia, dá mais ou menos uns... sei lá uns... cin- seis... não dá não... uns quatro quilômetro daqui pá lá, mas a gente ia todo dia.

Doc.: Ia como?

Inf.: Ia de pé... nós ia andano de pé... e a gente saía cedo, pra quando a gente chegasse lá, os menino da... da escola num tê chegado ainda... primeiro chegava era a gente... e aí eu estudei trinta dias a gente... eu não... eu e meus irmão estudemo trinta dias, mas era com ansiedade de aprender que eu eu aprendi a escrever melhor do que os outro mas depois meu irmão que foi mais esperto do que eu... tomou um cursinho foi pra Mobra... aprendeu, tornou a aprender mais do que eu, compadre José sabe mais do que eu, né? (rindo) e a outra Maria Lúcia que a gente

chama de Menininha foi pra Paraná hoje não sabe pegar nem numa caneta, (superp.) abandonou... ela abandonou... ela não escreve pra ninguém, ela mesmo diz... a gente conversa com ela através de telefone, mas...

Doc.: O nome da professora era...

Inf.: Margarida... o povo chama Margarida da Jiboia... aí essa era irmã da finada Albina casou com Manoel Leão... morava aqui na... aí na comunidade de Mucambo mesmo na fazenda velha... eles nasceram e criaram aí... aí ela casou... era Miguel Leão e Manoel Leão... ela casou com Manoel Leão.

Doc.: E como era a escola a senhora lembra?

Inf.: Ah, minha filha, a escola era na residência dela... lembro num quartinho na residência mesmo na frente, aí ela ensinava... ensinava a gente... ensinava um grupo lado de lá de Cansação, lá da Jiboia, do pessoal deles lá, viu? E de Riachão acho que só tinha a gente mesmo... mas era ansiedade que a gente tinha... a gente estudou trinta dias lembro...

Doc.: Jiboia né município de Riachão não?

Inf.: Jiboia é município de Coité.

Doc.: Coité

Inf.: É Coité

Doc.: Entendi.

Inf.: É tanto que a gente aqui quando veio surgir uma escola, aqui... um prédio escolar... foi... já no tempo de João Campos... porque num tinha... eu lembro que a... a surgiu assim... a gente foi quem juntou os a... a professora Das Neve que já quem ensinava minhas menina, meus menino, num é? E aí ela tinha uma ansiedade de ter um... um cantinho assim, um predinho, um quartinho quando nada pra ela ensinar... que ela ensinava um ano numa casa que ela ensinou na minha casa dois anos aqui... ela ensinou na casa da mãe, mas a mãe ficou achando ruim que menino é bicho sapeca, viu? Aí (rindo) ela passou... veio pra aqui foi pra casa de Marcolino aqui oh... lugar que é a fazenda vinda do Pau de Colher que hoje é de Marcolino, aí ela ensinou um ano aí, aí ela disse “ó, no próximo ano nós vai juntar, pra nós fazer uns tijolo prá fazer um prédio”. Aí Didi [inint.]... Didi [inint.]... deu um cantinho de terra a ela... e ela juntou os menino tudo mais ela, ela pelo meu, nós cavou o barro, nós massô, fez os tijolo, queimou e aí juntou os pai dos menino construíro... o prediozinho pra ela... quando minhas menina estudô minhas menina estudo uns quatro ano com elas aí.

Doc.: Mas aí a prefeitura pagava a ela? Como era?

Inf.: Pagava... aí ela pediu a Doutor João as porta... ele disse pra ela que a prefeitura não tinha condições de dar... eu disse “oxe, Leí, nós chamava ela de Léi, oxe Léi deixa de besteira mas longe já teve... tu fica tranquila que as porta nós vai botar no prédio”, mas deus abençoou que Ribeiro Tavares foi quem deu... Ribeiro Tavares deu as porta compade seu Zé (Leão) pediu a ele, ele sempre passava nessa estrada aí e via a dificuldade, né? Que ela tava ensinando no aberto sem porta ele deu as carteira e deu as porta.

Doc.: E os filhos da senhora estudaram lá?

Inf.: Estudaro.

Doc.: Helena?

Inf.: Helena... Carmelita... Marivalda... e Noélia estudaro lá ainda com ela, aí quando tiraro a... a quarta série... foro pra Maraíba. Cê sabe onde é a Maraíba?

Doc.: Sei, sei...

Inf.: Iam de pé, minhas menina iam de pé

Doc.: É longe

Inf.: É longe dá... dá uns seis quilômetro daqui na Maraíba, mas ia de pé todas duas. Aí veio Luiz Magno por último, Luiz Magno estudou no Mucambo... aí já... foi quando João foi já passou... João Campos já quem foi o [inint.] de Valfredo, Valfredo construiu esse prédio aí... aí eles já estudaro aí já estudou no no... parece que minhas menina também... Noélia parece que ainda

chegou a estudar no Mucambo também, a num lembro... sei que Magno estudou aí estudou aí, tirou quarta série... e aí ruim de ir pra escola oh moleque ruim pá estudar mas inteligente, menina precisa ceis vê (teligência) de Magno, ele tirou a quarta série ele disse “Pronto pra Maraíba (não vai não)”, olha foi quatro ano eu levava na... na frente empurrado “Bora, boba” ele dizia pra mim “mamãe oh coisa ruim a gente estudar obrigado”, eu dizia “Meu filho, tu vai me agradecer um dia”... hoje ele já tá me agradeceno.. aí foi pra Maraíba lá... tirou a... oitava série na Maraíba vortou pra Juazeiro se formou em Juazeirinho.

Doc.: E os pais da senhora? Como era o nome deles?

Inf.: Manuel José e Ailda Cedraz.

Doc.: E eles estudaram, sabiam ler e escrever?

Inf.: Não... meu pai meu pai pra... pra fazer um tito de eleitor quem ensinou a ele foi Margarida da Jiboia, minha professora foi quem ensinou, a ele... a ele escrever o nome assinar o nome dele naquele tempo sinava só o nome... fazia o tito, passou a votar no municipo de Riachão, era uma vergonha mesmo, viu? Que num tinha... eleitor de Riachão, não foi ele só não, teve mais alguém que foi pra sinar, aprender a sinar o nome, pra fazer o tito, pra votar em Riachão, Riachão... Riachão era muito atrasado. Falar a verdade os prefeito nunca importou, Riachão desenvolveu depois de Valfredo ... alias Zé de Tusa... quando Ze de Tusa foi prefeito... ele já começou a clarear, pelo menos os caminho que tinha muito barro, muita lama... ele começou a botar cascalho... e aí Valfredo tomou conta e Valfredo cascalhou tudo que hoje tem cascalho ainda que Valfredo que botou.

Doc.: E a senhora lembra dos ensinamentos dos pais da senhora? Eles contavam história, história infantil?

Inf.: Não... meus pai num num... os pai de antigamente só pensava em trabalhar num tinha aquele (diálogo) com os filho... isso tinha não falar a verdade... a gente... a gente hoje tem mais e sabe contar mais as histórias dos nossos filho e nossos filho sabe contar mais histórias da gente que a gente deles... eu não sei a idade do meu pai, nem de minha mãe... não sei... eles não falavam... e a gente era aquilo... não procurava saber... hoje é que eu penso assim “Ma rapaz como é ruim, porque a gente não procurou em vidas deles né?”

Doc.: A senhora disse que seu pai aprendeu a assinar o título, e a mãe da senhora?

Inf.: Minha mãe assinava, minha assinava não sei com quem aprendeu... ela morava aqui pro lado de um lugar chamado cavalo morto... não sei se vocês conhecem... aqui perto da... de Edinha... não tinha uma Edinha aí? Minha mãe morava por aí, meu avô chamava Inocença e minha avó Isaura também, minha avo materna... minha avó paterna era Lucia Maria e meu avô era José Joaquim.

Doc.: Essa Margarida que a senhora falou que foi professora era daqui a vida toda ou ela estudou fora e depois voltou, a senhora sabe a história dela?

Inf.: Não sei, eu não sei a história dela, sei que a família dela é daqui mesmo ela são tudo parente do povo de Isaque [inint] são tudo parente... Não sei... ela é filha de...

Doc.: Será que ela foi pra algum lugar estudar e depois voltou?

Inf.: Não, eu acho que não porque naquele tempo era um tempo mais atrasado, n’era? (inint.) aprendia sinar o nome ali qualquer tantinho que soubesse já já tava seno professora n’era? Eu acho que era assim não sei, eu acho que elas num saíro não.

Doc.: A escola dela tinha nome?

Inf.: Não, num lembro não, acho que não, acho que num tinha não, eu acredito que não, num lembro não, se tinha eu não lembro, viu?

Doc.: E na casa da senhora, a senhora trabalhava na infância, na adolescência?

Inf.: Vê Maria muito (rindo) trabalhava de enxada. Olha eu com sete anos... o povo diz que é mentira mas é verdade com sete ano a gente já limpava feijão, tapava cova de feijão... a gente vivia... os pai da gente... limpano com a enxada limpano [inint.] tinha uns [inint.] pequeno que naquele o povo trabalhava até gastar as enxadas ficava pequenininho ele botava um cabinho

de enxada pra gente limpar feijão mais ele lembro como se fosse...eu, minha irmã, meu irmão... eu com sete ano já limpava feijão... tapava cova de feijão de milho não fazia ca- capinar assim matos grande porque a gente num [inint.] mas quando a gente passou a... a ter seus dez ano em diante a gente trabalhava muito de roça... eu lembro que no ano de sessenta e quatro... a gente limpou... a gente limpou terra, eu, minha mãe, meu irmão e minha irmã a gente limpou [inint] quatro quarta de feijão, só que a gente não teve.. c'um rato... quando o feijão tava maduro o rato começou... derrubano... derrubou quase tudo...mas a gente plantou quatro quarta de feijão, mas limpamo terra nesse ano, comecemos no meis de fevereiro limpar terra... naquele tempo que fazia gosto ainda plantar, hoje não...hoje você aplanta [inint] esse ano ninguém plantou nada aqui, a chuva poca, a terra não ta bem molhada... que Deus sabe... guarda o feijão pra dá no otro ano... quem sabe o otro ano pode ser é bom... Mas é assim mesmo... o tempo vem mudando, mas que tempo bom a gente já teve... lembro que meu pai tinha uma rocinha pequena viu?! Mas... mas tinha de tudo viu... tinha de tudo... era aipim, era batata, era mandioca, era abóbora, mamão, quiabo, fava, andu...era tudo... tinha tudo... mangalô... tudo a gente plantava naquele tempo... hoje o povo nem conhece mais o que é mangalô, nem fava.
Doc.: É, eu mesmo não conheço.

Inf.: 'Tá vendo aí? Andu tu conhece?

Doc.: Conheço. Nunca comi não, nunca experimentei, mas (rindo) já vi.

Inf.: A fava e o mangalô ele rama e tinha direto, na roça de meu pai não faltava essas coisas. [inint] prantava abacaxi, tinha... tinha tudo lá... hoje que a gente não tem nada que a planta não sai.

Doc.: A senhora lembra se na casa da senhora tinha algum material de leitura, alguma coisa pra ler?

Inf.: Não, num tinha não, livrano dos livro de escola da gente esse aí e as vezes a gente arrumava livro assim com as... com as amigas, né? Que as vezes que tinha mais condições minhas primas a gente arrumava a gente gostava eu mesmo gostava de ler, gostei li muito, jorná, a gente num guentava ver um jorná que a gente num ler, eu mesmo eu e compade José, minha irmã era preguiçosa, aí dona Margarida dizia sim “ É eu tenho certeza que se vocês continuar estudano ela vai ser professora” porque eu tinha muita vontade, falar a verdade.

Doc.: E a senhora lia o que além do jornal tinha que tipo de livro?

Inf.: As veze a gente arrumava um livro assim, as veze até de escola mesmo, sabe? da...da.. das colega da gente... as amiga que eles tinha... estudou mais. Tinha um prima minha mesmo chama chamava Maria Madalena chamava era Tatá, comade Tatá mesmo estudou, estudou com comadi Ana ali... perto Jiboia também que já foi aluna de dona Margarida... e ela... ela dava aula também... [inint] esse povo aí tinha mais condições de comprar os livro estudaro, tinha uns livro bonitinho [] e a gente estudou e lia eu lia muito esses livro... depois que eu cair na idade... que ficou ruim de ler... mas eu inda gosto de ler inda... gosto.

Doc.: Esse jornal que a senhora falou vinha de onde? Quem trazia?

Inf.: Esses jorná vinha de onde? As veze, minha filha, vinha jornaus velho antigo, embrulhado alguma coisa, as veze com tecido alguma coisa que vinha... aí a gente aproveitava queles jorná pra ler a gente lia muito, falar a verdade, eu mesmo, eu e compade José, compadre José gostava também.

Doc.: José é irmão da senhora?

Inf.: É. José Joaquim que mora no Ichu, é o pai de Roni, de Quel, de Ita.

Doc. 2: E as cartas?

Inf.: As cartas?

Doc.: A senhora gosta de escrever?

Inf.: Eu não gostava muito de escrever não... eu escrevia assim... eu num sabia escrever... fazia um doidice aí (rindo) sem sentido.

Doc.: Mas escrevia carta?

Inf.: Escrevia sim, mas o sentido era poco n'era? (rindo)

Doc. 2: E recebia muitas cartas?

Inf.: Não... eu recebi... as vezes carta mais de meu sombrinho que mora em Paraná, eu tenho sodade dessas carta, eu não sei se essas cartas num ta em Riachão... eu inda vou dá uma olhada em Riachão porque eu tinha umas aqui numas caixinha sim de...de sapato, aí queimaro. Eu passei dois anos em Riachão... eu passei dois anos em Riachão [inint] arrumou uma mulher desigual da gente né? Queimaro minhas cartas... não sei quem foi... perguntei ninguém deu notiça... ai...ai... [inint] falou assim“ah eu queimei um bocado de coisa aí tava... não se'que... não se'que... mas eu acredito que de Aldeir e o de Antônio Ferrera que era meu cunhado, ah eu recebi muita carta de Antonio Ferrera também, eu acredito que eu tenho carta ni Riachão guardada, eu vou olhar nas gaveta de meu guarda-ropa.

Doc.: Se a senhora descobrir pode me avisar (rindo)...

Inf.: eu dexo com Helena... eu vou vê se eu tenho lá que... eu recebia também carta de Antonio Ferrera que eu chamava de miúdo que era meu cunhado... pense numa pessoa...uma pessoa maravilhosa...

Doc.: Não preocupe que eu tenho cuidado, tiro xerox e devolvo.

Inf.: eu sei disso... oh fia era maravilhoso meu cunhado que Deus levou ano passado, fez um ano agora em maio, mas era uma pessoa maravilhosa que morou vinte e oito anos ni Araruna foi embora e...durante esse tempo veio três vezes aqui me ver... me cobrava que eu não ia lá... não vou lá não... como é que eu vou no Paraná? É longe, eu tenho... em...Boituva São Paulo, eu tenho um irmão e três irmãs... esse irmão todas as vezes que ele vei... que ele vem aqui, e que todo ano ele vem viu... final de ano ele vem me ver... ele diz assim “ eu to te esperano na minha casa”.

Doc.: e a senhora não tem vontade de dar um passeio lá não?

Inf.: Eu falo “oh irmão não me espera não que eu não vou, eu não vou não fia... eu não tenho coragem de ir só pra são Paulo não... eu tenho medo... uma violência grande... e volta.. e... ai agora sim... eu não vou lá e vou todo ano pra Bom Jesus da Lapa... é uma força que Deus me dá né?! E eu tenho... oia... porque eu sinto problema de coluna, eu tenho desvio na coluna, tenho bico de papagaio, tenho osteoporose nos osso, meus osso dói... essa noite mesmo não dormi... c'um a coluna doeno, lavei ropa onti o dia todinho... essa noti eu não dormi... mas quando diz assim “chegô o final do ano que é viagem de bom jesus da lapa, eu tenho vontade de ir, peço força pra Jesus e vou... mas pra... pra... casa de irmão eu num vou não.

Doc.: E hoje a senhora gosta de ler o quê?

Inf.: Eu gosto muito de lê minha bíblia, falar verdade, a bíblia aí eu gosto e também a alguns livro assim eu tenho uns livro aí que foi uma amiga minha que me deu, ela é adventista... do sétimo dia... ela morava vizinha comigo, de frente a minha casa lá na rua que eu tenho um casinha na rua e ela me deu uns livro lá e eu gosto dos livro que ela me deu e eu lembro dela q'ela se mudou pra Fera, viu? ela se mudou pra Fera e me deixou esses livro, é três livro... sempre eu gosto de ler... aí eu lembro dela é uma pessoa boa, maravilhosa e aconteceu uns acidente com o marido dela, dois anos certinho, morreu otra filha dela de acidente, ai ela disse que não vem mais nunca em Riachão, mas eu quero ir na casa dela eu já... eu já disse ao sobrinho dela Neto que eu vou na casa dela, se Deus quiser , antes d'eu morrer eu vou na casa de Clotilde.

Doc.: E os livro daquela época, de quando a senhora estudou, os cadernos, tem algum guardado?

Inf.: Minha filha, eu acho... guardar eu guardei mas eu acho que não tem mais não, sei não... eu vou dar uma olhada aí... porque eu tenho umas malinha ali [inint.] eu vou ver se meu livro tá dento... meu livro era guardado mas eu não sei se queimaro, queimaro um bocado de coisa aí, né?

Doc.: A senhora tem uma malinha só com os livros?

Inf.: Ter... assim... eu guardo um bocado de coisa mas sei que tem livro de Luiz Magno sei que tem livros e caderno de Luiz Magno... mas... meu... caderno eu sei que num tem, viu? que naquele tempo nem existia caderno pra gente e a gente comprava aquelas folha num era nem comprada, Dona Margarida que dava aquelas folhas de papel... eu sei lá como chamava as folha n'era officio não era otro...

Doc.: Pautado?

Inf.: Parece que é sei lá... ela escrevia fazer os caderninho pra gente... e esse aí não existe mais não... aí queimaro tudo, eu tinha e meu meu livro minha cartilha eu tinha guardada... eu vou ver s'eu inda tenho... eu sei eu sei que as capa tiraro mas uns tempo atrás aí eu vi ele, eu vou dá uma vou da uma curiada vê se eu acho ele... vou ver se eu acho... porque eu não queria jogar fora... aí Joãozinho diz assim “Mas guardar isso pra quê?” eu digo “Ah eu guardo”. É olha eu tem eu tenho bocado de coisa assim dos menino, as provas de Magno, de de Marivalda... de Noélia, de Carmelita, eu tenho provas guardada, Joãozinho... Joãozinho briga porque eu guardo, disse “não eu vou guardar eu vou guardar, é uma lembrança de quando eles estudava”. Eu disse a ele que eu disse a Magno a poucos dias que quando eu vou na rua que eu vejo tanto caderno eu tenho sodade de quando eles estudava só pra eu comprar queles cadernos pra eles que eu não achei mas eu tinha vontade de comprar pra eles, comprei muitos caderno pra eles... e eu vejo na rua tinha um bocado [inint].

Doc.: E a senhora pensa em morar aqui a vida toda?

Inf.: Eu... eu pela minha vontade eu tava no sul, não tava aqui não. Aqui tá muito perigoso, aqui a violência ta grande essa região já tem é quadrilha, a gente não pode sair e fechar uma casa [inint] se sai e fecha a casa a gente chega e tá arrombada... É aqui ta difícil... eu to aqui por causa do vei... eu passei dois anos em Riachão. Eu comprei quando os menino teve um acidente fico na casa de Marivaldo, aí Noélia disse que não vinha mais pra'qui, ai eu comprei uma casinha zero quarto, comprei em dois mil e quatro... dessa casinha hoje já tem uma casa grande tem dois quarto, tem um banheiro, tem a copa, tem a sala, tem cozinha e hoje também já é uma casa, um quartinho no fundo de guardar coisa e aí eu tenho vontade de ir pra lá... pela minha vontade eu tava lá, mas so que o velho, minha fia, esse povo vei que.. encarrasca num lugar, é carrasco mesmo... que não vai e depois eu sinto que se ele for pra'li ele apaxona, porque o homi não para, não queta... não quer... oia minha santa se tu vê... vai fazer setenta e oito anos, mas você não vê ele dendi casa... pegou carroça “vou pra sitio novo, vô buscar uma telha, vô buscar um cimento, vô buscar um milho, só não chegô ainda... daqui a poco ta chegano... quando chega não descansa... sobe pra roça “vô destocar os pasto” [inint] e na rua como diz ele, ele ficar parado na rua ele apaxona... agora eu tenho é medo, eu tenho note que não durmo os cachorro late de um jeito que fica rouco e eu não sei o que é... eu não sei o que é... eu não sei... ele diz... ele se aborrece com o cachorro... deixa o cachorro latir... cachorro não late sem motivo, ele escuta alguma coisa ou vê ou escuta... essa noite mesmo latiu muito... o que será... o que será... a gente tem medo... ele até... ele ficou até com medo quando teve aquele assalto... que teve em Lamba Saia meis passado... esse meis... roubaram sete residência... bateram... cortaram os punho de um rapaz ai... e ai ele ficou com medo... eu só não vou pra Riachão por causa de Mario, porque Mário não vai [inint] aí eu falei com Mário... aí ele fez assim vai não, “se voceis quiser ir pode ir agora eu não vô não” eu disse “não adianta, não adianta a gente ir e o sentido tá aqui” nele né?! Porque quase que não tem vizinho né?! Tem esse aqui chegô pocos tempo... diz que [inint] Palaço de Salamão não mora ninguem, só mora compadi Guri na casa depois de Seu Dé... aí tem otros pro lado de cá [inint]... Zetinho lá... na entrada que vocês entraram... tem otros aqui pra dentro também, mas pra mim é tudo longe. Eu acredito na rua porque... tem muitos vizinhos... eu sei que na rua acontece minha filha... mas se acontece na rua... o que acontece... os vizinho... se eu não posso gritar, mas o vizinho pode escutar o movimento, ligar pra poliça que tá mais perto e aqui ... [inint] ligar pra poliça pra que? [inint]... ninguém sabe onde é que tá os vagabundo... e é verdade mesmo... muito medo

viu...muito medo... se o vei diz assim “eu vô pra rua” eu vô [inint] eu nunca gostei daqui... eu to com cinquenta e tantos anos que moro aqui e nunca gostei daqui... nunca... nunca gostei... se fosse pra morar onde eu nasci eu gostava mas aqui?

Doc.: A senhora nasceu no Morrinho...

Inf.: Foi... no morrinho foi...

Doc.: como é o nome daqui?

Inf.: Pau de colher... aqui era fazenda... Ceis conhecem Seu Manequinha casado com Elisabeth? Ai a fazenda velha... a fazenda do pai dele que chamava Demetrio... pai de Seu Pitanga... morava aqui mesmo na frente... hoje é a casa de Marcolino... a fazenda velha caiu.

Doc.: Marcolino é filho de Seu Pitanga

Inf.: É... ai Marcolino construiu residência ai... so que construiu passou uns tempo ai e foi embora pra rua... hoje é que botou uma pessoa pra trabalhar fez os cantero pra plantar verdura, essas coisas... e tá construindo uma bela de uma cisterna não sei pra que... tem uma de trinta mil litro e tá construindo outra de dez mil litro em cima, disse que é pra molhar as planta de lá...

Doc.: Tá bom Dona Isaura, muito obrigada viu?!

Inf.: Por nada minha santa, então esse livro é meu né?

Doc.: É da senhora, pra senhora mostrar a sua carta.

Inf.: Vô mostrar a meu... (superp)

Doc.: Tá na página, deixa eu deixar marcado. Tem as fotos aqui do pessoal...

Inf.: Eu vô ver se acho minhas cartas... de Antonio Ferrera... de Aldeir...

Doc.: aqui a sua carta está na página duzentos e noventa e nove pra você mostrar para o pessoal....

Inf.: Tá certo... tá certo... eu vô mostrar a minhas menina Marivalda que mora em Riachão...

NARRATIVA Nº 07 - LCC

Nome Completo: Lucidalva Cordeiro Cedraz.

Filiação: Daurinha e João.

Naturalidade: fazenda Sítio Novo, município de Riachão do Jacuípe, BA.

Data de nascimento: 07 de abril de 1966.

Idade: 52 anos.

Estado civil: casada com Raimundo Adilson Cedraz.

Escolaridade: estudou até a quarta série.

Principais atividades: lavradora, dona de casa.

Lugares onde viveu: sempre na fazenda Sítio Novo.

Perfil: extrovertida, falante.

Gravação da narrativa: 15 de fevereiro de 2018, no povoado de Sítio Novo, em Riachão de Jacuípe.

Inf.: Eu me chamo Lucidalva Cordeiro Cedraz nasci no dia sete de abril de sessenta e seis.

Doc.: Nome dos seus pais...

Inf.: É Daurinha e João... meu pai já faleceu... faleceu com cinquenta e dois anos.

Doc.: E onde foi mesmo que a senhora nasceu?

Inf.: eu nasci aqui mesmo... nasci aqui em casa mesmo em parteira né... parto normal... aqui mesmo em Sitio Novo.

Doc.: E... lembra, assim, como foi que aprendeu a escrever?

Inf.: Lembro... como se fosse hoje com maior vontade... eu tinha quatro anos de idade e eu estudei aqui ne Sítio Novo e minha pró era minha madrinha... eram setes irmãos e eu ficava querendo vim apesar d’eu ser medrosa e... aí minha madrinha disse “mande ela vai

incentivando”, e eu cabei vindo com minha irmã mais velha e logo eu... eu comecei logo a escrever mesmo pegando na mão, né?

Doc.: Sim.

Inf.: Aquele medo de pegar na mão e eu era toda incentivada pa ir pa escola logo eu comecei logo a aprender rapidinho, né?

Doc.: Mas morava aqui no povoado?

Inf.: Eu morava aqui Sítio Novo, mas aqui não era povoado ainda, só... só tinha uma residência que era a casa de minha tia e que minha madrinha que era professora... que era prima.

Doc.: Como era o nome dela?

Inf.: Nelsuíta.

Doc.: E era a primera escola que tinha aqui antes dela já vi... vinha mais escola mas aí eu comecei vim pra qui vinha pequeninha mesmo... vinha até no braço de minha irmã mais velha... e apesar de ser medrosa, viu? Que tinha um borreguinho enjeitado que eu chorava o tempo todo era segurar na barra da saia e eu tinha medo de todos, mas me surpreendeu eu própria né? Porque eu foi me exibindo rapidinho e apesar disso deu continuidade... não aqui né? Fiquei até... na alfabetização... essa escola acabou, ela foi pra... casou e foi pra Salvador.

Doc.: Mas aí depois continuou a estudar ou não?

Inf.: Continuei, ni outra escola... aí eu fiz até o primário.

Doc.: Onde era essa outra escola?

Inf.: Era no povoado de Coité, é chamava escola Santa Rita, a professora era Elenita, ela mora ni Tanquinho ainda vive ela... já era uma escola já de um primário mais elevado, né?

Doc.: Como é o nome do povoado, lembra?

Inf.: Chamava Santa Fé, existe ainda é... é só a casa, né? Meu irmão fez uma casa lá a escola já cabou-se né? Era Santa Fé e eu estudei até... ao primário... logo casei, né? E fiquei... não quis mais fazer o ginásio por falta de oportunidade, quando houve a oportunidade que foi em Juazeirinho eu já tinha filhos e era a noite e meu esposo acabou não aceitano... né? E isso num me fez diferença... porque antes disso eu num tinha uma leitura boa mas ao querer d’eu mesmo, aí comecei pegar outros encargos e... fiquei mais profissional na leitura... eu próprio me alfabetizei... né? Curiosidade... escrevo direitinho, falo direito [inint] das palavras que eu escrevo, por conta própria, né? Não tive oportunidade mais de estudar porque aceitei o rumo né?

Doc.: A senhora foi colega de Zenilta... nessa escola de Elenita?

Inf.: Quem é Zenilta?

Doc.: Zenilta filha de... que é casada com seu Antônio, que filho de Dona Almerinda.

Inf.: Não.

Doc.: Não, né?

Inf.: Não, algumas pessoas do Mucambo foram os alunos, mas ela se foi não lembro.

Doc.: É... e como era essa escola lá essa da... da do primário? Era um prédio como era o prédio?

Inf.: Era um prédio... como vamos dizer assim, foi ela que fez, era uma professora cursada que foi uma alegria pra comunidade essa pessoa, ela casou com um homem daqui e ela veio e era uma escola que eles mesmo fizeram mas é um nível bom, viu? Apesar de muitos alunos, ela se esforçava muito... num era bom porque existia vários aluno e eram todo uma sala única pra todos né? Era pela manhã e a tarde... pela manhã era quarenta alunos e pela tarde (rindo) uns trintas aluno... numa sala pequeninha que, né? Uma salinha única, um banheiro fora... mas foi uma prioridade, pra quem nunca teve uma escola em nível, né? Duma professora... né? De primário, que ela era professora de primário mesmo, né?

Doc.: Tinha livros, essa escola?

Inf.: Tinha livros sempre teve os livros né? As escolas... ah ela sempre tinha livros.

Doc.: Lembra de algum?

Inf.: Ah... não lembro não... eu tinha esses livro [inint] acredita que eu tinha esses livros? E não tenho mais, acabei... eu tinha... eu lembro da figura do livro, mas eu... eu sentia dificuldade nesses livros eu... sentia muita dificuldade mas todos tinham livros... eram cinco livros.

Doc.: A senhora lembra se aprendeu a escrever ou a ler primeiro? Aprendeu a ler ou escrever primeiro?

Inf.: A ler... a dificuldade de eu escrever depois que eu fui... eu logo aprendi a ler... Matemática que eu num era muito boa eu num suportava Matemática, mas Estudos Sociais que era o nome, né? Estudos Sociais ah... era uma festa pra mim [inint].

Doc.: A senhora falou que além da escola, que sozinha também estudava...

Inf.: É... estudava...

Doc.: E o quê? Tinha livros em casa, tinha o que pra ler em casa?

Inf.: Não... eu... tinha romance, logo a gente começou, ficou, tinha muitos romance e eu tentava, eu lia muito romances, né? Num tinha televisão na época, era romance mesmo e livros. [...]

NARRATIVA Nº 08 - NIN

Nome completo: Francisca Carneiro de Oliveira.

Filiação:

Naturalidade: fazenda Morrinho, município de Riachão do Jacuípe, BA.

Data de nascimento: 1945 (aproximadamente).

Idade: 74 anos (aproximadamente).

Estado civil: casada.

Escolaridade: estudou até a quarta série.

Principais atividades: lavradora e dona de casa.

Lugares onde viveu: na fazenda Morrinho até 1964. Mudou-se para a faz. Taboa, em Pintadas-BA.

Perfil: calma, falante.

Gravação da narrativa: 26 de janeiro de 2017, no município de Pintadas, BA.

[...] Doc.: A senhora morou lá até quando?

Inf.: Eu morei até sessenta e quatro.

Doc.: A senhora saiu de lá com quantos anos, mais ou menos?

Inf.: Eu tava com... eu tava com... dezoito a dezenove ano quando eu saí.

Doc.: E que que a senhora lembra dessa época que morou lá?

Inf.: Eu alembro que nós ficava lá... [inint] nós tinha nossa devoção, ela rezava de Santo Antônio [inint] nois rezava, tempo da quaresma, nois rezava a quaresma toda, cada casa nós rezava o ofício e lutemo até... o tempo de eu vim pra qui... quando eu vim pra'qui ela chorou... ela sentiu que... que ia fazer falta a ela... como eu também chorei na saída... mas eu tive que vim... eu sei que o amor... acabou a presença lá, mas no coração tá até hoje [inint].

Doc.: A senhora lembra como que a senhora aprendeu a escrever?

Inf.: S'eu alembro?

Doc.: Sim.

Inf.: Eu alembro, meu pai tinha lá uma... uma professora... chamava Rosenita, filha do finado... me esqueci o nome do pai dela... da Rosenita... aí meu pai pegou e colocou a gente nessa escola [inint] a gente estudava, até... estudemo até o quarto ano, aí meu pai tirou, era muito pobre e aí não podia deixar esses filho trabalhano por vida, oh, estudano... aí, tirou a gente da escola pra trabalhar que a gente vivia no trabalho a gente batalhou muito, minha filha... aí nois era carroça, era pra cavar um tanque, era pra fazer uma cerca, era pra lutar, pra tudo... aí lá vou eu crescemo, lá vou eu crescemo [inint] tava mocinha... arrumou esse casamento, e aí meu pai

“e agora?” arrumou serviço aqui esse pedaço de terra aqui... em Ipirá que hoje é Pintadas, nesse tempo chamada... é município de Pintadas [inint] comprou... quinhentas tarefa de terra aqui. Aí a gente veio embora... quando eu disser assim... deixar comedi Almerinda, comadi Maria e os menino de comadi Almerinda... Hildebrando era pequenininho e Antônio, mas era um chamego com a gente que Ave Maria... Ai teve até uma chiada comigo Hildebrando disse assim “oh tia quando teu [inint] não passar mais a senhora me dá?” eu digo “dô”... a amizade era tanto que ele achava que quando [inint] eu ia dar pra ele... Dô meu filho eu dô...(rindo) Oh Hildebrando... Ai fiquemo... mas eles vinha e de vez em quando vinha aqui e era assim... chega aqui... a gente tem chorava um pouquinho da saudade que dá, depois sente aquela alegria porque vieram aqui me ver.

Doc.: E essa escola que a senhora estudou lá, a senhora lembra o que dessa escola?

Inf.: Eu me alembro... a minha... professora que ensinava era até boazinha pra ensinar... ela ensinava... meus irmão x’eu ver quantos irmão... parece que era cinco... nós estudava lá saía de... de manhã cedo, tomava café saía... aí estudava até meio dia, vinha em casa almoçava e vortava de novo, era o dia todo e nós batalhamo... batalhamo devagazinho e por fim aprendi escrever o nome... depois que vim pra qui depois dessa escola lá, muito boa amiga a professora, eu num sei nem se ela ainda é viva, mas se for Deus que dê muitos ano de felicidade e se já morreu, que Jesus te coloque em um bom lugar... ela tinha paciência e eu era muito descabreada quando eu a vez eu ia dar a lição e eu não acertava, em vez de eu começar eu ia chorar... e ela passava a mão na minha cabeça “Não não precisa chorar não, não sabe depois você vai estudar” mas era muito paciente ela [inint].

Doc.: E como era a escola?

Inf.: Oh minha fia, era numa fazenda... era uma fazenda vea e aí ela ensinava esse povo nessa... nessa fazenda, chamava... Poço do Juazeiro, a fazenda.

Doc.: E a escola tinha nome?

Inf.: Não... [inint] particular, [inint] mas num tinha nome não.

Doc.: Eram os pais da senhora que pagavam?

Inf.: Era... era meu pai que pagava a escola.

Doc.: E como era assim o lugar?

Inf.: Na rua?

Doc.: Na aula, era como o lugar, tinha cadeira para os meninos sentarem?

Inf.: Banco, não tinha cadeira não, botava os banco, aí sentava cada um não existia cadeira nesse tempo não (rindo).

Doc.: E tinha... e os livros como que eram antes, que a professora trabalhava?

Inf.: Os livros não existe mais daquele livro, aquele livro tipo uma cartilha... comecemo do ABC, do ABC tinha a... é... a matemática que era a tabuada que a gente estudava... mas... e tinha os livro, primeiro ano, segundo ano, era umas cartilha, como hoje não, era mei difícil.

Doc.: E os pais da senhora sabiam escrever?

Inf.: Meu pai, ele sabia um poquinho... muito não, mas ele sabia... ele sempre dizia “ É eu aprendi, meu padrinho foi quem me ensinou, mas os meus filho eu vou ensinar” [inint] sempre ele dizia... “Eu to botano vocês pra estudar, meus filho, pra não ficar burro que nem eu”... cada um de nós que estudou lá aprendeu um pouquinho, foi eu, Jesuíno, compade Roque, compade Zezé e compade Antônio, foi cinco, era cinco que estudava lá... todos eles aprendeu um pouquinho.

Doc.: De mulher era só a senhora?

Inf.: Na casa do meu pai só tinha eu.

Doc.: E as cartas, a senhora gostava de escrever cartas?

Inf.: Gostava... era o que mais eu gostava... quando dizia assim, vou escrever pra uma amiga, pra mim era meu sonho, sem saber... toda doida que não escrevia direito... mas mesmo assim... eu tinha o prazer de dizer... eu falar com eles por carta era meu sonho.

Doc.: Depois que veio morar aqui a senhora estudou mais um pouquinho ou não?

Inf.: Não... não estudei, mas... mas eu... quando eu vim pra qui, minha fia, num... cada um rapaz, cada uma moça assim que nem tu, minha fia, esses menino de vinte ano, vinte e um ano, num sabia fazer um nome, num conhecia letra... nem dizer assim... mostrasse a letra do A do ABC, ele num sabia [inint] tudo assim pior do que eu... aí eu inventei de botar uma escolinha... aí “você quer aprender um pouquinho assinar o nome de vocês? Muito não, mas com nada aprender a fazer o nome de vocês” [inint] ah... foi menino, foi muito menino, era dezenove aluno... e aí eu adquiri um livro foi até um rapaz que adquiriu pra mim... aquele livro foi meu professor... tinha que estudar aquele livro pra eu passar o dever das criança... mas mesmo assim Deus me ajudou que eu ensinei esses dezenove menino e tudo hoje me agradece... de dizer assim “eu sei assinar meu nome eu agradeço a Dona Francisca”, “Agradeço a Deus e a coragem de vocês, eu fiz aquilo que eu tinha vontade”... teve um mesmo hoje... hoje mora em São Paulo... vez em quando ele conversa comigo... e diz assim “hoje eu tenho meu emprego agradeço a Deus e a senhora que me ajudou”... “não meu filho, eu num te ajudei nada não”... “ajudou, se não fosse a senhora eu não sabia”... ele era canhoto... aí escrevia... aí o pai disse assim “tem que dar disciplina a ele”... não... eu não vou fazer isso porque ele escreve igual os outros... a letra dele era assim, não era assim... porque ele era canhoto e canhoto não escreve certo, mas ele escrevia... pense num muleque que tinha a letra bonita... quando chegou lá em São Paulo arrumou um emprego e escreveu pra mim [inint] “dá pra senhora tirar um certificado pra mim do estudo?” e eu disse “eh meu Deus que coisa difíce”... não minha escola dendi casa não tinha... como que eu podia tirar isso? Mesmo assim eu tinha uma amiga que ensinava aqui [inint] “e ele estudou até que série?” eu disse, “olha ele estudou até a quarta”... [inint] e pegou e me deu... mas esse menino ficou numa alegria e num orgulho, ta bem pregado... chamava Rosado o nome dele e mora... como chama o nome... Itapevi. [...].

Doc.: Dona Nina, a senhora lembra assim... o que que tinha lá pra ler lá onde... quando a senhora morava lá na sua casa... que que tinha na casa dos seus pais quando a senhora morava lá, tinha alguma coisa pra ler, em casa?

Inf.: Tinha, meu pai sempre gostou de estudar a Bíblia, né? Mas ele não confiava entregar a Bíblia dele a menino... ele sentava, ia ler pra gente escutar... a vez ele comprava algum ABC alguma coisa de leitura assim... pra gente a gente panhava e ia estudar... mas era muito difíce... era muito difíce... hoje as crianças desse tamainho já lendo, já tá ajudando até a fazer uma celebração... mas naquele tempo, meu Deus, eu não sei nem como foi que a gente aprendeu.

Doc.: Os pais da senhora gostavam de contar histórias quando vocês eram crianças?

Inf.: Sim gostavam... meu pai gostava muito de contar história.

Doc.: História sobre o quê?

Inf.: Ele contava história de quando ele era pequeno, que juntava mais os irmão... ele com... contava alguma coisa de história que acontecia em algum lugar, ele contava... de quando ele começou a trabalhar que ele trabalhou muito... quando ele era rapaz... que ele largou os pais e foi trabalhar num lugar aí po lado do Sul, eu não sei nem o nome, [inint.] ele passou um bando de tempo, ele diz “eu sofri muito meus filho eu sofri muito, mas hoje eu tenho vocês tenho a coragem de trabalhar”... ele contava história de... de quando começou a vida dele... e o sofrimento que sofria também pra... de ter as coisas... ele era um homem... meu pai não tinha nada... e ele batalhava pra criar os filho e meu pai teve doze filho, inda criou dois dos outro... e aí que que fazia... saía cinco hora da manhã, que trabalhava de... carpinteiro... ele fazia casa, ele fazia cancela, porteira [inint.] o povo procurava ele, era o...o jeito dele viver e criar os filho... pai foi um homem batalhador, agradeço a Deus por isso pelo meu pai que criou nois tudo, ensinou nois trabalhar... mas era sim que ele trabalhava... saía cinco hora da manhã e chegava sete da noite e era de a pé mesmo... trabalhava com uma légua, duas légua de a pé com o aió de ferro no ombro pra trabalhar, pra dar de comer a gente... e lá vai meu pai batalhano a vida e eu sei que graças a Deus nunca teve um dia que ele disse assim “hoje não tem nada pra esses filho

comer"... oh Deus maravilhoso, obrigada senhor... pela força que deu a meu pai que criou os filho dele [inint] meu pai foi um herói por criar esse filho e nunca disse assim... nois era tão pobre que uma sandalia pra botar no pé era difícil, as veiz ele fazia chinelinho pra gente de coro pra não deixar a gente com os pé no chão não tinha como ele comprar sandalia pra gente, o que ele ganhava era a conta de dar de comer e nois tem que agradecer a Deus por isso. Porque um pai pra dar de comer a tanto filho como meu pai, trabalhou e nunca teve um dia que dissesse assim "hoje não tem nada pra comer" não... nunca teve esse dia graças a Deus.

Doc.: A escola onde vocês iam era... era longe?

Inf.: Era bem... três a quatro quilômetro.

Doc.: Aí ia como pra escola?

Inf.: De a pé.

Doc.2: E a senhora escreveu muitas cartas?

Inf.: Hum?

Doc.2: Escreveu muitas cartas?

Inf.: Escrevi.

Doc.: E tem cartas guardadas?

Inf.: eu acho que eu tenho... eu gosto de guardar muitos papel vei que num tem mais nem importância.

Doc.: a senhora lembra de Mariazinha?

Inf.: eu não sei se tenho carta dela não...

Doc.: Dona Mariazinha estudou, a senhora lembra?

Inf.: Comadre Maria... ela deve ter estudado mais do que eu porque comadre Maria não foi criada aí mais os... aonde eu fui criada ela comadre Maria criou lá po lado de... como é que chama o lugar...de... é... criada.. lá pro lado de... de Candéal, Ichu, esses lugar aí que ela foi criada e aí lá elas acharo mais portunidade pra estudar.

Doc.: Essa Mariazinha é irmã de Seu Pitanga, é irmã da senhora?

Inf.: É irmã de Pitanga, irmã de Pedro, é minha cunhada.

Doc.: Maria Eurides é sua filha?

Inf.: Não, sobrinha... É filha de comadi Ana, irmã de Pedro de Mariazinha...

Doc.: E dona Ana mora aqui no povoado?

Inf.: Não...

Doc.: Dona Nina, hoje em dia a senhora gosta de escrever ainda?

Inf.: Eu gosto de ler, só que eu não posso ler que eu não enxergo... eu não enxergo não.

Doc.: A senhora tem alguma coisa pra ler em casa?

Inf.: As vez eu pego uma revista de Nossa Senhora Aparecida aí sento ali no banco e olho, de letra mais graúda e eu... e todo mês eu recebo a revista de Nossa Senhora Aparecida que eu sou devota de Nossa senhora Aparecida aí todo mês vem uma revista pra mim, aí eu sento naquele banco ali na frente... ai meu Deus, quem já foi que já fui... que já ajudei muito nas igrejas e hoje eu tô sem condições, mas é assim mesmo. [...]

NARRATIVA Nº 09 - RAC

Nome Completo: Raimundo Adilson Cedraz.

Filiação: José Cedraz Filho e Clarice Carneiro Cedraz.

Naturalidade: Fazenda Sítio Novo, município de Riachão do Jacuípe, BA.

Data de nascimento: 17 de abril de 1961.

Idade: 57 anos.

Estado civil: casado com Lucidalva Cordeiro Cedraz.

E escolaridade: estudou até a quarta série.

Principais atividades: lavrador.

Lugares onde viveu: sempre na fazenda Sítio Novo.

Perfil: pouco falante, introvertido.

Gravação da narrativa: 15 de fevereiro de 2018, no povoado de Sítio Novo, em Riachão de Jacuípe.

Doc.: queria que você dissesse o seu nome completo e onde nasceu...

Inf.: Meu nome é Raimundo Adilson Cedraz e nasci aqui mesmo na fazenda mesmo...

Doc.: Como era o nome da Fazenda?

Inf.: Sítio Novo que hoje virou povoado..

Doc.: Quando?

Inf.: Quando eu nasci?

Doc.: a data de nascimento...

Inf.: dia dezessete dos quatro de sessenta e um.

Doc.: E o senhor lembra como que aprendeu a escrever?

Inf.: Rapaz... eu aprendi na... na doida, teve escola aqui que a minha irmã que estudar... ensinava.

Doc.: Como era o nome da sua irmã?

Inf.: Era... Auricélia.

Inf. 2: Era a primeira professora.

Inf.: Foi... Auricélia ensinava aqui... e... depois... eu fui estudar aqui... perto dali, do município de Coité, divisão Coité e Riachão... lá na... parece que a fazenda... era de Elenita... ali perto da... da Sentada ali, fica pertinho... só fiz até a quarta série... eu não sei fazer nada a não ser isso mehmo (rindo).

Doc.: E com sua irmã, o senhor lembra como era a escola?

Inf.: Ah, tinha muita gente da região aqui.

Doc.: E como era o local da escola?

Inf.: Dento de uma casa de farinha... num tinha esse tempo ninguém tinha nada, lugar, quando não era a casa de farinha, quando a casa de farinha [] fonceonava, tempo de mandioca vinha pra dento de casa daí da... nossos pai... e era assim.

Doc.: E o nome da escola era como?

Inf.: Aí agora [inint]. [...]

Doc.: Mas a professora era outra ou era a mesma?

Inf.: Qual?

Doc.: A professora do senhor era a mesma...

Inf.: Não.

Inf.2: Porque a minha foi Nelsuíta e a dele foi ...

Inf.: A ota lá foi... é... Elenita.

Doc.: Mas a daqui foi sua irmã...

Inf.: Foi minha irmã... mas falar verdade eu compreendi a estudar mehmo foi lá mehmo era... fazia quebra pau aí dento de casa... num apendia não.

Doc.: E o senhor lembra se tinha livros, era como que, que estudava?

Inf.: Não tinha livro não... estudava no caderno, não sei se tinha algum livrinho, tabuada aquilo ali sei lá o que era... difícil lembrar.

Doc.: E as cartas, o senhor lembra quando... quando começou a escrever?

Inf.: Ah, eu não sei não... na hora que dava vontade, escrevia.

Doc.: E além de escrever pra dona Dalva o senhor escreveu pra mais alguém?

Inf.: Não... escrevi mais não.

Doc.: É... e o senhor começou a trabalhar quando?

Inf.: Desde os nove ano.

Doc.: Em quê?

Inf.: Na labuta de roça, fazendo tudo, destocano... tudo que precisava fazer, fazia e tô fazeno até hoje na labuta, se precisar, tô aqui... junto, fazeno.

Doc.: O senhor saiu daqui da região pra viver fora algum período?

Inf.: Não... só aqui mehmo [] não saí, minha vontade só era pra ficar na roça e aí fiquei... não tive essa vocação pra sair.

Doc.: E hoje em dia, o senhor lê alguma coisa?

Inf.: Lê.

Doc.: Gosta de ler ainda?

Inf.: Pouco... faço mais é escrever, conta... lê eu num sou muito bom pa ler não.

Doc.: E naquela época na... na.... na sua infância, na sua adolescência tinha alguma coisa pra ler em casa?

Inf.: Tinha livro.

Doc.: Na casa de seus pais tinha....

Inf.: Tinha.

Doc.: Que tipo de livros, o senhor lembra?

Inf.: Ah, eu não sei (rindo) eu comprava livro na época por meus dezessete ano, comprei livro pra fazer carteira de motorista, fiquei estudano, estudava tudo, estudava.

Doc.: E seus pais sabiam ler?

Inf.: Sabia.

Doc.: Como era o nome de seus pais?

Inf.: José Cedraz Filho e Clarice Carneiro Cedraz.

Doc.: Viviam aqui no Sítio Novo também?

Inf.: É... vivia aqui no Sítio Novo.

Doc.: Os dois sabiam ler e escrever?

Inf.: Sabia.

Doc.2: E eles estudaram?

Inf.: Estudaram.

Doc.2: Aqui também?

Inf.: Não... ele... tinha uma escola na casa do pai... o pai dele botou... botava uma professora [inint] ele ia estudar, parece que era seis... seis irmão... seis irmão estudava na casa [inint] ficava pertinho daqui só que a casa bandonaro e desmancharo a casa... era uma casa que podia até hoje tá lá.

Doc.: O senhor lembra se o senhor aprendeu a ler ou escrever primeiro?

Inf.: Aí ficou difice... (risos) aí eu não sei não... sei que escrevia alguma besteira, aprendi apendi ler e escrever uma bestera na quarta série... as ota eu passa no... no... no tombo no... no... aí eu tenho certeza que só foi nessa na quarta que eu... [...]

Doc.: E depois o senhor ainda frequentou algum curso de jovens e adultos, Mobral?

Inf.: Não.

Doc.: Não, né?

Inf.: Não, só fui até aí mehmo... aí quem fez os otos irmão teve uns que foi estudar em... em Coité... otos fez... foi estudar... otos foi seguir o caminho, sei que cada um tomou rumo.

NARRATIVA Nº 10 - ZBO

Nome completo: Zenilta Bispo Oliveira.
 Filiação: Manuel Virgínio e Maria.
 Naturalidade: faz. Poços, em Riachão do Jacuípe-BA.
 Data de nascimento: 20 de agosto de 1957.
 Idade: 59 anos.

Estado civil: casada com Antonio Carneiro de Oliveira.

Escolaridade: até a quinta série.

Principais atividades: dona de casa; costureira.

Lugares onde viveu: na faz. Queimada Nova, depois que casou, morou de oito a dez anos na faz. Amargoso. Atualmente, mora em Riachão do Jacuípe.

Perfil: extrovertida, falante.

Gravação da narrativa: 10 de janeiro de 2017, às 11h, em Riachão do Jacuípe-BA.

[...] Doc.: Algumas memórias da infância.

Inf.: Quando o outro cansava tirava o que tava nas costas colocava no chão e colocava [inint] e saía levando aí levava uma garrafa de leite... de leite pra quando chegar lá... porque minha mãe sempre tirou [init] pra ajudar meu pai, aí como eu era a mais velha eu tinha... até hoje meus irmão tem mais carinho do que meu próprio meu pai e minha mãe... quando me abraça aqui é minha mãe, minha mãe... dá ate vontade de chorar... só Deus... só Deus... aí dia de sábado meu pai tinha três carro de boi antigamente não tinha os postes... aí eu tinha um... oh senhor (rindo)...eu tinha um carro de boi com seis boi, meu pai tinha outro e meu avó tinha outro, aí o meu eu trazia carregado de farinha, meu pai de feijão e meu avó de milho... aí a gente trazia... chegando perto aqui da rua, saía de casa três horas da manhã pra chegar aqui no começo da ferra, aí eu tinha... o meu eu sempre vinha no meio dos carro, porque meu pai tinha medo do carro ter algum problema aí ele ia na frente eu no meio e meu pai atrás guiando os carro de boi... oh senhor... aí quando chegou... chegava... tinha um pau ali.. um pau de leite... uns graveto não sei como é... aí meu pai parava os três carros carro de boi cada um com seis boi, aí um boi o nome era Diamante, Mimoso é tanto nome... Ave Maria... aí minha fia a gente vinha quando chegava lá na praça meu pai me deixava na casa de um senhor que hoje mora ali... quando me encontra a gente passa um tempão conversando. Diz “oh Zeni te conheço desde pequeninha”... aí ele ia levava a mercadoria la pro centro ali onde tem Joel... não tinha aquela rua... não tinha quase ninguém ainda... A rua Barão ainda... aí ficava tinha uns três carro de boi, aí eles procurava as pessoas pra ir descarregar a farinha, o milho, o feijão e eu ficava olhando esses boi... tinha dia que os menino infernava tanto que os boi ficava agressivo e queria pegar os menino, aí eu abria a boca a chorar com medo dos boi sai ali e...e pegar os menino... “pai os menino tá aqui mexendo com os boi” “ah filha tem jeito não, menino de rua é assim mesmo” mas eu não queria e acompanhava três cachorro, um chamava perigo, um chamava luz e outro caçador, os três cachorro... todos três um er preto o outro era branco e um pintado de preto e branco, enorme de grande os cachorro... esses cachorro era meu guia pra onde eu ia, ia atrás. Aí pronto quando era de tarde vinha embora, umas duas horas, uma e meia meu pai saía... aí quando era três horas a gente voltava quando chegava em casa soltava os...o boi aí meu pai ia levar os boi pro pasto, ia da agua, aí agora a gente ia almoçar, depois... aí... meu pai tinha... cada um tinha um cavalo, eu pegava meu cavalo e ia buscar... tu sabe onde é a Sentada?

Doc.: Sim.

Inf.: Ali é de meu pai também... aí sempre o gado dividia quando o tempo tava ruim ele trazia as vaca de leite pra cá e deixava o gado la na outra fazenda de Queimada Nova... Eu tinha que pegar esse cavalo vim pegar esse gado... tinha dia que essas vaca tava adivinhando chuva cismava, minha fia... a gente prendia essas vaca cedo... um dia tava formando chuva meu pai “ah, vocês vão cedo pra trazer o gado que é vem chuva”. E a gente fazia uns boneco de barro, aí quando os boneco de barro quebrava... assim... os braços, as pernas... a gente fazia o sepultamento, enterrava. Cavava um buraco no cantero do curral, aí cobria tudo de terra e chorava... chorava. “oh morreu...num sei quem morreu” que era meu boneco... (rindo) foi... a gente foi... antes de chegar em casa tinha uma mata enorme, tinha gravatá de um lado e gravatá de outro, era pro gado passar no meio, aí o lenço branco que e ia na frente que era o boi de... de... diantera do meu pai... cismou de não passar, aí eu tome os cachorro pras vaca passar que ta formado de chuva “ita, vai chover e agora?”. aí “pega, pega”, aí os boi partia doido por causa dos cachorro querendo pegar, aí o primeiro que ia na frente deu um estoro assim e voltou por dento do gravatá [...] e eu digo “nossa senhora o que foi aquilo?” aí quando o boi saiu na frente, menina, com um pedaço de cobra que não tinha mais tamanho pregado na perna, uma jiboia. a jiboia tava no bote porque era onde passava o gado, aí ela deu o

bote no boi, aí o boi o supapo foi tão grande que quebrou a cobra no meio e ele saiu pulando com um pedaço de cobra na perna e outro pedaço enrolado no pau. “oh painho, corre... corre... que o boi vai morrer... oh o boi e um ped...” “e isso é uma corda?” “não, uma cobra”. Quem disse que eu quis ir mais pegar? “Ah não vô mais não, naquele lugar de jeito nenhum que tá cheio de cobra”. Aí foi indo meu pai comprou um carro... e queria me ensinar que eu era a filha mais velha... e toda vez eu era apegada com meu pai... Quando foi um dia meu pai “é minha filha, dez horas tu leva o meu café”. Aí chego acho pai sentado debaixo do pé umbuzeiro “oh pai quanto umbu, tira aí”... começou a futucar o umbu com a varinha, catando e botando num vaso que ele tinha tomado café, aí pai inventa de cortar um pau... o pau podre, menina, o pau quebrou no meio em cima e veio a ponta bateu na cabeça de pai, depois eu vi meu pai fazer puft... Oh meu Deus, eu parti doida “oh mainha... oh minha mãe... meu pai morreu... pai morreu” e mãe “morreu o que, menina?” “foi cortar um pau e o pau quebrou no meio e veio a ponta bateu na cabeça e pai caiu” ... [inint] e tava de suor e eu chorei... chorei... aí mainha “oxe”, deu água...vamo pra casa, nestante eu vorto. Chegou em casa, almoçou ficou por aí... e não teve mais nada... Mas eu era muito pegada a meu pai, até hoje ele morreu, ainda ontem... domingo peguei as camisa dele lavei, cherei...

Doc.: Onde nasceu?

Inf.: Eu nasci acho que foi na fazenda... acho que foi [inint] na casa de um tio meu...João Paçoca e tinha Inês que era a esposa dele, mas já faleceu. Aí minha irmã, [inint] ela sentiu dor como minha vó a mãe dela era partera, aí fez o parto.

Doc.: E na infância morava onde?

Inf.: Na Queimada Nova... meu pai Manoel Virginio...

Doc.: e a mãe era?

Inf.: Maria... minha mãe é viva...

Doc.: E senhora aprendeu a escrever?

Inf.: Aprendi.

Doc.: Como?

Inf.: [...] aí eu estudava os menino eu já era quarta os menino era pré... antigamente era ABC, cartilha, ia passando pro segundo, né?

Doc.: Onde era a escola?

Inf.: É... lá... Queimada Nova, agora perto da casa de Rui... de Rui, Rui da Queimada Nova, que ali... a... Rui ficava no início da fazenda e no meu pai já ficava na... na estrada que ia, Rui morava na estrada que ia pra Juazeiro [...] e a do meu pai ficava na Queimada Nova, que saía no Sítio Novo, era uma estrada bem movimentada.

Doc.: E a escola, a senhora lembra da escola? Como era?

Inf.: Era assim... não era... não tinha prédio, sabe? Era na residência da professora Netinha... a mãe dela chamava Jovina. Aí ela ensinava, tinha duas sala, tinha uma que era na frente, como o povo chamava... varanda, e no fundo tinha uma sala grande, aí quando o menino... os menino vinha muito, num era todo dia que vinha todo mundo, aí ela ensinava na sala que era maior e era mais fresca, tinha aqueles banco, a gente sentava e ensinava aí estudei até... a terceira série, a quarta série eu já estudei com Elenita Guimarães, que era professora formada, ela é de Tanquinho só que ela casou com Valdovando... aí passou um tempão aí, aí eu estudei, estudava e ensinava ao mesmo tempo, que ela fazia curso aí eu ficava no lugar dela pra ensinar assim os menino do primeiro ano do pré, era pré... pré até o segundo... aí eu já ensinava, ela dizia “Olha [inint] aqui tem o dever aqui tu passa tu mesmo se eles não acertar tu ensina eles”... Tá bem... e tinha uma filhinha de dois anos muito pegada a mim... aí ela ia e “vou deixar a menina contigo tá bem?” aí eu ficava com a menina dela, parecendo que ela... aí me casei... eita que foi um chororô... pra essa menina... pra essa me soltar “não... não leva Zen não... não leva Zen não...” “Ah, mas se ela casou, os povo dela tem que levar”... “mas eu não quero que leve não... não quero que leve não”. aí chorava eu e chorava a pequena... eu não queria ir morar mais Antonio, queria ficar em casa com meus irmão [inint] “oxe, não dexo nenhum” aí eu digo “vô

levar tudo” peguei uma carroça, até Antonio pegou a carroça do pai levou de noite, chegou lá peguei tudo dos menino, enchi a carroça e vim pra casa [inint] ai vim pra qui.

Doc.: [...]

Inf.: eu estudei a quarta série nesse lugar lá com... Ele... essa... Elenita... professora Elenita Guimarães... A primeira só estudava até... acho que a terceira, ai a quarta e a quinta eu já estudei com essa Elenita...

Doc.: A senhora lembra o nome do prédio?

Ali... eu não sei até como é o nome daquele lugar... Não é Trancada não? ... acho que é... ali faz parte da Trancada... Ela já tinha o prédio, que ela era formada né.. ai já tinha o prédio... Desmancharo tem pouco tempo que o esposo dela Veldevando desmanchou tudo aí... ai tá lá...até a casa velha desmancharam, eu passei lá... tem o que... um meis e pouco, ai desmancharo, tiraram umas portas não sei se foi roubada as portas, porque não tinha ninguém né... [inint] ai mostrei as menina né... ‘ aqui oh... estudei aqui até a quarta série... a quarta série estudei aqui”, quarta e quinta, já a sexta não fiz mais porque lá já não pegava. E hoje eu ensino minhas filhas também, graças a Deus, sou inteligente... aqui oh... isso aqui quem fez foi eu...

Doc.: Período em que estudou...

Inf.: Lá eu tinha meus cinco anos... cinco até meus dezessete anos que eu me casei com dezessete anos e eu já tinha parado de estudar... estudei até a quinta série. Até os meus quinze anos dezesseis eu ainda estudava. Mas porque eu tomava conta da menininha dela que ela quando ganhou nenê minha mãe era cozinheira e eu tomava conta da bebê... isso eu tinha o que... meus treze a catorze ano e hoje eu tô... pelo ano... eu tô o que... tem uns quarenta e cinco anos..

Doc.: E nessa primeira escola antes da senhora fazer a quarta série, como é que era?

Inf.: Já a outra que eu estudava com Elenita aí era um colégio já tinha. (superp.).

Doc.: Não a anterior era paga pela prefeitura, era vocês que pagavam, como é que era?

Inf.: Não. Tinha o prefeito de Coité pagava pra ela, né? Pagava. Acho que ela não tinha o curso completo, sei que tinha tempo que ela ia pra Coité fazer esse curso, passava acho que era um mês, juntava aquelas professora e ia fazer esse curso aí não sei que curso era esse.

Doc.: Tinha nome esse curso?

Inf.: Que! A fazenda velha... Vandinho deixou finado Vandinho, era uma casa velha.

Doc.: E tinha livro? Estudava a partir de onde assim, de que, de quais materiais?

Inf.: Os livros... eu não sei, sei que a gente estudava (cartilha) não sei se era minha mãe que comprava, acho que sim, ou era pela prefeitura, acho que não, não sei.

Doc.: A senhora guardou algum livro, algum caderno dessa época?

Inf.: Minha filha, se tiver, eu tenho aqui uns e tinha... tinha ficou lá em casa a cartilha tinha cartilha, meus primeiro livro eu tinha todos mas eu deixei em casa. Foi assim que botaro fogo lá na casa e queimou muitas coisas assim de aí queimou.

Doc.: Aí depois que a senhora casou veio morar...

Inf.: Aí já vim morar no Amargoso, que é casa de meu... na fazenda do meu sogro, aí fiquei lá uns oito a dez anos. Aí Antônio vei trabalhar aqui com Marcolino, botaro uma cerraria pra os dois aí fiquei lá sozinha, ainda uma seca tão terrível que não tinha nem água, “Ah Antônio, não vou ficar qui sozinha não” e eu grávida da... da caçula. Aí eu disse “O jeito que tem é ir pra rua”. Meu tio chegou e me deu a casa dele aqui na... no Alto Cruzeiro, Antônio Mota que é irmão do meu pai. Aí me deu essa casa “Fica lá, minha fia, fica lá, Antônio tá trabalhando lá, até chover”. Foi assim que Antônio trabalhano... eu tenho essa máquina que eu comprei quando eu me casei, comprei com dezenove reais até hoje eu tenho a nota fiscal... dezenove reais. Aí eu trouxe, comecei atrabalhano aí tô aqui até hoje. Sempre a gente vai quando... inverno a gente vai pra roça, planta, quando tinha mandioca, plantava mandioca pra fazer farinha, ia passava quinze, três semana na roça... Aqui é... a gente vei pra qui meu pai faleceu, o dinheiro de... eu

não vou gastar com nada... eu vou construir minha casa... aí eu peguei o dinheiro comprei o material eu mesmo... comprei material... marquei minha casa, eu mesmo cavei com essas mãos o alicerce, fiz o alicerce, levantei parede, aí reboquei e dei o piso. Primeiro piso foi aqui eu e minha menina, minha mais velha... eu mesmo... todinha... aí dei o piso na casa, minha casa é grande quase dezesseis metros, aí eu dei o piso todinho... taí... tenho doze máquina de costura... canso de uma passo pra outra... cada uma faz um tipo de... overlock... canoleira... tá aí...

Doc.: E a escola dos filhos?

Inf.: Aí os menino já os meu filho já estudou aqui, já não estudou lá na roça que não tinha, na Mucambo... Hoje tem porque Jacira é quem ensina que é minha cunhada, mas antigamente não tinha escola ou ia pra Chapada ou ficava sem estudar. Comadre Almerinda, os menino sabe alguma coisa porque foi ela quem ensinou dentro de casa os filho dela. Aí eu vim pra qui botei na escola, primeiro foi no Alto Cruzeiro depois foi pro João Campos, aí se formaro e hoje tão aí tudo formada, graças a Deus.

Doc.: A senhora gosta de ler?

Inf.: Demais [...].

Doc.: E a senhora lê o que hoje?

Inf.: Ave Maria eu sou apaixonada por Padre Marcelo eu tenho de CD a livro de Padre Marcelo é tê um eu digo “oh, o padre Marcelo lançou outro livro” aí “Comadre [inint] vê se veio na revista do Avon”. Ela diz “oh comadre, veio esse aqui mas já venceu tenho novo”, digo “Eu quero”, é chegar ela faz o pedido tenho um monte ali, tenho CD... tudo eu tenho.

Doc.: E as cartas?

Inf.: As carta eu tenho lá, deixei em casa... as carta era Antônio que mandava pra mim “Ah, num vô essa semana não vô trabalhar ne tal lugar” aí tenho de minhas prima que ela mora ali em cima “ah comadre a gente vai pra Lagoa Funda, quer ir com a gente?” a gente vai tudo de pé, saia cedinho pra ir lá pra Lagoa Funda, chegava lá de manhã seis hora, sete hora, no outro dia a gente via embora (superp.).

Doc.: A senhora gostava de escrever cartas também?

Inf.: Gosto. Até hoje eu gosto de escrever. Só num tenho é tempo... luto demais, demais, demais.

Doc.: E a senhora escreve carta ainda?

Inf.: Escrevo, num escrevo assim porque hoje ninguém... é tudo é telefone, né? Mais minhas carta tá tudo... oh essas daí tão na roça... tão na roça [...].

NARRATIVA Nº 11 - ZJS

Nome completo: Josefa Josina da Silva Pinto.

Filiação: Augustinho Ambrósio da Silva e Maria Josina da Silva.

Naturalidade: faz. Cachorrinha, município de Conceição do Coité-BA.

Data de nascimento: 13 de novembro de 1940.

Idade: 75 anos.

Estado civil: casada com Neraldo Lopes Pinto.

Escolaridade: estudou pouco em casa.

Principais atividades: dona de casa.

Lugares onde viveu: sempre na faz. Cachorrinha.

Perfil: falante, extrovertida.

Gravação da narrativa: 17 de setembro de 2015, às 14h, na faz. Cachorrinha, em Conceição do Coité.

Doc.: Seu nome completo...

Inf.: Josefa Josina da Silva Pinto [inint]...

Doc.: E a data de nascimento?

Inf.: eu não lembro não... que eu perguntei a minha menina... que eu tive uma crise a poucos dias... depois dessa crise eu luto pra lembrar o meis que eu nasci... o meis é de novembro... agora o dia do meis é que eu não alembro... eu esqueci de perguntação...

Doc.: o ano a senhora não lembra não né?

Inf.: também no... no... lembrava muito, mas agora eu não to tendo essa... essa... assim a memória. Pra lembrar tinha té que perguntar, aí ela chegou e cato... com essa história que eu tive o infalfe e ela panhou meu livro tudo... tinha papé [inint] e tudo quanto era coisa né? Aí ela chegou panhou... aí ela “tem que guardar que a senhora tá bestano, qualquer hora a senhora não sabe fazer nada” (rindo)... ela consumiu meu papel né...

Doc.: os pais...

Inf.: Meu pai é Agustinho... ali ele... Agustinho Ambrosio da Silva e Maria Josina da Silva, por causa da Silva é do marido...

Doc.: local de nascimento...

Inf.: foi lá no Cipó, na roça que eu tenho aqui pra frente... voeis viram [inint] mentira sinhô fazendero... apois eu nasci foi lá, nesse lugar que chama Cipó... Morei lá... acho que quando eu vim pra cá acho que eu tava com uns deiz anos ou mais... eu acho que sim... que minha vó morreu... sim... foi que o avô morreu... aí foi isso mehmo, o avô morreu, aí a vó ficou sozinha que não tinha filho não, só tinha a minha mãe, aí mamãe [inint] dessa casa que fica perto do domingo, só que não é no domingo não é mais adiante pra que desse lado...

[...] Doc.: E a senhora lembra quando que a senhora aprendeu a escrever?

Inf.: Já tinha uns vinte ano [inint] que eu era aguada pra... pra estudar... e papai num botava não que “fica ousada fica não sei o que” pai tinha [inint] diferente dos outro (rindo). Aí eu tava... não lembro o ano que o vei morreu, mas acho que eu tinha bem uns treze ano a doze ano... é nessa base...

Doc.: Aí a senhora aprendeu a escrever com uns vinte anos?

Inf.: Não, depois que vim pra cá é que tinha um veim que foi criado junto com minha vó, minha vó morreu, já tinha morrido avó, já tinha morrido avô e esse veim chamava João Tomaz era parente e ficou sem pai e sem mãe era minhas avó que... que dava apoio a ele né? Morava numa casa assim de junto da casa dela depois morava... fizeram assim uma casa sim no mei da roça pequenininha, pé ele ficar lá sozinho a vontade que ele gostava de tomar umas pinga... chamava João Tomaz... aí gostava de umas cachacinha dia de fera, aí separo... aí com isso morava nessa casa... nesse quartinho...

Doc.: Os avós...

Inf.: Minha avó era Firmina e meu avô João Juvená, o vizinho que eu tô falano que... que não tinha apoio, o nome era João Tomaz, acho que era parente dos meus avós, por isso ficava junto... perto delas... que é nessa fazenda aqui que chama Cachorrinho...

Doc.: Firmina, é Firmina Pertonilia?

Inf.: Não... né não... é outra. A minha é Fermina, xô vê como é... o nome era Fermina, da minha vó, irmã de... uma que chamava... Maria... de... esqueci o nome... se eu conhecia as irmãs... era Firmina... Maria... de... de... esqueci o sobrenome... que esses morava aqui pro lado da Varginha aqui pra dentro... que essa era tia da minha mãe... chamava Maria de... Maria de Zé Marlo (rindo), que o marido chamava José Marlo parece...

Doc.: E a senhora lembra como foi que a senhora aprendeu a escrever?

Inf.: Aí sim, oh, esse veim logo cedo papai ficou in- diz que num botava menina fêmea ne... ne escola não que só tinha eu e uma que chamava Mimi que mora lá na rocinha... onde eu tenho... a parte dela... ela foi lá em juazeiro né... aí papai disse “fazer a casa de Mimi vai ficar é lá” (superp)... aí fez a casa de Mimi, derrubou a casa veia que tinha, que ele comprou foi a fazenda com casa veia [inint] que eu acho que você até conhece que é desse gira aí que vocês mora. Esse... esse povo que vive... que morô nessas fazenda e eu sei que foi essa coisa toda. Aí eu aprendi ler assim, a ler, acho que eu já tava com uns dez ano ou mais, pareceu uma escola aqui no trecho da... da Cachorrinha [inint] num povo aí por longe em casa num sei, num me lembro

se era, num tinha prédio, acho que era em casa... em casa no meu sei que tinha essa escola aí, os povo conhecido botou os filha, botou na escola, aí eu fiquei aí, o véi João sabia... o João Tomaz sabia ler, dizem ele (rindo), aí ele me ensinou o ABC... aí o vei, chamava João Tomaz, aí era parente de minha mãe era por isso que morava junto, porque fosse parente, ter apoio com ele. Aí papai chegava e ensina a boca de noite o ABC.

Doc.: Seu pai?

Inf.: Sim.

Doc.: Seu pai sabia ler?

Inf.: Sabia ler e bem sabido [inint] só num dava valor que não sei porque ele aprendeu.

Doc.: Então ele estudou?

Inf.: Estudou numas escolinha, um tinha um cara que eu não conheci não, papai falava muito, num sei quem Bindo, Midonga, Bindogo um nome bem assim (rindo) o sobrenome dos professor que vinha acho que aqui dessas parte aí pra dentro num sei se era do lado de... de... de Serrinha ou pra cá pro lado de cá, eu sei que era desses trecho, João Minduba era um homem sabido que nem... que nem esses povo do Coité, num tem uns nego que diz que são sabido e entra na política? O João Minduba era... era bem sabido dizia meu pai, aí foi quem foi o professor de meu pai... João Minduba, finado Minduba.

Doc.: E o seu professor, o senhor Tomaz?

Inf.: Sim, o... o Tomaz era... num era professor não sabia ler bem aí o Tomaz o... o que tinha que sabia ler meu pai num deixava a gente ir não, num matriculou não, aí a gente ficava o João Tomaz foi quem me ensinava o papel de o ABC aquelas coisa toda.

Doc.: Na sua casa mesmo?

Inf.: Sim, na casa que... que era de meu pai que já dismanchô [inint].

Doc.: E tinha mais gente que ele ensinava ou era só a senhora?

Inf.: Só era eu só, porque nesse tempo o povo era pouco. Aí sim, aí pareceu um fazendeiro que chamava senhor da Vage, mora aqui no... no fundo dessa roça bem pra lá que tem até parque, inda agora todo dia eu olho o parque que tá fazendo lá que é pra fazer umas brincadeira de vaquejada nesse chão que hoje se chama Pedra Branca... aí o senhor da Vage morava acho que na Vage, uma fazenda que chama Vage e depois foi e a fia tinha, num viu falar de um Tote que tinha pra esse trecho, acho que teu pai conhece que é fazenderão, um bitelão grande (rindo)... ai esses menino... Maria Mota era... era fia de Senhor da Vage e tinha Tote, tinha os filho, era Maria Mota, Helena, Tote que a gente chamava Totinho de senhor e o outro tinha outro, pra mim tinha outro filho que não tô lembrada... sem ser Tote... aí eles truxeram um...um... e tinha Maria Mota que era a filha mais velha do sinhô... do homem que chama José, mas tratava de Sinhô... aí comprou essa fazenda de Peda Branca toda que ainda hoje tem os fio.. os neto acho é que tá sendo os dono, hoje em dia, que eles morrero tudo... e o tote tá vivo pra contar caso também (rindo) que ele mora nessa estrada, seguindo lá pra... pra Vazante pra esses lugar...

Doc.: E ele trouxe professor esse senhor?

Inf.: Eh... Eh... Ele trouxe um... acho que trouxe, mas já tava pequena inda, eu tava bestaiadinha, pequena inda de... de oito a dez ano num prestei atenção nem meu pai deixava a gente sair pro lado de lá. Aí trouxe num tô lembrada o nome do cara que vei ensinar a Maria Mota que Maria Mota já tava bem sabida dele, né? Mas chegou veio nessa fazenda queria um bando de menino pareceu um bando de vizinho que tinha filho aí botou a Maria Mota ganhar dinheiro, né? Que era a filha mais velha e sabia ler aí foi, que foi esse professor, mas só que papai não deixou a gente ir.

Doc.: Ele passou muito tempo aí ensinando, o professor que veio?

Inf.: Passou... que chamava João Minduba... esse João Minduba eu não sei se mora pro lado de cá, a família...ou se é pra cá... eu não lembro o Minduba se era do povo do Aroera... não tenho lembrança de que família era o João Minduba... Era um veim aí, ensinou ao meu pai ler já tinha ensinado a meu pai e nesse... nessa história de... de Sinhô ter vindo trazer os filho dele

pra cá, ficou acho que era um... um professor... acho que não era esse não, acho que era gente moderna da rua, que trouxe agora eu que nunca participei da escola num també... num... num... num entendi quem era. Agora o... o de papai que ele disse que era João Mindu- Munduba ficava aqui no giro de Aroera.

Doc.: Mas a senhora mesmo aprendeu aqui em casa como esse?

Inf.: Esse tantinho que eu tenho que eu sei foi aprendido aqui. porque papai ensina boca de noite com aquela letra grande, depois xixilô e a gente aí paraceu num sei quem foi... uma pessoa que... sim, a minha sobrin- a minha prima, a de mais nova do que eu, que é filha do Bartolameu... que... que é essa ela tá hoje em São Paulo que ela adoeceu... e olhava o vei, o pai, nisso ela adoeceu e ficou com um ban... e não teve jeito aqui... ai a fia... a família dela tudo em São Paulo veio e até eu fui visitar ela lá ni Riachão.. parte de Riachão... Aí foi é.. Ah era o que que eu queria dizer? ...sim... Ai ela... os fi já tinha ajudado... as fia dela... cada mulherzona... tamanho dessas artura (rindo) só que é tudo mais arta do que eu né... Aí Ester é a... é a fia do Bartolomeu... Bartulameu era irmão do meu pai... ai a casa de Bartulameu no que voceis vei por aqui... vocês vei por aqui? Por lá né? Ah... se fosse aqui... tinha visto a casa fica aqui desse lado, num tá muito longe não... pra cá... a casa assim como tirado a porta, a estrada e tem uma casinha... um casebim... per... desse lado... denda ro... assim que é pra vender uma cachaça que meu... meu... primo que chama Bartulameu... é tio... que já... Bartulameu é tio que é irmão do meu pai Agustinho... ai Bartulameu é irmão de Agustinho.. já foi pra São... sim... já morreu, ai o Bartulameu já morreu e o Divardo é fio de Bartulameu chegô ficou morando na casa... e... botou essa bodega que tinha uns cachacero aqui perto... e tem bodega aqui, mas (rindo)... ai sim... a gente ficou querendo aprender ABC... ficava ensinano... mamãe ensinou que ela sabia um pinguinho de nada, meu pai também... depois ele não ligou mais que ele não dava muito valor a muié aprender... ai sim... ai ficou com tempo lá Ester mais nova do que eu e o Bartulameu com a história do... do... que vem da Pedra Branca que eu tava falando do Tote não sei quem... não sei quem... botaram professor lá e Bartulameu botou Estegio, Dite... não sei se Aliberto é dos mais novo... Aliberto ta longe aqui também, que num sei pra donde... e tinha também Judite... ah Judite tá na rua... grandona toda feinha [inint] (rindo)... eu acho feinha minha prima (rindo). ai Bartulameu teve um bando de filho... meu pai só teve parece que... uns dei... parece que foi negócio de uns dez pra trás... porque tem eu, Toto... Toto já morreu... eu tinha até a foto dele... tem o apelido Mimi... ela ficou viúva, tem casa na rua e tá morando aqui... ai... aqui onde cêis viu... não tem uma casinha aqui... perto daqui... [...] aqui tá Totó o meu irmão, morreu minha fia... sumiu zanzou o mundo com a sabedoria dele, condi foi pra morrer vei embora pra cá pra Zezete olhar [inint] o homi tava mei doido (rindo)... Ai botei nesse quarto aqui uma cama e botava ele, passava o dia todo deitado...

Doc.: Essa sua prima filha de Bartolomeu ensinou também? E lhe ajudou a aprender? Ela deu aula?

Inf.: Ela ajudou, aí sim... aprender a gente ficou pra... querendo aprender ABC, ficava ensinano mamãe ensinou o ABC que ela sabia, ela sabia um pinguim de nada (rindo) meu pai também, depois ele se num ligou mais de... de... ele não dava muito valor a mulher aprender [...].

Doc.: Dona Zezete, quando a senhora aprendeu a escrever, a senhora lembra o que... que a senhora escrevia? A senhora escrevia o que na sua juventude? Gostava de escrever?

Inf.: Eu escrevia, mas eu não sabia juntar as... ar letra tudo não assim de José mas eu... eu escrevia mais porque eu panhava o que tá feito fazer (rindo) agora pra eu fazer pra mim da coisa não saia nada que preste.

Doc.: A senhora escreveu carta pra alguém?

Inf.: Fazia bilhete assim pra mandar pra... pra menina, pra ver quem sabia mais, mas os meu não ficava... fartava ar letra errada.

Doc.: Mas a senhora gostava de ler?

Inf.: Gostava, mas gostava e gosto mas (rindo) se eu achar pronto pra eu ler, pra eu lutar, se eu entendo mas pra eu fazer sozinha sem olhar nada nunca fazia não [inint] aprendi era olhando o outro.

Doc.: E a senhora recebeu um bocado de carta, né? A senhora lia as cartas que recebeu?

Inf.: Não não ligava muito de ler não e nem eu entendia pra ler assim pra juntar os nom- as letra pra falar o nome da pessoa [inint] tá li os livro...xeu pegar pa... pa nego ver. [...]

Doc.: As cartas, Dona Zezete, que a senhora recebia?

Inf.: Eu lia assim quando acontecia que tinha uns parente que ia pra São Paulo umas amiga as fia de Bartolameu... não de Bartolomeu num tinha ido pra São Paulo, teve umas aí que era parente e foi pa... pa São Paulo aí de vez em quando mandava um uma cartinha mas essas eu num liguei de... de guardar.

Doc.: Seu pai e sua mãe gostavam de contar história?

Inf.: Ah! Tinha contava tanta coisa doida (rindo) as piada braba (rindo).

Doc.: Zita, prima que recebeu carta

Inf.: A zita é minha prima carná fia de... do Bartulameu que mora aqui na casa, era bem uns doze filho e só tem essa casa... o...o... que eu falei o nome nestante Givardo... Bartulameu é pai de Givardo... Zita, minha fia, casou foi morar lá... na... no coité... vocês sabem onde é um... a saída de Coité pra... como é que chama pra frente? [inint] ai ela foi morar lá no centro na rua, na cidade passava de frente assim num hotel que tem... a que tá todas duas é meus parente... Zita a casa tá desse lado e a outra que tá com hotel não sei se é dela alugada... não sei como é né... foi meus pai que criou... minhas avó que criou... chama Nezinha ela já morou lá pro lado de Riachão, aí nessas fazenda aí ela já morou... a Nezinha... aí casou... ai o marido não sei se... agora não tô lembrada se Rafael já morreu ou tá vivo... parece que já morreu... não me lembro ai agora né... ai inventaro de morar lá pro lado de Riachão... ai foro morar lá pro lado do Riachão... foi... ai resolveu vim morar no Coité ai fica de frente com o hotel ai na saída que vai pra Retiro... ai tinha bons fio... casou com meu irmão, o Toto que mostrei a vocês (rindo) [inint] não deu conta do recado... ai teve os fio... acho que quatro fio que moça só é Zilnete... tem Zilnete, tem Toto que o nome é Antonio e tem... sim... ai casou com uma prima Toto esse que te mostrei na foto...

Doc.: Dona Zezete, e a bíblia a senhora gostava de ler?

Inf.: Demorava num ligava muito de ler (muito) que de noite era um... aqui uma zoadeira, uma brigalhada uma... aquela fofoca toda, eu lia mas muita coisa pouca, né?

Doc.: Mas a senhora tinha a bíblia em casa?

Inf.: Tinha e tenho.

Doc.: Tinha outros livros além da Bíblia, antigamente?

Inf.: Não, tinha uns livro aqui uns livro véi de... de... da escola da... da... que eu... que eu fiquei papai comprou uns livrinho a gente estudou só (tinha) esses livrinho assim...

Doc.: Mas a senhora não foi na escola, né? Ou foi?

Inf.: Da... a escola de governo não.

Doc.: Mas ele comprou os livros?

Inf.: Foi comprou os livrinho a gen- ou foi a nós mesmo que comprou quando tava grande os ABC aquela coisa assim... pouca.

Doc.: E a senhora tinha costume de escrever sempre alguma coisa ou só essas cartas que a senhora recebeu mesmo?

Inf.: Eu só escrevia (rindo)... eu só escrevia olhando aqui e fazendo (rindo).

Doc.: Ah, só copiando, mas pra escrever pra alguém, pra mandar bilhete pra resolver coisas a senhora não escrevia?

Inf.: Não [...].

Doc.: E seus filhos, Dona Zezete, não estudaram?

Inf.: Mas a sabida só tem eu e Nide [...].

Doc.: Os filhos da senhora?

Inf.: A irmã [...].

Doc.: E os filhos da senhora estudaram?

Inf.: Os meu filho?

Doc.: Ham.

Inf.: Botemo na na escola... mas assim... xô ver....

Doc.: Aqui na roça mesmo?

Inf.: Foi... foi até... deixa eu ver... [inint] eu mesmo gostava de... pra ir casa do Bartolomeu elas me ensinava um pouquinho eu era ruda por ler muito assim... ruim de... de aprender.

Doc.: E os filhos da senhora iam pra escola?

Inf.: E os filho botemo... botei na escola, na escola lá no Domingo (rindo).

Doc.: Onde?

Inf.: Num povoado que chama Domingo [...]. Sim, aí nesse trecho tinha uma esc- um... um... uma prima que tinha... que ensinava... aí eu botei [inint] meus filho é qua-, seis parece... Mário é filho Zé Augusto é filho que mora naquela casinha... dono de uma casinha que tá... mais pra lá e a que tá aqui é de uma que chama Maria dos Reis e a que chama Maria Conceição diz ela que essa casa aqui é a dela (rindo).

Doc.: Elas estudaram todas?

Inf.: Quem?

Doc.: Seus filhos.

Inf.: Botei sim, apareceu a escola num tô lembrano o lugar que foi essa escola (porque) ali que na Pedra Branca teve escola, Maria Mota era pra eu.... meu pai num deixou, num estudei, quando chegou meus filho já num tinha já a escola já tinha acabado a escola... aí botou na escola... a filha do Bartolameu ensinou uns dia... e eu não tô lembrada quando foi a escola que eu botei esses filho meu foi... Domingo... que botou alguma... acho que Mário que estudou no Domingo... José Augusto (rindo) é todo desaforado... num... num... não. E inda hoje ele fala que “não tem inveja de quem sabe ler... também eu mehmo faço minhas coisas”... (rindo) é engraçado ele.

Sim, aí xô te contar eu trabalhei muito de enxada... aí sim... aí minha vó morreu quando essas meninas que eu falei inda agora, nois morava mais mãe na roça... que meu pai tinha essa roça aqui pra lá... [inint] já vendeu... só tem... não já tá sem vender... vendeu um pedacinho que eu comprei parece que deiz tarefa (rindo)... eu não sei quem comprou.. e Totinha... tinha um vizinho, um Totinha metido a rico parece que é do povo do Domingo, comprou... Ai a gente morou lá... a gente nasceu foi lá... a gente era bestinha... aí depois quando minha vó Firmina morreu, a casa é aqui depois onde tá essa casa velha... essa casa que tá nova que eu tô dizeno a vocês que a dona falou... que tem o... tem o... varandado assim... ali era.. era a casa de... de minha vó naquele trecho assim mais acima... derrubaram aí ela fez a casa dela ali... quando foi agora ela reformou a casa dela toda e disse que era pra ficar mais bonita... ficou viúva... Sim, aí [inint] sisal não, papai disse que... que gente doida que dexa a filha trabaiá ni.ni... sisal... Papai era... dizeno ele que era fazendero pagava um tanto de gente pra... pra plantar fazer plantação... agora sisal ele plantou quando tava bem vei... foi que arrumou (rindo) os filhotes de... de... a muda plantou aqui e acolá um pouquinho... Aí quem herdou ficou com um pouquinho... na... no fim dessa fazenda aqui que tem o corredor que vai pro açude... essa estrada viaja assim lá adiante aparece uma cabana uma casa que a gente chama cabana... uma casinha de budegá... quem viaja a estrada do Coité e quem viaja assim sai no açude... ali minha fia buscar agua no tempo de verão e a casa ficava mais pra cá onde eu tô falano... nessa casa... a minha casa era mais lá perto do tanque que tem um tanque... dois tanque... um tanque pra cá dentro da roça de meu pai que era herança de minha mãe e do otro lado a herança do pai de... de Nerado... [inint] Nerado fez as plantação... me dá dinheiro não me dava que era meio survino. Ai eu digo “vô plantar também diabo... que minha terra [inint]”... Ai roçou a roça e...

e arrumou um dinheiro de que (rindo) e comprou o... o sisal e pagou os povo pra trabalha e plantou e todo ano eu recebo uma teteinha desse sisal... Ai era assim... nera.. ai depois que eu case... sim... isso tudo foi depois que casei... ai os menino tinha... de fio... tinha Zé Augusto, Romário... Zé Augusto, São, Romário e Maria dos Reis... é os que ficou vivo... morreu parece que de uma a dois, os premero. E esses fiote ficava dendi casa e... e não tinha cisterna e... vocês vem por aqui passou na... na frente duma casa de varandado né.. todo ano tem uns festejos de São João no meio do dia... (rindo) e eu tô aqui e não vô... se tu chegar aqui lá vai eu “oh Zelita minha amiga” (rindo)... é minha prima eles ali tanto o marido é primo... é meus parente por parte de minha mãe e a esposa é parente que é prima... o pai dela é irmão de meu pai, a Zelita... o nome dela é Zelita... meu nome é Josefa e o dela Zelita... aqui pertinho... aí tinha um tanque que era dos tempo do... do... do meus avó... ai ficou sim... ai nesse tem... nesse que eu tava de fio pequeno plantava mandioca e o marido plantou uns fiapim de sisal pouquinho e ai ficou... ficou la adiante eu disse que tinha que plantar pra mim, tinha de plantar pra eu ter dinheiro e foi aquela coisa ai plantou... [inint] agora é os fio que... é os otro que tira ai é uma dulação os dono do... do... motor [inint] ai agora meu fio mais velho, Zé Augusto já tem uns treis anos que trabaia de motor, trabalhando pros otro, Deus ajudou que comprou o dele, fica pra lá os cangaceiro, os moleques doido...

Tinha a casa de farinha é essa casa velha que tá ai de junto, é a casa de farinha... E a casa dos meus pai todas tinha a casa de farinha, fazer farinha e rancar mandioca...

NARRATIVA Nº 12 - ZSS

Nome Completo: Zulmira Sampaio da Silva

Filiação:

Naturalidade: fazenda Taboa, Pintadas, BA.

Data de nascimento: setembro de 1939.

Idade: 78 anos.

Estado civil: casada com Antonio.

Escolaridade: estudou os primeiros anos.

Principais atividades: dona de casa.

Lugares onde viveu: sempre viveu na fazenda Taboa.

Perfil: calma, pouco falante.

Gravação da narrativa: 26 de janeiro de 2017, às 12h, na fazenda Taboa, em Pintadas.

Inf. 1: Zulmira

Inf. 2: Antonio, esposo de Zulmira

Doc.: A senhora nasceu onde?

Inf.: Eu nasci aqui na região.

Inf. 2: Ela nasceu aqui mehmo.

Doc.: A senhora nasceu quando?

Inf.: Eu nasci no ano de junho... de...

Inf. 2: Trinta e nove.

Inf.: Trinta e nove.

Inf.: Setembro de trinta e nove.

Doc.: Ele que nasceu lá, seu esposo?

Inf.: Ele é de lá.

Doc.: Ele é o que de seu... de seu Pitanga?

Inf.: Ele é... parente, Antônio?

Inf. 2: É... nós somos parentes... uns parente longe mas samos. Nós não somos parente não, nem com que é tudo é do é de lá de de Piritiba, Mundo Novo

Doc.: E como que a senhora conheceu seu esposo?

Inf.: Ele veio morar aqui.

Doc.: Hum... Na mesmo época que dona Nina veio mais seu Pedro?

Inf. 2: Eu vim... eu vim primeiro (rindo) eu vim com catoze ano de idade e comade Nina já veio casada... quando eu sai de lá ela já era casada... e... e quando eu vim ela... ela ficou... aí daí a muitos ano, eu já tinha casado, foi que'la veio e comprou aí, eu vim soltero e pai comprou terreno aqui, a gente veio morar. E ela quando veio já veio casada. Ela casou com um perigo ficou lá pular mas depois já resolveu comprar a terra aqui a gente ficou aqui na época.

Doc.: E a senhora aprendeu a escrever como?

Inf.: Ah, tinha umas escolinha aí na roça e minha mãe colocou a gente lá, era difíce... aí eu fui aprendeno fiquei lá na casa da professora uns tempo... aprendi pouco... depois, o povo trabalhava muito na roça, queria que os fi trabalhasse (rindo) [...] aí agora nois (superp.) estudamo um poquinho... estudei poco.

Doc.: E como era essa escola, a senhora lembra?

Inf.: Era... era em casa, era na casa da... da mulher, da dona da casa mesmo... ela ensinava os aluno, ensinava particular assim, pagava n'era?

Doc.: Tinha nome, a escola?

Inf.: Não.

Doc.: Era aqui?

Inf.: Era no... era o Sítio, chamava Sítio, a fazenda.

Doc.: E como era o lugar da aula, a senhora lembra? Tinha cadeira, como era?

Inf.: Tinha banco (rindo) esse tempo era uns baquin-... o povo tinha uns banquinho a mesa com uns banco... de primero era tudo pobre num tinha nem cadeira (rindo) era difícil não era?

Doc.: E os materiais, tinha livro, tinha o que pra estudar?

Inf.: Tinha, sempre era... a gente comprava aqueles livro e estudava aqueles livro chamava cartilha, primeiro lê o... o ABC minhas irmã me ensinou em casa... depois minha mãe comprou a cartilha me deu... eu fui, aprendi... aí depois eu saí dessa escola tornei ir pra outra já mais perto da casa de meu pai, aí aprendi mais um pouquinho, mas aprendi pouco também.

Doc.: Foi até que ano, que a senhora estudou?

Inf.: Só foi até o quarto.

Doc.: Mas a senhora gostava de escrever cartas?

Inf.: Ah eu gostava... eu gostava de escrever.

Doc.: E a senhora recebeu muitas cartas?

Inf.: Recebi... essa letra [inint] é a minha.

Doc.: Essa é de dona Mariazinha.

Inf.: Parece minha. Hum.

Doc.: A senhora lembra dona Mariazinha?

Inf.: Lembro a irmã de de a mulher de Gidásio?

Doc.: Sim.

Doc.: E a senhora guardou as cartas que recebeu naquela época?

Inf.: Ah minha filha eu guardei eu tenho um monte de quart... carta aí... mas... umas nem sei onde anda... acho que tem por aí... nem onde anda mais.

Doc.: A senhora não quer dar uma olhadinha pra ver se tem algum aí perdida?

Inf.: Pode ter uma perdida

Doc.: Do povo de lá que escreveu pra senhora seus amigos de lá...

Inf.: De Riachão?

Doc.: Sim de dona Almerinda

Inf.: Não tem não...

Doc.: De dona Mariazinha... não escreveu pra senhora não?

Inf.: Não. Eu gostava dela assim mas a gente nunca escreveu.

Doc.: E dona Almerinda não?

Inf.: Dona da Almerinda acho que só que a gente mandava aqueles bilhetinho assim guardava muito tempo depois parou ninguém sabe mais onde anda... eu se eu tiver aí alguma é de meus filho que mora em São Paulo.

Doc.: Mas as mais antigas...

Inf.: Não tem não acho que eu não tenho mais não... depois que apareceu esse celular a gente nunca mais escreveu né?

Doc.: Seu esposo lhe pediu em casamento como? Foi carta?

Inf.: Foi.

Doc.: E a senhora não tem essa carta guardada não?

Inf.: Não sei se tenho mais não, acho que não.

Doc.: Jogou fora a sua carta que o senhor fez pra ela (rindo)...

Inf. 2: Deve ter jogado mehmo (rindo)...

Inf.: Ficou velho jogou fora...(rindo) eu não sei não minha filha se tiver...

Doc.: Foi o senhor mesmo que escreveu?

Inf. 2: Não... quem escreveu foi minha professora.

Doc.: O senhor estudava?

Inf. 2: (superp.) Eu não estudava na época... é porque minha leitura sempre foi mei poca pra escrever pra fazer essas coisa... aí quando a gente queria fazer uma carta assim, a gente pedia uma pessoa, mais pedia pra escrever... aí ela fazia, escrevia, uma pessoa que a gente tivesse consideração... aí eu pedi a minha professora e ela escreveu.

Doc.: Era daqui a sua professora?

Inf. 2: Era... era de lá.

Doc.: Como era o nome dela?

Inf. 2: Chamava Rosenita (superp.).

Doc.: Era na roça ou na cidade?

Inf. 2: Era na roça.

Doc.: O senhor lembra o nome da roça?

Inf. 2 2: Da roça? Lembro, a roça chamava... chamava como? Poço Cercado o nome da fazenda chamava Poço Cercado [...].

Doc.: O senhor morava em que fazenda nessa época?

Inf. 2: Eu morava lá ne Riachão, na Fazenda Morrinho... Fazenda Morrinho.

Doc.: Que é perto do Pau de Colher, né?

Inf. 2: Se é perto? É... fica entre meio, da escola... entre meio é... não é pertinho, pertinho não, mas é... é perto.

Doc.: E como era essa escola de lá que o senhor estudou?

Inf. 2: A escola de lá era particular, era meu pai que... que pagava, ô aliás que meu pai botou pa pagar... quando foi pagar ela não quis, ela gostava muito... eles se gostava muito, meu pai, com... com a família deles... ela botou a escola, diz ela que só botou a escola só pra servir aos meninos (rindo) [inint.] aí botou e ficou, quando pai foi pagar ela, ela disse que não botou a escola pra cobrar não... que botou só pra fazer o favor (rindo).

Doc.: Quem era mais da sua turma, o senhor lembrar de quem que estudou junto com o senhor?

Inf. 2: Que estudou junto?

Doc.: Hum.

Inf. 2: Foi Roque, Jesuíno, Francisca, José e eu, o mais novo, estudava era eu e comade Nina... e os outros três era mais velho do que nós.

Doc.: E como era a escola, era um prédio?

Inf. 2: Era na... nós estudava na casa mesmo do... do velho Emílio... na varanda assim colocava uma mesa, tinha uma mesa [inint.] antigamente usava só banco assim grande... sentava todo mundo, ali naquela mesa e estudava ali.

Doc.: E o senhor escreveu mais cartas além da de pedido de casamento?

Inf. 2: Escrevi? Pode ter escrito assim bilhete, essas coisas... eu escrevi pra um de um pra outro assim quando a gente queria mandar um recado por outro mandava assim aqueles bilhete assim... e pronto... era o que a gente fazia. [...]

Inf.: Meu pai ainda fazia o nome dele, só o nome e o sobrenome, minha mãe num sabia não.

Doc.: E eles gostavam de contar histórias durante a infância, a senhora lembra se eles gostavam de contar história?

Inf.: Menina, eles contava assim do... pensa que eu lembro mais (rindo).

Doc.: E além de cartas, a senhora escreveu outras coisas durante a adolescência, a juventude?

Inf.: Eu só escrevia só carta mesmo.

Doc.: E pra ler, tinha o que pra ler?

Inf.: Ler a gente pegava or livro assim... lia, lia romance, lia aqueles livro de história.

Inf. 2: Foi quem mais cresceu minha leitura foi livro de história (superp.), romance assim, folheto de cordel, eu tenho oh (rindo)... eu tenho um feche assim de livro assim de cordel... de muitos temp- muitos ano... mas tem livro bonito, tem livro bonito, tem livro que o cara lê corre água dos olho.

Doc.: O senhor trouxe de lá?

Inf. 2: Truxo de lá foi, já vim, já vim desde eu moleque quando pegou sair q'eu peguei soletrando e lino eu comecei comprar os livro. E aí é vem... é vem até ano passado me deram... chegou lá ni São Paulo e eu peguei [inint] lá com uns livros que eu sabia, aí os menino "oh que não sei o que". aí Nico falou "cê tá vendo, pain não teve escola e ensinando na escola... minhas neta é professora ensinando os aluno e conversano (rindo) "ai oh, ele sabe mais de que vocês, não estudou e sabe mais da história... e ai eu dei risada que faz isso com os bixim (rindo)... "pra aprender, pra aprender" ela gritou. E os livro é bonito viu?! Podia té panhar um...

Doc. 2: E do material que as professoras usavam, o senhor tem algum guardado também, do que a professora usava na escolinha?

Inf. 2: Não esse negócio da escola nois não tem... nois era moleque eu fui pa escola acho com oito ou foi com oito ano eu estudei, se eu estudei, vamo botar... quatro mês... aí eu saí... eu saí, agora eu aprendi mais foi carregano leite... pai empregou a gente numa fábrica de leite a gente comprava... pai comprava o leite, a gente ia pegar e ia entregar na firma aí a gente via o dono fazer o nome, a gente fazia também, pegava fazia aquele nome sem saber o que tava fazeno, mas depois que a coisa vai (rindo) até que a gente aprendeu.

Inf.: De primero a gente trabalhava muito na roça, num tinha tempo nem de guardar essas coisa. Guardava umas coisinha assim [inint] eu tinha uma bolsa ai...oh... os...os... livro, as cartas tudo de meus fi, nota que eles tirava na escola, eu tinha tudo... tinha umas bolsa ai cheinha ai... Ma depois os menino cresceu e foi tudo embora pra São Paulo, ai ficava com essas bolsa... oxe, eu vou jogar isso fora... ai peguei e joguei... até os menino parece que tava com os oito a nove anos em São Paulo, ai mandou me pedir "mãe, vê se mãe acha um documento dento dos livro lá, que tenha meus nome", ai fui obrigada, eu cacei, Deus ajudou que eu achei se eu não guardasse não achava... Ave Maria...

Inf. 2: até os pade não sabia ler direito... Se alembra disso? O pade chamava Jesus... oh ai oh... pode olhar...

Doc.: Ah, isso é uma Bíblia?

Inf.: É, um livro tirado da Bíblia... pra ler ai depende (rindo)... dê ao pade e o padee "eeeh" ai não conhece mais não... eu vi esses daí... (superp).

Doc. 2: Posso ver esses daí?

Inf.: Pode ver o tanto que quisier aí...

Doc.: E esse livro o senhor conseguiu como?

Inf.: Esses livro?

Doc.: Esse daqui?

Inf.: Esse daqui... esse daí foi de meu pai... isso já veio de meu avó... meu pai...

Doc.: Seu pai é?

Inf.: João Camarão que o povo chama... o nome dele é como... Joaquim Oliveira... é o nome dele.

Doc.: que é o que de Seu Pitanga? Já me confundi...

Inf.: É primo...

(superp.)

Doc.: O seu avó é irmão de Seu Pitanga?

Inf.: Meu avô talvez não seja não... eu não sei se é a mãe... acho que é a mãe que é parente dele... é um negócio assim [inint]. E isso aqui, sabe o que é isso aqui?

Doc.: hmm... um romance...

Inf.: Romance não... aí é novela...

Doc.: Ah, é novela né?! (rindo)

Inf.: Esses daqui é o romance oh... esses dois... esse daqui é uns livros doido eu comprei em São Paulo porque tinha um livro dos sonhos (superp)